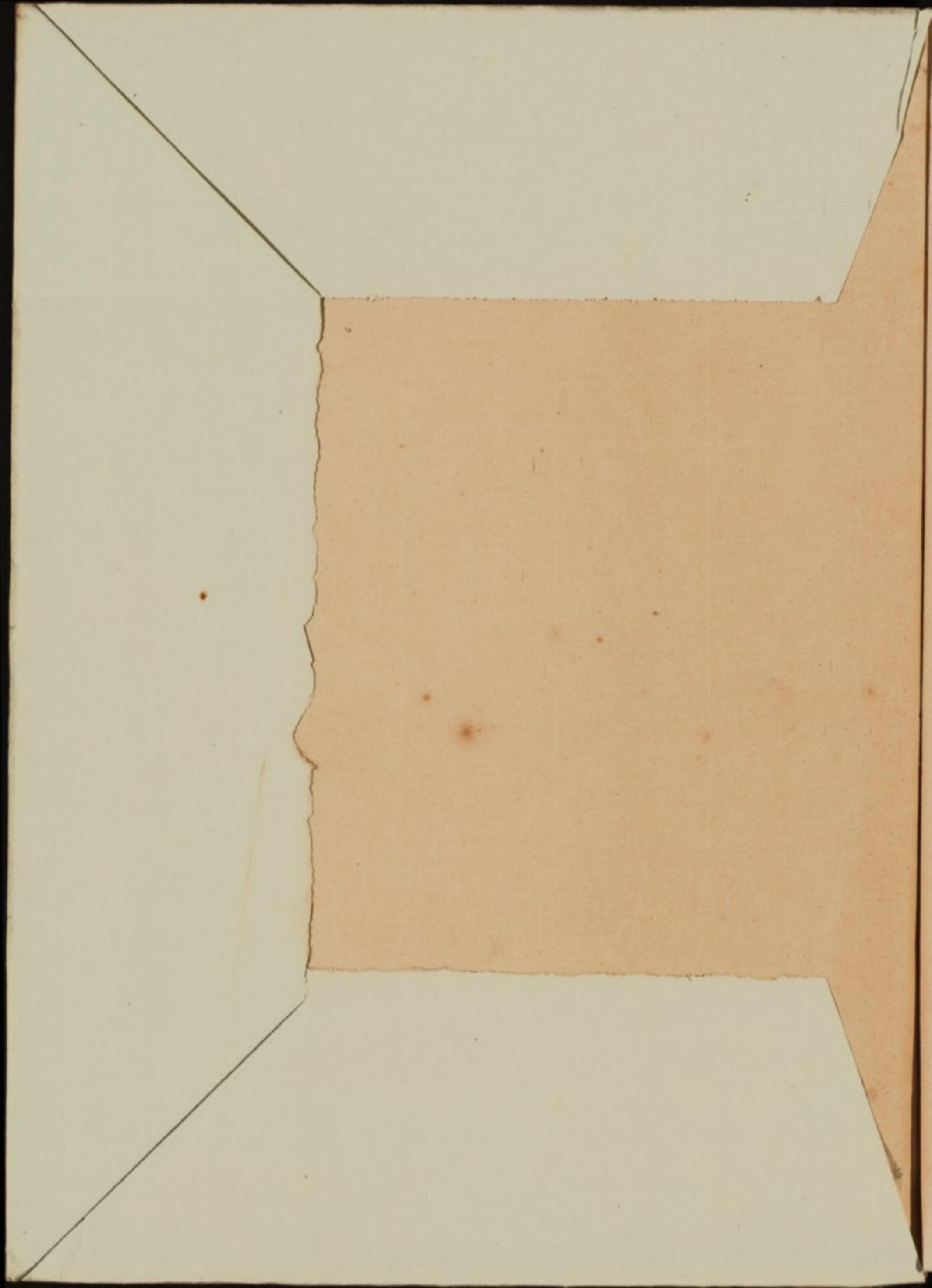
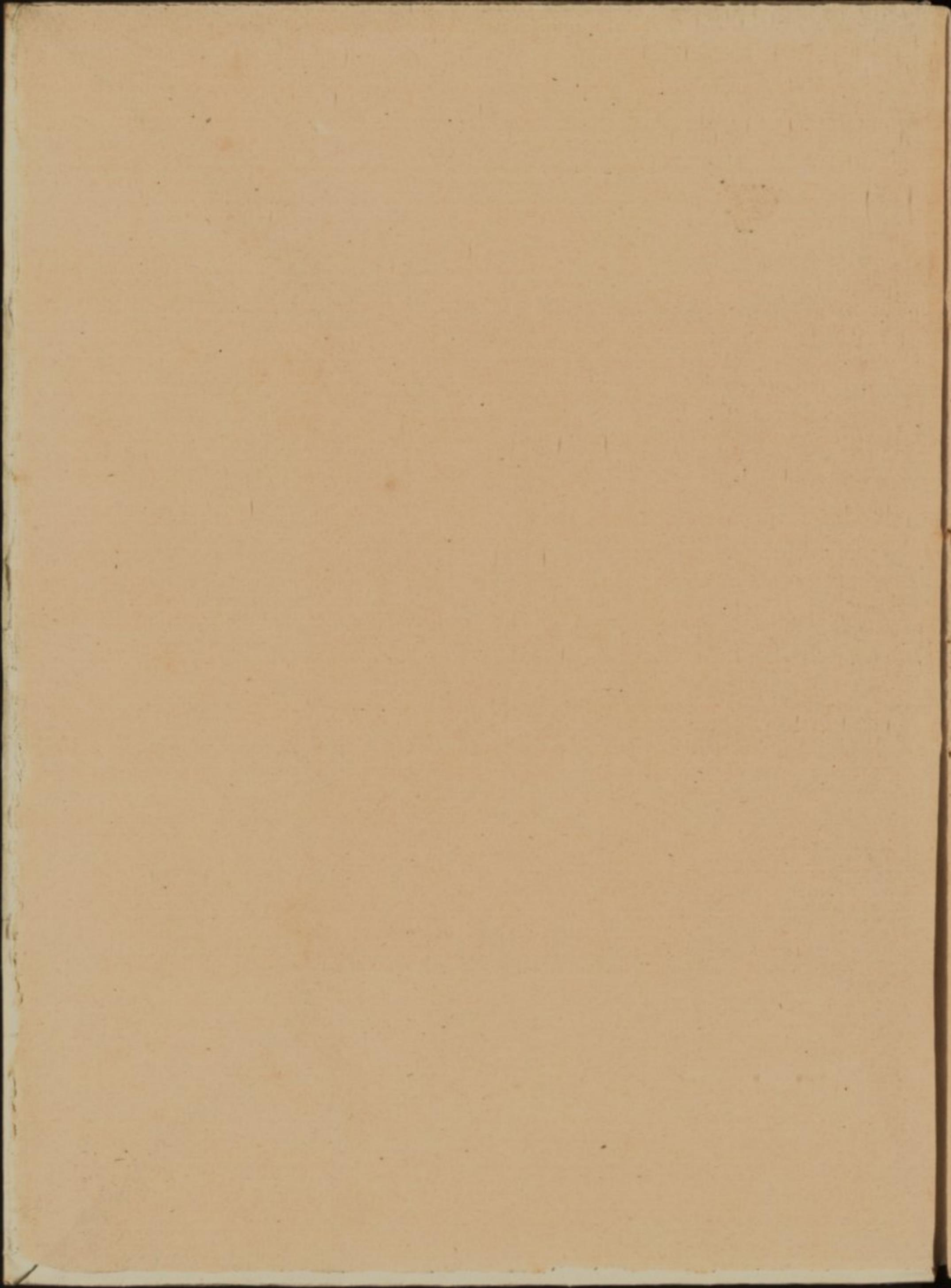


2





Q Novo anno historico, ou No
vo Diario portuguez. Noticia
abreviada de pessoas grandes e cousas
notaveis de Portugal.

Vol. IV

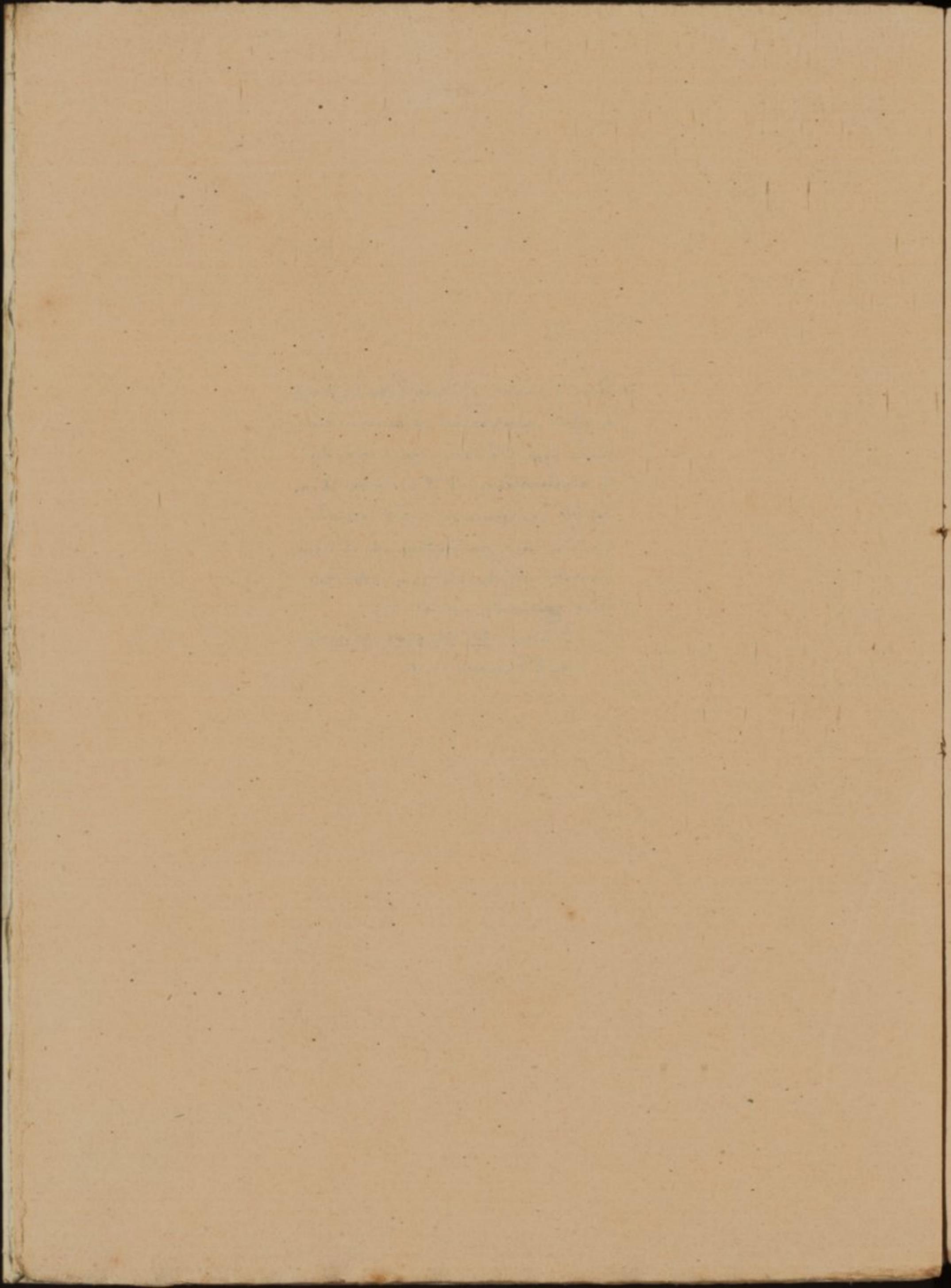
Primeira parte: cousas notaveis de Por-
tugal. = (3: tomo) =

Escrito na cidade de Coimbra, pelo autor — nos
anos de Christo de MDCCCVI e MDCCXCI —



« Pour l'esprit philosophique, il n'y
a plus vraiment d'autre his-
toire que l'histoire générale de
la civilisation, et l'histoire d'un
peuple quelconque n'est jamais
qu'un cas particulier de l'univer-
selle solidarité que cette his-
toire générale révèle. »

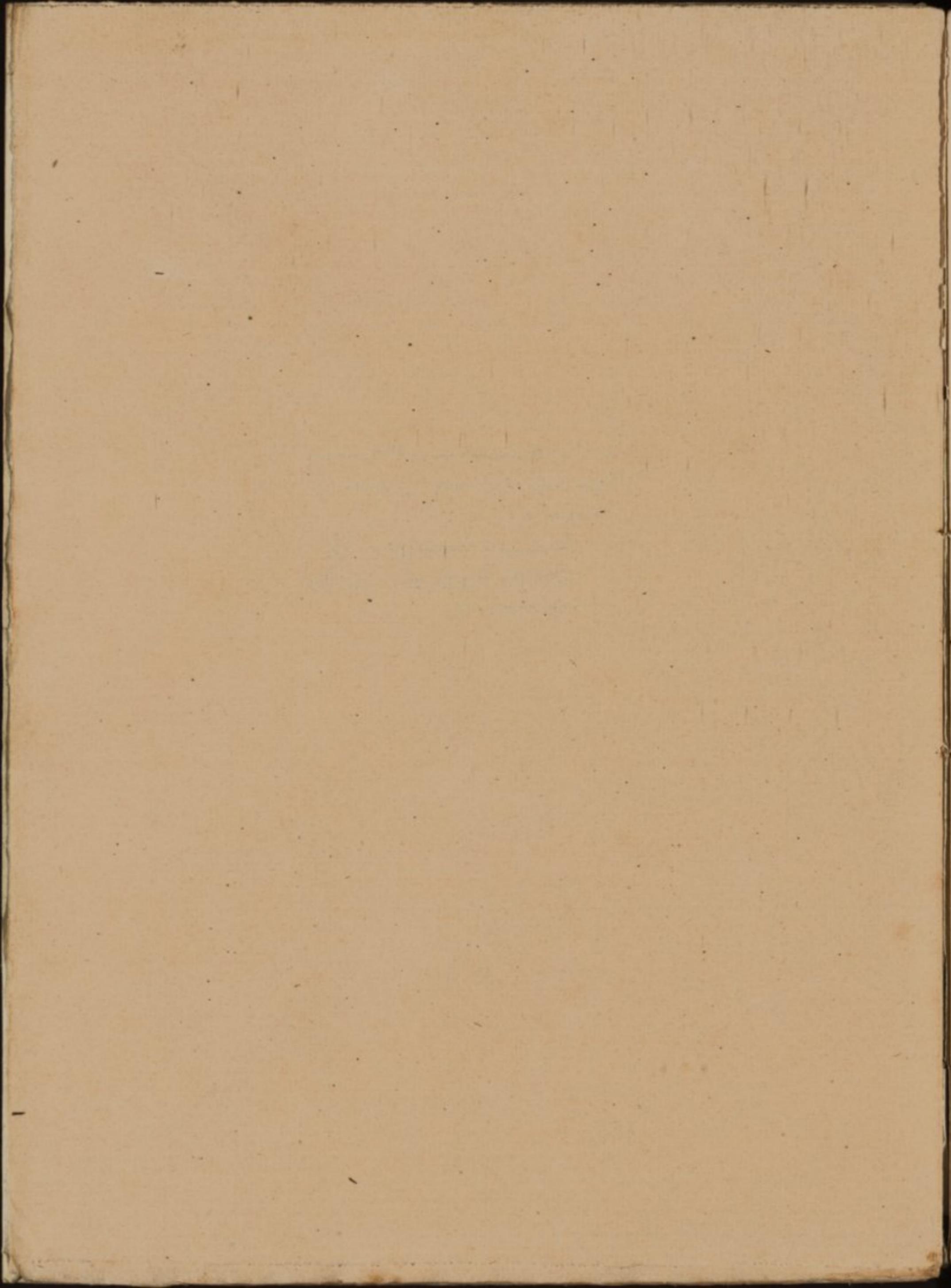
L. Cerna: Les devoirs naturels
de l'homme. — 71



«... a História, em ultimo aus-
lyse, são algumas paginas de
biologia.»

Manuel Laraqueira: B

"Cartilha Natural," e a Phy-
siologia - 17



4 d'agosto de 1578 = Alcácer - Kibir

O rei D. Sebastião — diz Oliveira Man-
sões no seu Historia de Portugal ⁽¹⁾ — foi o
Almirante alvares da ferdinad...

Quem collocou no throno a dynastia d'
Alviz foi esse Lencico Bandestavel d'Aljubar-
rota. Quem o lançou for terra, corroida com
gloriammente, fôbre e velha, foi esse cavallei-
ro portuguez que teve a infelicidade de su-
bir a um throno e que ainda hoje se espe-
ra for umos mania de nevocins...

Mullos foram Lencicos, sem duvida: a
Historia dá-lhes a aureola dos Lencos, au-

⁽¹⁾ Vol. II, p. 52.

los valentes, amllos nobres e efricos. E,
 com a mesma heroicidade que d'uni' alva-
 res levantou o throno glorioso d'Alviz,
 dois seculos depois esse «maravilha fatal»⁽¹⁾
 que foi d. Sebastião, o lançou por terra.

Por isso elle foi o d'uni' alvares da gerdi-
 cãõ...

Tragás «sem experiencia nem medo»⁽²⁾ co-
 mo diz Fr. Bernardo de Cruz lançou-se
 na aventura extraordinaria da conquista
 de Marrocos. Salvando glórias e novos rei-
 nos «para augmento da fequena christandade»⁽³⁾ elle lá foi regultar nas areias d'Affri-
 ca esse bello throno que Lerdau fãra de tem-
 po, com um cavalheirismo anachronico,
 restos de uma raça decahida q'elo corrup-
 çãõ do ouro e dos brilhantes da Índia.

Havia razão para o guerra? era necessá-

⁽¹⁾ Lusiadas, I, VI.

⁽²⁾ Chronica d'el-rey d. Sebastião, de Fr. Ber-
 nardo de Cruz — cap. 46

⁽³⁾ Lusiadas, I, VI

ria? Talvez; o que houve não havia era ordem, não havia uma cabeça que dirigisse. O rei era um leuco e o jesuíta machucava por detrás da cortina, prejudicando a occorria...

A viagem excitava os nervos do monarca; precisava de guerras, de combates, de dar largas ao seu temperamento doente e indomável. A esquadra de Affonso Henriques veio de Coimbra para o assultar como um valimão; e os bons conselhos para elle, eram paudices, zarvoices.

Por isto tudo, a viagem d'Alfice foi um erro enorme; e na verdade a 25 de junho de 1578 lá foi, barra fora a armada do rei de Portugal levando dentro de si um curioso exercito, organizado sem paullinas de methodo, composto de varias gentes, que não fodião, por modo algum dar força e unidade a uma campanha.

De portugueses levava 9.000 homens

4
gente lisoula; iam mais: alenteões, ita-
lianos, castelhanos e, como em Aljubarrota
lá estava o terço dos aventureiros de
Christouam de Tavora, « um esquadra de
" gente perdida, de mauehos diversos e ge-
" duitos temerarios e vaidosos »⁽¹⁾ a arre-
dar a ala dos namorados!

Atto todo uns 24:000 homens que no
dizer do chronicista foi « para jornada tão
" congreida, um grande exercito. »⁽²⁾

E lá foi tudo isto, dentro das oitocentas
milhas da armada, no meio de um luxo
doído, d'uma orgia vertiginosa.

A victoria era uma coisa certa; o
rei, apesar de todos os raticimios que lhe
acarrethavam para que não fosse, ia doído
de contente: « tudo aquillo era obra sua! »⁽³⁾

⁽¹⁾ O. Martins: Historia de Portugal - II, p. 60

⁽²⁾ O. Martins: Historia de Portugal - II, p. 61

⁽³⁾ Fr. Bernardo de Cruz: Chronica d'El-rey
D. Sebastião - cap. 65

⁽⁴⁾ O. Martins: Historia de Portugal - II, p. 64

Diz-se que levava já a corôa real para a collocar na cabeça de algum da derrota de Marrocos...⁽¹⁾

E assim que chegou quiz intervir-se pelo saiz, ir ao coração da barberia, atacar o muuro, obrigar-o a entregar-se. Desprezou todos os bons conselhos, todos os esforços que fizeram para tal se não fazer mas a temeridade cegava-o e marchou com todo o exercito para o interior.

Na planicie de Alacén - Kibir succederam-se os exercitos a 4 de agosto e ali se feriu um batalho que foi a mais desgraçada batalha em que entrou gente portuguesa.

O rei, no meio dos seus fidalgos, como um leão, via ainda a victoria a chaval-o mas o muuro, maior em numero e organizado, abafou os seus generosos impetos

⁽¹⁾ Veja-se Jeronymo de Mendonça: Jornada d'Alfrica - cap. II

em sangue derramado pela extensa glaucie.

A batalha foi cruenta; os nossos, no começo victoriosos pelo impeto do ataque em breve se viram envolvidos pela multidão enorme dos inimigos. O valor, a bravura, a heroicidade nada puderam contra o numero e a fôrça e fôrça foram caindo do lado sempre os invencíveis herões de Aljubarrota, de Din, de esvolda com o fô da extensa e arida glaucie.

Na confusão geral, confuso, um grupo de cavalleiros se não rendia: era o rei com os seus mais valentes portuguezes cercado por enorme multidão de mussulmanos.

As esgaldas voavam por sobre as cabeças dos meusos, num delirio: o moço rei, firme sempre, pousando talvez ainda com a derrada corôa de Manoscos, não se rendia apesar de todos lh'o perseguirem. E foi fim, sendo pelo sangue perdido a

batalha, chamou por Luis de Brito:

— Trazeis o estandarte? [#]

E como o visse, ainda tremulando
ao vento, meu desejo de victoria, disse:

— Pois abraçae-vos com elle e merra-
mos sobre elle... ⁽¹⁾

Mas em volta iam cahindo. Todos, cho-
rando, lhe pediam que se entregasse, que
não havia outro remedio... mas elle,
com uma tenaz obstinação, distribuindo
do golpes, dizia que o remedio era morrer.
E acrescentava convinto, para Christo-
nam de Favors, que chorava, pedindo.

De que fora daro á sua leucura:

— Morrer, sim! mas devagar!...

E desappareceu d'envolta com o tumulto
das d'inimigos e da guerra da terra.

Da almas folgular ficou para sempre
gravada a parte triste do memoranda. Mor-
reu com elle a febre e por isso, esfe-

⁽¹⁾ Fr. Bernardo de Brito: Chronica d'El-

raudo sempre um messias, o povo espe-
rava o globe rei, d'envolta com a neve
d'uma manhã formosa, escaudido, enco-
berto para dar flicidade ao Portugal que
elle fôra enterrar nas terras d'África.

==

[28-VII-904]

rey D. Sebastião - cap. 68

Bibliographia: Fr. Bernardo de Cruz:
Chronica d'El-rey D. Sebastião - Jeronymo
de Mendonça: O Conuato d'África - Oliv.
Martins: Historia de Portugal, II, liv.^o V, cap.
III - Rebello da Silva: Historia de Portugal,
Volume I - Pêdreiro Blazes: Historia de Portu-
gal, IV, cap. 23 - Edmundo d'Almeida: Mas-
rocos, p. 139 {trad.^{ão} de P. Blazes}

II

8 de novembro de 1401 = A Casa de
Bragança. -

No dia 8 de novembro de 1401, celebrou-se em Lisboa um casamento que foi a origem d'uma casa notavel em Portugal, a casa de Bragança.

O Mestre d'Ariz fizeo casar um seu filho bastardo, o conde de Barcellos, com a filha legitima de Dom'Alvares. As bodas foram feitas « mui honradamente » diz o grave Fernão Lopes⁽¹⁾ e á corte accorreu toda a gentry notaveis do reino, homens justos e torneios, « games de mestradas e outros jogos⁽²⁾ » a que não faltou

⁽¹⁾ Cronica de D. João I - 2.^o parte, cap. 206

⁽²⁾ Idem - 2.^o parte, cap. 206

a alegria do Mestre e a candida satisfação do Condestavel.

O conde de Barcellos era filho de Lopez Pires — o quem o Sr. D. Thomaz de Vianna, por delicadeza fidalga concedeu um don⁽¹⁾ — uma rapariga de Veiros, filha d'um pagateiro que ficou conhecido na historia pelo nome de Barbadao.

O fallecido Bispo Leal chamava ao pobreredito pagateiro « judeu ⁽²⁾ camarro » e acrescenta, talvez ironicamente — e que nós transcrevemos com vista ao Sr. Mathieu Nias — a seguinte phrase profundamente democratica: « é deste pagateiro judeu que procedem muitas casas reais da Europa e grande numero das principaes casas titulares de Portugal. »⁽³⁾

⁽¹⁾ A base de Bragança — § 7.

⁽²⁾ Portugal antigo e moderno, I, § 485

⁽³⁾ Ibidem — I, 485 — O Sr. Teisreira de Barcellos, mais brando, diz: «... Lopez Pires fille d'un honnête bourgeois de la vil-»

Logo quanto ao noivo. A noiva, D. Brítez Pereira, era filha do Condestavel — a quem o juriscavulto Silva Ferraz chamou «o Sciglião Lusitano»⁽¹⁾ e de sua mulher D. Leonor d'Alvim.

Se o noivo tinha um avô, sagoteiro judeu, a noiva tinha um avô padre; sangue de padre e sangue judeu foram a base de uma illustre familia ou o «treuco» como dizem as historias d'instrucção primaria.

O que é verdade é que o Condestavel foi «cumto lido»⁽²⁾ com a ideia do casamento; o rei deu largo dote, e um'alvares foi tambem em mãos-nôtas⁽³⁾ e a festa fez-se, como disse o autor do Condestavel «com

le. de «Veinos...» [Les Cantemjorains, p. 562]

(1) Tratado sobre direitos e encargos de Sarcinis sive Casa de Bragança — d'edictoria.

(2) Tratado sobre direitos e encargos de Sarcinis sive Casa de Bragança — d'edictoria.

(3) Tratado sobre direitos e encargos de Sarcinis sive Casa de Bragança — d'edictoria.

" real sangue e igual contentamento » ⁽¹⁾

Desde esse dia se pôde contar o começo da casa illustre: cruzamento do sangue nobre do Mestre d'Alviz com o sangue heroico de Alui' alvares. Não foi, porém, da mulher a espécie, o cruzamento.

" « A inferioridade injusta pela bastardia, diz Oliveira Martins, azeitou o caracter do conde de Barcellos, acendeu-lhe a ambição e como a todos os bastardos lançou-lhe na alma a penitente de inimizade e despeito. O bastardo de D. João I, insaciavel, ansioso por vingar com o poder e com a riqueza a inferioridade de sua origem, ferante inuções mais nobres a todos os despeitos, conseguiu fender-se: subir, vando como falcao, e insinuar-se rojando como serpente. » ⁽²⁾

At base era má, sem duvida alguma; o conde de Barcellos na sua descendencia, só

⁽¹⁾ Rodrigues Lobo: O Bandestabe de Portugal
D. Aluathares Pereira - auto XX, p. 451

⁽²⁾ Os Filhos de D. João I - I, p. 5-6

teve gente egoísta, má, ambiciosa, manhosa
e quantas vezes covarde!

O paiz de Amalvares gorden-se logo
na sua propria filha...

Passado um anno, em 1402, nasceu o pri-
meiro filho⁽¹⁾; no anno seguinte, o segundo⁽²⁾,
e em 1449, nesse periodo agitado d'intrigas
— em que o caracter baixo do conde de
Barcellos se mostrou a mi — que termi-
nou a zela nobreza d'Alfarrobeira, D. Af-
onso recebeu o ducado de Bragança, que
transmittiria aos seus successores ininter-
ruptamente como a triste herança d'um
baixo ambicioso.

O segundo duque foi D. Fernando, a quem
chamaremos uma nullidade, para não lem-
brar as intrigas contra seu tio, o nobre du-
que D. Pedro.

⁽¹⁾ Foi D. Afonso, conde d'Aurem, que morreu
em 1460

⁽²⁾ Foi D. Fernando, conde d'Alfayellos, e que
succeheu no ducado de Bragança.

O terceiro, tambem D. Fernando, consi-
 ram contra D. João II, foi anilhado em for-
 mado, zelo que foi decapitado publicamente
 em Evora.

O quarto, D. Jayme⁽¹⁾, um desequilibrado,
 era aquelle a quem Camillo chama «uma
 "devota besta-féra."» Matou a esposa, um dia
 com cirrues⁽²⁾ e genitriciou-se com
 barchos e fazendo guerra em mancos zelo
 que foi proclamado heroe zelo zelo artista
 Leão X.

O quinto, o sexto e assim for deante,
 são uns successos de fidalgos cujo luxo e or-
 tentação humilhava com a casa real⁽⁴⁾, mas
 cujo character era uma causa dubia, tarduosa,

⁽¹⁾ Nasceu em 1479.

⁽²⁾ Guerra em ruínas: II - Trados, urro e um
duque de Bragança - p. 25

⁽³⁾ Ver a data de 2 de novembro, Um duque
de Bragança, vol II, p.

⁽⁴⁾ Ver D. Thomaz de Siqueira: O caso de Bra-
gança, cap. II e III; O Pantheon, V; O Archivo
Pitaresco, IV.

que se mostram bem no oitavo duque, D. João, que á força, foi feito rei de Portugal. (1)

Desde for deante, os duques de Bragança tem sido monarchas portuguezes: mistura de caracteres diferentes, todos elles, mas nos quaes « é força recantarem que não vieram a pertencer da nobre raça de Almuálvares; viu-se em todos elles a descendencia do crasso sangue alentejano da filha do Barbado. » (2)

O sangue do herde e do ponto, o sangue do vencedor d'Aljubarrota, não teve descendencia...

Por isso o Sr. Guerra Junqueiro, no seu

(1) Ver neste Novo annuo Historico, o volume dos reis. (1.º cap.º)

(2) Oliveira Martins: Historia de Portugal, II, ff 262. — No altura em que este artigo foi escrito, sobre o livro do Sr. Basilio Vellos: Do ultimatum ao 31 de janeiro; e ff 227 do notavel volume bem o seguinte, a proposito ~~que~~ do que tem sido a casa de Bragança, como casa reinante: « A familia a quem tinhamos em

descolhido joia Patria que no ingenua
bocca do meu'ahuares as seguintes pala-
uras :

« Tudo notei sem zera e bem acincha
A' cruz do Redemptor e á cruz da esgada
Ho meu Deus verdadeiro e á gloria minha,

Jurando guardar sempre e bem guardada
Uera alua zera em natureza zera
Qual em ambula d'ouso hostia sagrada.

Ai de mim! ai de mim! faltei á zera!
Ai de mim! ai de mim! fague uma zera
Logo de não queimou, lingua zezera? »

Se a sua descendencia foi assim, fague
não meoem elle, novo, zera, como ti-
ntam sido os seus desejos?

" fado a nossa parte, tão radicalmente existia
" e mediocre que nem um só grinceza illustre
" ou sequer dotado d'algum talento, e patriotis-
" mo, conseguio dar a Portugal — esse redusio
" e sua actividade de dois seculos e meio, a go-
" sar o fendo que recebem gratuitamente e a
" cumpria com zedacos do nosso ingenio ultra-
" marino os favores Lygoticos do nosso notha

Por isso a sua ergada gloriosa que ficou abra-
vez da historia como um symbolo, aquella
ergada acerca da qual o alfageme da benta,
disse :

« Eil-o, pechar, vora ergada !
.....
Quando me invade a bacia
Logo é grimeira gancada, (1)
Fuzilou que era uma estrella ! »

essa ergada, diziamos, não teve quem a le-
vantasse, de pois que o seu cargo se amorta.
hou para sempre nem a ella do seu conven-
to do Carmo ; essa ergada que rutilou em
Aljubarrot, que ainda assistiu a benta, é
logo uma curiosidade que se mostra : um
ferro de chuey enferrujado, carcomido...

Essa ergada, heranca heroica e gloriosa

" amigo e alliado. Não era pois para admirar
que a moçad fosse cahindo gradualmente... »

(1) Bulhao Pato : O Alfageme — no num: 1
do Revista litteraria, scientifica e artistica, do
Seculo.

que logo o primeiro Duque de Bragança
transformou num fero assassino, e que
os outros, ao passo que o tempo passava
iam esquecendo por que nem para lhe dar
aquella afflicção elles tinham força e cora-
gem, ferden-se de todo para Portugal.

O Condestavel, num assaio de heroica e
ingenua indignação anemessou - a ó noite
escura :

« Cavalleiros esgoda retumbante!
Se nesse todo amargo um braço existe
De profeta e de heroe que se levante! »⁽¹⁾

A esgoda desaffareceu no abysmo do mo-
te... Quem a levantou?

Ninguém!

Ninguém goza com elle; cahiu no todo
vil e lá ficou sem que uma mão caridosa
de valente, sem que alguém dos netos do he-
roe, fosse capaz de « tirar, gol-a á luz do sol

⁽¹⁾ G. Junqueira: Patria - p. 166

a brilhar, a brilhar, heroica, gloriosa e forte!
Ninguém!

... zoreira se alguém o tivesse achado, já
os jornais de grande circulação mol-o de-
riam cantado com todos os zoreiros e to-
das as misérias...

==

{31-X-25}

Bibliographia: Ferrad Lopes: Chronica de D.
João I, 2.^o parte, pag. 204 — D. Thomaz de Ville-
na: A casa de Bragança — Teixeira de Vascon-
cellos: Os Benturgarinos, 2.^o parte, pag. V —
Silva Ferrad: Tratado sobre direitos e encargos
da serenissima casa de Bragança — Pinho
Leal: Portugal antigo e moderno, I, p. 85
— Oliveira Martins: Os filhos de D. João I,
pag. I — Rodrigues Lobo: O Condado de San-
tugal de D. Nuno Álvares Pereira, Joazeiro, anno
XX. —

16 de novembro de 1573 = Uma fac-
ta d'outros tempos.

Um curioso do século XVI deixou-nos
escrito, com o mais laudável intuito, a
Historia de tres cercos de Malaca em tempos
do governador Antonio Maniz Barretto, n'
um volume raro decerto, que se tem trans-
crito num Archivo Bibliographico.⁽¹⁾

Jorge de Lemos, o seu auctor,⁽²⁾ não queria
de que se esquecessem essas memoraveis
cercos e maravilhas daes que transcendem

⁽¹⁾ Coimbra, 1877. [Imprensa da Universidade]

⁽²⁾ O livro tem o seguinte nome: Historia
dos Cercos, que em tempo de Antonio Maniz
Barretto, Governador que foi dos Estados da In-
dia, os Acheus e Jão, fizeram a fortaleza
de Malaca, sendo Tristan Var de Veiga Capi-

21

" e sobrepujaram a aguidad dos homens »⁽¹⁾ re-
soluam descrevel-os logo que, os homens que
logo o futuro quisessem historial-os melhor,
« com mais facilidade os fodessem trans-
formar... »⁽²⁾

Com esta concessão do reide ascripção, con-
cessão magnanimas, vamos referir-nos a
uma façanha que na obra vem descrita en-
tre muitas outras.

El 15 de novembro de 1573, Tristão da Veiga,
capitão-mór de Malacca, gardia da cidade
com um insignificanté frota, com o fim
de procurar a armada do Achem, desafiou-a
e um combate a destruiu-a.

A generosidade de Tristão da Veiga ao largar a
cidade cercada, não se acausava sobre coi-
sa; ia procurar a foderosa armada, inimiga
destruiu-a de vez, logo que não fodesse vir

lão d'ella — brevemente camofo do Jan Jorge
de Leemos —

⁽¹⁾ Historia cit.^o — dedicatório

⁽²⁾ Historia cit.^o — dedicatório.

junta-se com as forças nítidas e tornar muito feio o estado em que já estava essa campanha da gloriosa d'Albuquerque.

Dentro da cidade, o cerco estava agitado, «o mais agitado e trabalhoso que podia ser.»⁽¹⁾ Deus, segundo o cronista citado, castigava assim os habitantes, o fogo de fúria «gela
"continuação de fúrias que cada dia convertia
"principalmente gela de insaciavel e acosa cu-
"lica e de cega e desenfreada sensualidade.»⁽²⁾

Tristão da Veiga, feroz, mais gráfico, parece imaginar naturalmente que o cerco fosse castigo de Deus ou de Diabo, viu bem a situação e avaliou quanto utilidade teria a destruição da grande armada inimiga que estorvava todo e qualquer movimento por mar e cordava as comunicações com a Índia.

Temerário sem dúvida, mas essencialmente gráfico, lançou-se á facanha, couseio

⁽¹⁾ Historia cit.^o - 1.^o Parte, cap. V

⁽²⁾ Historia cit.^o - 1.^o Parte, cap. VI

da victoria. « As obras devem ser acabadas,
 " ou o melhor é não se metter a gente n'el-
 " las » disse tres seculos depois Camillo Cas-
 " tello Branco ⁽¹⁾, o que de certo passou pela men-
 " te do avarado capitão-mór de Malaca, e nesta
 " resolução mandou desfraldar as velas á sua
 " proa: uma náu, um galeãozinho, tres ga-
 " leotas velhas e cinco justas, quasi todas desa-
 " garrachadas e de fôrças e velhas, mal maninha-
 " das e peor garrachadas! » ⁽²⁾

« Não leveis em cada embarcação mais de
 " tres arrobas de pólvora e no guarda, além
 " dos trescentos soldados já como « clusmas
 " de escravos que os moradores dão esse effei-
 " to empregaram. » ⁽³⁾

Mas, lá foi. A sua esquadrilla, ao menos,
 " avari de ter estado varada em terra, como
 " inutil, garrachada e deente, fodia — tal
 " como hoje! — e como diz o citado chronicis-

⁽¹⁾ Anua de yndia

⁽²⁾ Historia cit. — 1.º tomo, cap. VI

⁽³⁾ Historia cit. — 1.º tomo, cap. VI.

ta, « iungão de boas »⁽¹⁾ e la seguinte « qual velha
" casquilha »⁽²⁾ mas em fôrça, meua grossa e
adrenida e arrogante.⁽³⁾

No dia seguinte, dia 16 de novembro,
á barra do rio Toronoso, a ridicula esqua-
drilha portugueza viu, ao longe, a poderosa
armada inimiga.

Fugio em fôrça de tão poderoso com-
gredidor?

Não. Tristão da Veiga mandou que os
seus navios se collocassem em linha; pel-
tam fora uma galeota e dirigindo tudo, ex-
hortou os seus homens, lembrou-lhes os
seus deveres e « alvoroçou-os com o gro-

⁽¹⁾ Bettetencourt: Descobrimientos, guerras e con-
quistas dos portuguezes, etc — p. 365

⁽²⁾ Bettetencourt: Descobrimientos — p. 365

⁽³⁾ «... Todas as em barcações que, for quasi
" iunctas se achavam varadas em terra, foram
" logo esgicadas, queimadas ou esgalvadas, ja-
" ra ao menos poderam iungão de boas. Esta es-
" quadra sahio ghorosamente de Malaca
" qual velha casquilha, com as suas poucas vel-

"verbis muito trilhado entre elles que aos su-
"rados favoreciam e ajudavam prodigamente
"os fados."⁽¹⁾

E valendo-se do vento, lançou-se á ar-
mada contraria!

A artilheria começou; trovejou d'um e
d'outro lado, levantando nuvens de fumo;
as duas armadas estavam envoltas numa
grande fumaceira. Só os flebeus e as ba-
las se viam atravessar, zumbindo, for entre a
mistração dos navios.

Então, deu-se o que o capitão-mór tinha
ordenado: a artilheria dos portuguezes calou-
se e enquanto a dos inimigos trovejava é
doída, sem ver, com o fumo, para onde adi-
rar, os honores de Tristão Vaz foram afer-
rando as suas embarcações ás náus do cel-

"las enfumadas e os seus fuzeses farrados...
"... A ansadia já era para admirar." [Emilia
no de Bettencourt: Descobrimientos, guerras e
conquistas etc, - p. 345]

⁽¹⁾ Historia do cerco cit.^o - 1.^o parte, cap. VIII.

bre Atchem e assaltaram-nos, já que não
tínhamos gólvora para mais tiros.

Disto consistiu o regado da victoria. Foi
um artil usado mas portira o efeito de
rejado.

Fernão Peres d'Albuquerque — insigne nos
feitos da Índia ⁽¹⁾ — aterra com o seu segue-
no navio de trinta e tres homens uma galé
e a metter no fundo; Fernão de Lemos, n'
uma das galés arremessou-a com tanta for-
ça e os homens tiveram tal pressa no as-
pello que se viram e tudo cahiu á agua, au-
de mesmo assim combatteram e mataram
muitos inimigos; Francisco de Lima, com
uma galéota abordenou uma galé, matou a
guarnição e lançou-lhe fogo; Tristão Vaz

(1)
«... Fernão Peres d'Albuquerque o quejacom-
" ganhar depois de satisfeito e rico (con-
" ra que obriga a muitos recusar o trabalho,
" para evitar o enfadamento e fastio que a
" guerra traz consigo com grandes represen-
" tações da morte . . . » [Historia cit.º, 1.º parte, X]

foi direito á gale' capitaina do inimigo
 «tão descomulgada de grande que foi ma-
 " rinha poder-se desbaratar com duzentos ho-
 " meus de galeja que nelle havia;»⁽¹⁾ João de
 Torres, Manuel Ferreira, Manuel Henri-
 ques, e outros com os seus navios velhos, fi-
 zeram tão prodigio de valor que a armada
 do Acheu ficou destróçada no meio do
 seu formidavel disparar d'artilleria e dos
 rolos interiores de fumo que o vento, como
 estava brando, não levantava immedia-
 tamente.

Vencera ainda uma vez a velha grossa
 portuguesa, que, arrojante dentro d'uns ve-
 lhos e muitos navios desafiara suradamente
 de uma poderosa esquadra.

Vencida, pois, o capitão-mor Tristão Vaz
 de Veiga fez-sei os tres dias do estylo, no
campo, passados os quaes, alternamente,
 «mandou voltar as bandeiras para ma-

⁽¹⁾ Historia cit.^a - 1.^o tomo, cap. X.

" laca, com muitos sinais de alegria ⁽¹⁾ e en-
de entrou em triumpho glorioso.

" « Dande se go'de bem cocheir — diz o
" drumeista — que no espirito vehemente, co-
" mo diz o Galunista, venceu Tristão Vaz a ar-
" mada de Helem e não no poder humano ~~co-~~
" com que zelavam... » ⁽²⁾

==

{8-XI-905}

⁽¹⁾ Historia cit.^o — 1.^o parte, cap. IX.

⁽²⁾ Historia cit.^o — 1.^o parte, cap. IX.

Bibliographia: Historia dos cercos que em
tempo de D. Duarte Mascis Barreto, Governador
que foi dos Estados de India, os Helem e Jão Ju
zeram e fortalezas de Malaca, sendo Tristão Vaz
de Veiga Capitão d'ella — brevemente composta
por Jorge de Lemos — ... — Em Lisboa, anno
de 1585 [do Archivo Bibliographico, Coimbra,
1877] — Emiliano de Bettercourt: Desc-
brimentos, guerras e conquistas dos Portugue-
ses em terras do ultramar, nos seculos XV e
XVI [ed. com litographado, no centenario do ba-
nco], liv.^o II, cap. 25.

IV

30 de novembro de 1807 = Entrada
de Junot em Lisboa.

Por occasião da última visita do general
Loubet a Lisboa, o britânico jornalista
João Blagos comparando esta entrada do re-
presentante de França com a entrada d'um
outro — Junot — de França de Bonaparte,
disse: « o Sr. Loubet encontrou as ruas do
" seu gercuro deias de gente; Junot também
" as encontrou aginhadas. Ao Sr. Loubet a
" multidão d'hoje atirou flores. Aos soldados
" de Bonaparte, a multidão de 1807 — garru-
" nos vocante! — atirou gás! »⁽¹⁾

Esta phrase « atirou gás! » é sem devi-

⁽¹⁾ França! — artigo no Parodie, de 27 d'octu-
bro de 1805.

da alguma a phrase que melhor pôde exprimir a recepção do general Francey; não fosse que se lhes lançasse — a esse exercito glorioso de dezenas de batallas — das janelas e das portas o grito como quem o adira a um meu dize que fosse; mas porque, de facto, os soldados ao entrarem pelas portas do cidade, — como já tivemos occasião de dizer — «*unum agnum d'algem. canica*»⁽¹⁾, aquillo de que mais necessitavam era gão e um agascho, o que o João Portuguez, sempre bom, faciente mesmo fora com os inimigos, lhes deu immediatamente, como quem consola um esfoameado que fosse pelo grito.

«*A multidão de 1807, diron gão!*» phrase que bem exprime simplesmente a fome dos vencedores e a tradicional bondade e generosidade dos vencidos.

Não havia duvidas: fumaça ainda coberto

⁽¹⁾ Neste Novo Thesouro Historico, vol. II, p. 18, at Legião Portuguesa.

de gloria; o seu exercito vinda com voses victoriosos, mas para conseguir a marcha de Albrantes para Lisboa, pediu ao Portuguezes ajuda para andar, e não para correr!

A 2o de madrugada — 3o de novembro de 1807, deixei de uma marcha aventureira a travez da Hespanha — Junot pediu de socorro com a gente que ainda reunira.

Luvia; os caminhos estavam enlameados; as ribeiras transbordavam; os rios inundavam os campos e o vento furioso atrozmente com successivas batidas d'agua, quem se aventurasse fora de casa.

A travez de Portugal, de Castello-Branco a Albrantes, de Albrantes a Sacavem, o brillante exercito da Gironda, como um formidavel exército de gigantes, amastava-se miseravelmente; aqui e ali, morto, cheio de fome, um ou outro soldado francez caia para não mais se levantar sobre um lambeçal de estrada; ao lado jaziam os seus camaradas, arrimados-se ás espinheiras como a um bordado;

imgrorissavam-se grandes fôrças sobre cada
 torrente desses «medanhos desfiladeiros da
 Beira»⁽¹⁾ como diz um escriptor francez; a
 fôlvera ia estragada quasi completamente
 pela agua; as arvores não funcionavam; e
 pelas aldeias, pelos povoados, como lobos es-
 faimados, rotos, ruijos, com a barba crescida
 a dar-lhes o aspecto ruão do saltador, os pol-
 dados gloriosos de Napoleão, bebendo com as
 carochas nas mãos, arrastando-as ás
 bayonetadas, gritavam

— Pão! Pão!

Os fôbres Lulidantes, transidos de peste, de
 vomito e de diarréa, caíam. Entravam; o ex-
 ercito reanimava-os, o fôbre fortalecia-os com
 fôlhas e o vinho, em breve, no seu eterno fô-
 del pulvia-lhes á cabeça e em fôlhas de
 res valentes que antes fediaem fôbre, cahiam

⁽¹⁾ «... les effrayantes gorges du Beira...»
 diz Tissot na obra Precis au histoire abrégée,
des guerres de la révolution [p. 50]. Sempre o
 exagero e a pouca veracidade historica!

para o lado, belhedos⁽¹⁾. Deleis, anastando-se
cambaleando, lá seguia a estrada com
os pés mettidos zelos lambeas, voltando
phases soltas de soldadesca que para o nosso
quidar tiravam a vantagem de per ditos em
francy...

Mais atrey, com esforços inauditos, a des-
fazer-se, seguia a carriagem, a currua perie
de carros de munições, de vivares, de bagagem
cabiudo zelos ribanceiras, ficando abandonados
nos lodações.

Mas, não ingentave! Junot sentava com
o bastão de marechal⁽²⁾ e havia de entrar po-
lennemente em Lisboa.

Quem sabe? A Base de Bragança deixá-

⁽¹⁾ Ver Camargo Junior: A Villa de Polico - 1º Jan-
te, cap. VIII.

⁽²⁾ «... gerando no qual (bastão de mare-
chal) fizera toda a sua marcha aventureira des-
de a gente do Bidasoa até ás caméginas alaga-
das do Tejo. Marrao peem elle.» {Fernandes
Costa: Memorias de um ajudante de campo,
I vol^o, p 96 }

ra de reinar seguindo um decreto de Napoleão⁽¹⁾ e talvez que a coroa portuguesa não ficasse mal na sua cabeça de antigo soldado valeroso e inquieto...

O mundo dá tanta volta!... Que diabo! É convencido d'aquillo que em portuguez se exprime pelo adagio « morra o homem, fique a fama » fust vestido espectralmente de coronel-general d'Lusar, imponente, agumado com todo o garbo, montou a cavallo e pegou estrada fôr.

Para onde ia?

A estrada, se o não tinham encerrado, levava-o a Lisboa, de certo; mas o que é que aconteceria no caminho, á estrada, lá dentro mesmo da cidade cujo tamanho de tíntam exagerado?⁽²⁾

⁽¹⁾ Esta decisão de Napoleão veio inserta no n.º 11 do Moniteur, de 13 de novembro de 1807. [V. G. Cesar: Breve estudo sobre a invasão franco-espanhola de 1807, cap. IV]

⁽²⁾ «... une population de trois cents, mil.

Tosse como fosse! Adiante!

Continuava a chuva; o cavallo escarvando no chão palficava mais os restos andrajosos das golainas dos granadeiros da sua guarda-avancada. À esquerda o Tejo, arrastando uma corrente caudalosa, barrenta; à direita, os campos, collinas e terras, desertas, agrestes, sem viva alma. Havia uns mil e tantos homens que grande reunir a custo, entre os mais valentes ou os que mais resistiram à marcha; e adiante, a vaga espectral de gloria, de fortuna, d'uma corôa real...

De repente, zozem, zache. De repente, na dobra d'um caminho, um zelotão de cavalleiros portuguezes. Trinta, não mais...⁽¹⁾

Justo viu bem: se esses trinta portuguezes

"quante mille ames... » [Tissot: Précis en histoire abrégée... p 502] « Elle exagere a população da cidade que segundo por de 350 mil almas... » [Memorias d'um ajudante de campo, I, p 94]

⁽¹⁾ Este caso vem contado nas Memorias

nes mettessem esgoras aos cavallos e, de
 esgoda em junho, carregassem sobre os peus,
 a brilhante guarda avançada do exercito
 da Gironda, seria immediatamente destro-
 çada, derrotada e elle, o futuro marechal,
 o futuro rei, preso, levado com escarneo á
 fogueira revoltada d'uma grande cidade.
 Não havia duvida: os trinta... chegavam!

Junho chegou, não hesdou tempo para
 pensar; correu para elles, juntou-os á sua
 escolta e mandou que lhe permissam de
 ir para Lisboa!

E assim foi...

Lisboa era já adiante; e dentro d'algum
 tempo — seriam oito horas de manhã — o
 general francez, sempre adornado no seu
 bello gorro marcial, comendo o brilhante
 uniforme um pouco amarrado pela chu-
 va, recebeu os cumprimentos do conde de
 Noronha, seu comandante da policia, e correu

d'um ajudante de campo — I, ff 94-95.

fendeu garbosamente a continencia de
 guarda real portugueza que o esgrava, como
 guarda d'honra e fôrta da cidade, e peguindo
 pela sua fasia caracolou o cavallo, obtendo
 fôrta as damas que agradeciam a janelle e
 com soberbo desdenho fôrta o fôrto que se agi-
 ntava em alas fêlas suas do fercurso. ⁽¹⁾

Além, os tambores dos granadeiros não
 conseguiram marcar a cadencia; trocavam
 a cada fêdra, mas não calçadas da cidade.
 Os fardamentos, robes e pejos estavam em-
 bastados pela chuva e pela fumaça polvê a fê-
 le dos soldados; mal se fôdian algumas, for-
 momentos, fôrta não conseguiram o fôr-
 gradar, mas logo cahiam sobre as armas
 a que se encostavam como a um bordão
 de camilheiro.

" A fôrta fôrta, fôrta, « desfrescuf-
 do na publicidade quichotesca do seu arro-

(1) «... as suas eram cobertas de innumeros
 fôrta...» [Observações portuguezes historico-politico... p. 21]

jo » ⁽¹⁾ seguia iunguido, uencidas, triunfal-
das, sem uma morte, sem um tiro, sem gol-
vora nem mesmo fogo nem cartucho.

E na sua arrogancia d'orgo cœmico, en-
tre as varias ~~que~~ causas que decretou, antes
de entrada triumphal, foi que assegurava
a cidade — isto dig-nos o pouco esquecido
Bauillo ⁽²⁾ — que « a virtude das virgens e
das mechas resfritas desse resfritavel esta-
do » seria inviolavel e sagrada!

A tradicional gentileza dos pauceres!
E os soldados a pedirem ... fogo!

Era a primeira vez que Napoleão apre-
cia em Portugal; fô a primeira vez os seus
homens entraram por nossa casa. Mas,

⁽¹⁾ Memorias d'um ajudante de campo, I,

p. 95

⁽²⁾ Carlota Augusta, romance — p. 142

Bibliographia: Fernandes Costa: Memorias
d'um ajudante de campo, I, cap. IV — Victo-
riano José Casar: Breve estudo sobre a inua-
são franco-berquibols de 1807 em Portugal,
cap. IV (no Revista do Exercito e do Armado, vol.

como a accusar de grande vale, ou fide na
 ter a ambiguidade dos humores, o exercito
 mais brilhante das edades modernas en-
 trava triumphante, nem capital, as trofe-
 ções ás pedras, nãto, esfaumado, fediendo aos
 vencidos benfazejos a esmola d'um fad
 e d'uma colheita.

=====

{20-XI-205}

20. e 21) — Observador Jorduzuey Historico e po-
litico de Lisboa ... {Lisboa, 1849} — Caungos Ju-
nior: A Filha do Polaco, 1.^o parte, cap. VIII — Tis-
sol: Precis au histoire abregie des guerres de la
revolution française, p 499 e seq.^{tes} — Caunille:
Carlota Neugala, cap XI e XII.

V

6 de dezembro de 1383 = O alvorço
de 1383.

A revolução popular de que vamos falar, não foi, positivamente, d'aquellas a que Victor Hugo chama brutalidades do progresso...⁽¹⁾

Não. Foi uma coisa mais modesta, de menor alcance, de menor significação, embora de grandes consequências para Portugal.

Não se levou ao cadafalso cabeça regia como a de Luis XVI nem se destruíram velhas e arraigadas tradições.

Foi uma modesta revolta popular, em que apenas se procurou a cabeça d'um

⁽¹⁾ Os Miseráveis, liv. I, parte I, cap. X.

aventuroso, num dia frio de inverno, na
velha Lisboa, agarrada na sua cinta de muras-
mas que o rei D. Fernando mandára fazer.

Foi simplesmente um «ahoroco» como
he chamam Fernão Lopes. ⁽¹⁾

Foi a 6 de dezembro de 1383. Pela manhã,
o Mestre d'Armas, filho do querido rei D. Pe-
dro, que pôs as muras muitos annos, atravessava
com a sua cavalgada pelas ruas da cidade
direito ao Paço onde devia estar D. Leonor
Telles, de lucto recente da viuvez.

Aquella Lara, a garragueira do Mestre, di-
zia qualquer coisa de insolito, tanto mais
que na mesmura fora mandado para o Alen-
tejo como fronteiro de Tribas d'Odiana.

O povo ria-o garragar, pandoando-o com
amor; era filho do querido rei justicairo,
era bom rapaz, adreido, amigo do povo, do
qual tinha uma grande costella por parte
da mãe e acima de tudo era o orgualha.

⁽¹⁾ Chronica de D. João I - 1º parte, pag. XII

a unica esperanza que restava para levantar Portugal e defendel-o de, mais dia menos dia ir para ás mãos dos castelhanos.

O mestre d'Ariz era um messias como dizem o povo de chamoan ingenuamente; e como messias o estava esperando que d'elle — rapaz novo, de vinte e cinco annos, manhoso, com juunos de valencia — nascesse uma nova era para o reino que Pedro o justiceiro tão bem governára e que agora, a rainha adúltera reduzia a um estado de confusão enorme de garceria com o amante, o aventureiro estulto e atrevido João Fernandes Andeiro.

Alvaro Pais, o velho regedor que fôra chancelles de Pedro I, ensinuára ao mestre a necessidade de matar o Andeiro; elle, velho gotoso, era greguemo de mais, fraco e sem lutzagem para tal; mas ao mestre, rapaz na força da vida, nobre, de coração leal e que sabia tão arrisqualada facanha! Não era um assassinio: era uma

alta medida politica a que elle como filho de rei e inuao do rei deshonrado e morto, devia dedicar toda a sua vontade e energia.

Alvaro Paes julgava fallar a um rapaz decidido, grande e honroso comettimentos. O Mestre gorem e que não era assim. O Mestre pauciu a testa e meditou . . .

Uma coisa d'aquellas não se fazia no ar; matar um homem era facil, mas aguentar com as responsabilidades, com as consequencias era mais forte! Não se ganhava assim por cima do cargo do Mudeiro que a rainha admittia no seu leito e no governo do reino; e de mais Castells esperava occaziao boa . . . Era o diabo!

Alvaro Paes argumentava, queria destruir as duvidas; o Mestre gemoava . . .

Por fim, « cubricoso d'Laura » como se fosse o cronista ⁽¹⁾ o Mestre accitou:

(1) Cronica cit.^o - I parte, cap. XII.

— Seja assim!

Alvaro baixou palto e de ao gesso, beijou-o, com lagrimas de alegria nos olhos: ⁽¹⁾

— Bem se vê, Senhor, que os filhos dos reis não são como os dos outros homens! ⁽²⁾

O mestre parou, pensando no caso. E assim se lembrou que morreria o Almeida.

Este, avaliando com precisão o valor do gogolar do mestre, fez com que fosse no meado verdadeiro para o Almeida.

E o mestre gabou, com efeito, com os seus homens, mas já sem intenção de matar o Almeida; o dramata confessou que elle levava no coração vontade de fazer o combricado, mas « foi muito tímido de o ⁽³⁾ começar. »

Meu bem nas conversas que teve o

⁽¹⁾ «... foi tão cedo que mais não me pude e assim como chorando com prazer se affastava d'elle... » [Chau.^a, I, cap. VII]

⁽²⁾ Chau.^a - I, cap. VII

⁽³⁾ Chau.^a - I, cap. IX

grigo da facenda e já nesse tempo elle era aquillo que depois deu a Oliveira brandes razão para lhe chamar um homem de judeu.

O mestre diabo, de facto judeu; sabia o que fazia. Nada d'aventuras! Theuro Paes era um homem de boa vontade, dedicado, sem duvida; mas a netice fazia-lhe ver tudo côr de rosa! Nada!... requeria para o Alentejo.

Contudo, na jornada ainda ficou a primeira noite, em « Santo Antonio, aldeia "d'ahi a tres leguas" ⁽¹⁾ sem ter qualquer causa que o inquietava: era um vago remorso, naturalmente, de faltan ao prometido aos bons homens que nelle guardam toda a esgrancia. Depois, vio bem que elle seria o salvador de Portugal, se quizesse; o futuro porria-lhe metter, e a noite auxiliava a imaginacao. Atray d'isto, o medo que

(1) Chronica - I, cap. IX.

alguem o denunciasse, estremeleu-o; se
soubessem, era homem perdido!...

Mantém a cavallo, chamou os seus e vol-
tam a Lisboa.

Não havia outro remédio agerem de elle
nem per fora grandes aventuras. Mandou
dizer a Alvaro Paes que voltasse para aquil-
lo que elle sabia, ⁽¹⁾ atravessou as ruas e des-
cavalgando entrou armado com seus lo-
meos zelo logo dentro.

Uma voz chamou logo:

— O mestre quem matou o conde João
Fernandes...

Pelas ruas havia qualquer causa do caso;
como hoje se diria: andava causa no ar...

O mestre entrou, fez os cumprimentos
à rainha, explicou, zela zencia zenda que le-
vava, e para voltar e quando tudo parecia
poucado chamou a um quarto ao lado o

(1)

«...já eu vou para fazer aquillo que elle
sabe.» [Bran. I, cap. X]

Atrevido, fallou-lhe baixo e aditou-lhe uma
 enfiada á cabeça. O Atrevido vacillou, quiz
 fugir para a rainha; porém Rey Pereira —
 tio do futuro Condestavel — com uma enfiada
 cada varreu-o de lado a lado. O Atrevido
 cahiu num mar de sangue sobre o lajado.

O Mestre, certamente, dizia para comi-
 go: « falta o resto, agora... » Pelas ruas, jo-
 ram, galegando um gaguejo gritava:

— Atendam! atendam! Querem matar o
 Mestre nos jogos! Atendam!...

Populares, deitavam a cabeça ás portas, in-
 terrogavam-se. Que havia, que havia?... Já
 havia gritos, já corria gente d'um lado pa-
 ra o outro; homens armados gritavam,
 outros corriam a casa buscar uma arma
 qualquer. Theuro Paes, apesar de gótico,
 montou a cavallo e dominava o tumulto,
 dirigia-o:

(1) « Matam o Mestre! matam o Mestre nos
 jogos da rainha! Acorrei ao Mestre que o ma-
 tam! » [Chron. I, cap. XII]

— Vamos acudir ao mestre! Olhem que
é filho d'el-rey D. Pedro!

Tudo correu para os lados d'agar de S. Juan
diestro; as ruas reuniam gente para o
largo; olhava-se; a grida abria os ares:

— Que é do mestre? Que é do mestre?⁽¹⁾

No arco estava tudo fechado; veio lenta e
carregada para encerrar as portas e furiosa-
mente a turba investia:

— Venha o mestre! venha o mestre!

O mestre zomou, como Lourenço de jui-
zo esgrava o resultado de tudo aquillo até
que vindo que podia cantar com o povo,
agracou á janella:

— Amigos! Graças a Deos estão vivos!⁽²⁾

O povo agitava os braços, aclamava o fi-
lho do rei D. Pedro. Álvaro Pais, de cima
do cavallo, exclamava: « não havia duvida:

⁽¹⁾ «... Onde estavam o mestre? Que é do mes-
tre?... » {Chron.^o, I, cap. XII}

⁽²⁾ « Amigos, glorificae-vos, cá eu vivo e não sou,
a Deos graças. » {Chron.^o, I, cap. XII}

os filhos de reis não são como os dos outros
homens...» Era na verdade o Messias!

O Mestre entregou-se então ao grito de
triumpho. Desceu ao largo, cavalgou e en-
tre as bênçãos de todos, indistintamente para a ca-
pa do cavalle João Affonso Telles, irmão da
rainha. Foi um gongolo triumphal: das
janelas as mulheres acenavam, bençãos-o;
o povo aclamava-o; e elle, cantante de foga-
rão, deixava andar o cavallo vagrosamen-
te, pendendo bem fundo o grito de sua re-
generidade.

Assim começou o movimento popular. O go-
verno redemoinhou, vir-se ás voltas e quis
fazer justiça por suas mãos. Correu pelas
ruas um delirio, buscando em quem exer-
cer vingança.

Se não fosse o Mestre, mataria a rai-
nha; o bispo, gongolo, era castelhano... A Sé
foi invadida, o bispo foi morto, amarrado
pelas ruas; os judeus correram risco de de-
sacato, mas por sobre isto tudo havia a espe-

rancia no messias que o povo levava ao
 throno de boa vontade querendo um dever
 de gratidão para com a memoria do rei,
 tão justiciero e tão bom, e mostrando quan-
 to goza o povo vontade quando é guiado
 por uma noção de justiça e de liberdade.

Desde dia data a elevação do Mestre d'Alfay-
 Luis Gonco, a coroa portuguese seria posta
 no seu cabeça de manhos, abençoada pelo
 povo e pela espeda gloriosa do bandedavel
 santo.

O alvaroz vizigara.

==

{30 - XI - 205}

Bibliographia: Ferraz Lopes: Chronica de D.
Joad I, 1ª parte, cap. I a XV — Quadros d'Historia por-
tuguesa: I — El mouro de cande Aldeiro e de lus.
de Lisboa, anonymo no Panorama, p. 53, 1.ª ed. —
 N. X. Rodrigues Cardozo: Serões d'Historia, I, 104.

VI

22 de Janeiro de 1828 = O "Três de Janeiro"
 - chegada do infante D. Miguel a Lisboa.

«... dia entre todos bendito em
 que a Perola appareceu á barra
 com o Mesias...»

Eça do Queiroz: A cidade
e as raras - p. 7.

Ultimamente, garbosamente, a fraga-
 ta Perola subia Tejo acima ao cair da tar-
 de de um dia esplendido de Janeiro, em-
 quanto que todas as fortalezas e navios de
 guerra que estavam em frente de Lisboa pal-
 navam festivamente. ⁽¹⁾

No caso do Terreiro do Paço afflicta mui-
 to zoro; no caso de Belém o mesmo e zo-
 lo ar, junto com o troar dos canhões que

⁽¹⁾ Mariano: Portugal desde 1828 a 1834 - p. 9.

salvavam, o estalejar de girandolas de fo-
quedões⁽¹⁾ ligava-se ás acclamações do povo.

A fragata avançava; o povo exultava:
o infante D. Luizuel vinha ali dentro, de-
zois de meses e meses ganados no dester-
ro, exilado pelo canatha que desde 1820 se
regia a realza...

Era o verdadeiro, o autentico D. Lui-
zuel, que cobriaus um cavallo quando
do-lla a citha, que rabejava um boi como
qualquer camgrio, que não se desgrava
de andar com ameiros, fadas exilados,
cocheiros, bolieiros; que amava o povo
a ponto de se deshonrar as filhas, como
em Suelly quando o pol aquecia o pau-
que, zelas ceifas e zelas regas...⁽²⁾

Por isso, de terra, emquanto a fragata
avançava, o povo, o bom povo berava:
— Viva D. Luizuel absoluto!

(1) Manique: ob. cit. — 9

(2) Ver neste Novo Annuo Historico — vol. 3^o,
cap. XXV: D. Luizuel.

do lado, outros gritavam adroada-
mente:

— Mórram os ruscos!

— Mórram os pedreiros livres!

A grita era grande; a infante regem-
te dirigia-se em zozos á fazda cumgru-
mentar o inuato⁽¹⁾ e algum exaltado mais
valente que encontrasse um liberal, cau-
tava-se acamganhado com gaudio zelos
circunstanciaes a quadra:

« Venha cá, panha maldado
lucta a sua nesta gaveta;
Dize: Viva D. Miguel
Senão quebro-he a carreta! »⁽²⁾

A multidão, « ebria de jubilo » como
diz um mizuelista⁽³⁾, ergava inuadiente.
Os antigos amigos esperavam « de cocete
» em quanto aquelle que virha paluar Portu-

⁽¹⁾ Soriano: Historia do cerco do Porto, I ul.

ps 258

⁽²⁾ Annuaire: Hist. de Navol. de Setembro, I, 188

⁽³⁾ Manique: des. cit. - p 8

"gal das mãos dos atores e dos pedreiros - li-
"vros." ⁽¹⁾

Por fim, a fragata lançou fogo; e lan-
çou fogo também, em frente de Belém, a
esquadra inglesa que a escoltava, ao goro
que no Terreiro do Paço «o mundo of-
ficial» ⁽²⁾ exigia solenemente o be-
nêficio de guerra, segundo o estilo de
dar as boas-vindas e num grito le-
vantado goro tal fim de entregar as cha-
ves da cidade.

D. Miguel, goro, não cobava goro
cumprimentos officiaes.

O seu goro não se dava com tal espe-
cie de cerimoniaes; e, desembarcando
em Belém, deixou-se levar em tricun-
gho goro goro jubiloso até á Ajuda, em-
quanto que o tal «mundo official» de dis-
curso exigido, de trocas firmadas

⁽¹⁾ Aniaga: obr. cit. - I, 188

⁽²⁾ Aniaga: obr. cit. - I, 185

por cause do tumultos, ergeram iunctamente a vinda do pseudoo filho d'El-rey D. João VI.

O Leifante, ergreu, pedia-se metter entre os seus antigos camogatheiros, vindo em volta de si as boccas todas abrindo-se para vociferar:

— Viva D. Miguel absoluto!
e pedia-se gento de turba-multa das
seus antigos gaudagos.

Ali, pium! tudo ali estava: os leas, os
firmes, que o Sr. Aniaga em miera gela
requinte ardeur: « príncipes, marce-
"lhones, arcediagos, conegos, abbades e cu-
"ras e muitos frades, misturados com dou-
"reiros, cabreiros, cocheiros, empregados nas
"cavallariças reaes, fadiotas d'Alfama, mar-
"raris e Alcantaria, prostituídas e gediotes,
"cegos, aleijados e leprozos... »⁽¹⁾

Tudo isto gritava jubilosamente; e al-

⁽¹⁾ Aniaga: obr. cit. — I, 185

que improvisador fez cantar a seguinte
candonga que foi « o baixão da demagogia
reaccionária: »⁽¹⁾

Rei chegou
Rei chegou
Em Belém dessembrou
E na barra não entrou.

Atroadamente o coro cantava e o Lu-
fante perria-se, gosando o triumpho, no
caminho até a Ajuda.

Estava começado o segundo período da
revolução — como se chamava Sorianu⁽²⁾
— e em breve ia começar o terrível perí-
do de luctas incessantes que só terminou
em 1834.

A noite, Lisboa, deitou luminárias:
quarteis, conventos, casas particulares, edi-
fícios publicos; « a cidade ardia em todas
as demas troças de regozijo publico »

⁽¹⁾ Chagas: Hist. de Portugal - VIII, 331

⁽²⁾ Ob. cit. - I, 258.

Diz um miguealista ⁽¹⁾ e a rainha viúva via finalmente a sua ambição realizada: ter o filho querido junto de si como instrumento dócil nas suas mãos varonias.

Iris foi recomendar a villa-franca tão mal sucedida ao curso de cinco annos nem tanto. E o povo, ao já se, em turba, continuava a gritar:

Rei chegou

Rei chegou

E em Belem desembarcou...

E. J. J. - se variantes obscenas para as canções.

Commeçou, pois, o regimen terrivel que tão funda impressão deixou sobre nós por muitos annos.

Quatro dias depois, a 26 de Janeiro, jurou a Carta constitucional e assumio o governo do reino; nomeou um ministério cujos membros eram soberanos de

⁽¹⁾ Manique: obs. cit. - 10

conhecidos pelas suas ideias absolutistas e
o grupo de cacecários — logo logo rainda
e logo ministerio — começava toda a pe-
ria de perseguicões a quem fosse liberal
ou a quem parecesse...

Fãra este logio — diz o grave Soriano⁽¹⁾
o primeiro presente que nos deu a Ingl-
terra, a Suécia e a França.

O presente parece-nos bem; e pen-
se com tendências conciliadoras,⁽²⁾ no
dia 13 de março seguinte para que a ca-
mara dos deputados fosse mais propria
d'uma monarchia e — ainda seguindo
o decreto d'aquelle dia — a monarchia
fosse illudida no modo que se faria
representar⁽³⁾ a nome por bem... dissol-
ta!... Sim, dissolvel-a!

⁽¹⁾ Obr. cit.º — I, 258

⁽²⁾ Manique: obr. cit.º — 20

⁽³⁾ «... egualmente analogas (as camaras)
" aos antigos usos e leyuancas costumes d'
" estes reinos, proprias d'uma monarchia, e

E ainda se quem diga que a história não é uma grande lição!

D. Miguel dissolveu as camaras para que o gajo não fosse enganado, para que se elegesse umas camaras mais decentes, para que a verdade se ouvisse lá dentro, para evitar que se desviasse dinheiro do tesouro...

Fiquemos por aqui... A história!...

==

{15-II-906}

"isentos, quando é possível, de parecer iludidas e fraudadas, facilitando por este modo a leal nação portuguesa o meio de ser dignamente representada." (Mauque: obs. cit.º - p. 20)

Bibliographia: Soriano: Historia do cerco do Porto, I v. - p. 257 e seq.º — F. Ant.º de Almeida de Pina Mauque: Portugal desde 1828 a 1834, cap. I e II — Braga: Historia de Portugal, VIII cap. XIV — J. d'Almeida: Historia da Revolução de setembro, I v. cap. IX, de lin.º 1.º — Theophilus Braga: Ganett e o romantismo, p. 406 e 407 — Alguns momentos para a vida de um homem obscuro, p. 106

VII

15 de dezembro de 1640 = Coroação de
D. João IV

A restauração da monarchia fôra, real-
mente um facto, quinze dias antes. ⁽¹⁾

Seu sangue, zela sempre vantado de
um grupo de Lameiros, a cuja penhora ainda
no penhor a bandeira pinestra e a auxiliar,
os a ditieza inquerdoavel do corte de Madrid,
a conjuração fizera-se sem zeringos e a mo-
narchia voltou de novo a reinar sobre Por-
tugal.

O que fôra a restauração já nós aqui o
dizíamos: « foi o que hoje se chamaria a res-
taurção d'uma antiguidade Listerica mas
sem um glamo de artista consciencioso,

⁽¹⁾ Neste Novo theatro Listerico - I vol., pag. 1.^o

"nem a alma de um agrario consciencioso
" e nobre." ⁽¹⁾

Mal ou bem, contudo, a independencia
foi um facto e o duque de Braganca, D. Joao
acometendo sobre si a grande heranca do
Condeseavel viu-se elevado a um throno
que elle não merecia e para o qual subio
por medo e por fraqueza.

Voltaire, numa das suas obras historicas
define a situação numa singula phrase: «João
" duque de Braganca, principe que governava
" por fraco, arrancára esta provincia (Portugal)
" a um rei mais fraco do que elle » ⁽²⁾ phrase es-
ta que, antegendo um dom ao nome do
duque e trocando a palavra «arrancára»
por «foi obrigado a arrancar» fica justa
e certa como sempre foram as phrases do
escriptor francez.

A Innoculada conceição fará o que

(1) Novo Annua Historico - I, p 2

(2) Le Siècle de Louis XIV - 1^o vol. - p 14

os Lourenços não poderiam — dizia o futuro rei
na sua fraseja de Lygocrita — e assim en-
comendado á futura protectora do reino
elleahi veio por esse theatro encurralado e
le esgoso, mais varavel que o marido « re-
" ceber a aclamação do povo, elle, o gubno duque,
" dubio, fraco, egoista, como um novo euco-
" uerto dar a felicidade a Portugal. »⁽¹⁾

Ho desembarcar em Lisboa não se devia pen-
sár muito nocivo. A aventura fôra grande
de mais para elle, gubno cerebro acostumado
á musica do sua capella de Villa-Viciosa e á
caca das suas cantadas.

Em fim, os fidalgos e a duquesa assim o
quizeram e a 6 de dezembro entrou tri-
unphalmente em Lisboa.

Era pois o rei de Portugal; tivera a paus-
ção da nobreza pelo acto revolucionario do
1º de dezembro; tivera a pausção do povo e
la indifferença com que viu a mudança de

⁽¹⁾ Novo theatro historico — vol. VI, cap. I.

sobranha; mas faltava. He o acto official que he deuse a posse effectiva da coroa d'El Rey. Faltava a acclamação essa cerimonia symbolica q'elo qual um Louren e' elevado ao supremo meado d'uma monarchia e collocado na cabeça, quer l'oa, quer má, quer oca, a corôa sob a benção d'um outro poder, o poder ecclesiastico.

Foi o que se tratou de fazer no dia 15 do mesmo mez em que foi lançado o grito subversivo da independencia. Era necessario, como medida politica completar a obra por essa cerimonia espectral para que todos vissem bem que o duque de Bragança não fôra chamado rei por simples vaidade dos rebelados; era necessario « rodear-se o mais depressa que se pudesse com todo o prestigio da realza. »⁽¹⁾

Todos deiram ver que a coroa portugueza assentava na cabeça do duque, como uma

(1) Pinheiro Chagas: Hist. de Portugal, V, 227

consolação para aquelles que ainda esgrávan
 que gela tal manã de nevoeiro risse o deser-
jado rei, levantar da decadencia o velho Por-
 tugal e levá-lo a batalhar victoriosamente
 pelo mundo todo, numas auzias de victorias,
 rodeado d'uma aureola de heroismo e de
 santidade.

Já que não vinha D. Sebastião, era con-
 tentar com o duque de Bragança...

Assim aconteceu. No Terreiro do Paço
 armara-se um tablado a que Pinho Leal
 chamou « magestosa tribuna »⁽¹⁾ coberto de
 alcáçafas de valer e a que uma publicação
 antiga chamou amphitheatro.⁽²⁾

O povo accumulava-se, queria ver bem;
 era uma festa nova e do tempo do antigo,
 do encolherdo, sem a gente Laveria já.

O rei, gravemente, vinha vestido de
 « risso gordo, bordado a ouro com abotoada

⁽¹⁾ Portugal antigo e moderno, IV, p 320

⁽²⁾ Museu Histórico e recreativo [maio de
 1862], p 106.

"rao de brilhantes;»⁽¹⁾ dos hauleiros (bem de
leis!) cahia-lhe uma oga roçagante, com
ferro de tela branca bordada a grata e ouro;⁽²⁾
ao gescoco um rico collar de pedras pedras
preciosas; pendente do qual ia o habito de
bristo; á cinta um esquadim de cante⁽³⁾ e no
mao direita — diz a referida publicação⁽⁴⁾ —
levava o scegno d'ouro do rei de Castella
que o Mestre d'Ibriz tomára em Aljubarrota.

O scegno d'Aljubarrota era um symbo-
lo; e como o symbolismo ja é meio cami-
nho andado, era necessario que todos se con-
necessem que elle estava em boas maos,
tão boas como aquellas que o agarráram na
tenda do arraial castelhano.

Á cauda da oga ia o camareiro-mór
João Rodrigues de Sá; á frente, de esquadra
desembainhada, ia o candeistavel que era o

⁽¹⁾ Portugal antigo e moderno - IV, 320

⁽²⁾ Museu cit.^o, p. 107

⁽³⁾ Portugal antigo e moderno, IV, 320

⁽⁴⁾ Museu cit.^o, p. 107

marquez de Ferreira, d. Francisco de Mello.
Tambem o mestre d'Ariz Pereira e um coudes-
uel e um Joao Rodrigues de Sá, o Sá das
Gales...

Seu duvide alguems: o acaso ete queris
figurar nos nomes. A differença dos honras
gerem, e' que era grande, maior até que os
dois seculos e mais que tinham ja' ganados.

O duque fez entao o juramento solemn-
me de bem governar o reino, de bem prote-
ger os vassallos, de ser justo, de ser bom, de
ser leal...

— « Juro e prometto reger e governar es-
te reino, e administrar nelle justiça com
aquella prudencia, sinceridade e moderação
que me for essencial; manter os usos, custo-
mes e direitos deste reino, concedidos e confir-
mados pelos reis meus antecessores. »⁽¹⁾

Acabado o juramento do clero, do nobre-
za e do povo, houve discurso adequado ao

⁽¹⁾ J. L. Carneiro de Mello: Portugal, suas

acto, tal como o de João das Regras em
 Coimbra... ⁽¹⁾ e a cerimonia seguiu-se, so-
 lemne, espectaculosa, para que por todos os
 olhos se vesse a convicção de que aquillo era a
 valer, era uma acclamação verdadeira,
 bem verdadeira...

Fernão Telles da Silva, alferes-mór que
 segurava a bandeira real, des enrolando-
 a, voltou-se para todos e disse em voz bem
 alta:

— Real! real! real! Pelo muito alto e
 e muito poderoso D. João IV, nosso Senhor! ⁽²⁾

Repetio o grito segunda vez, e terceira
 vez.

E o goro, cantando com a festa aflu-

Dynastias e governos — IV 13

⁽¹⁾ Esta oração foi lida pelo Dr. Francisco d'Almeida Leites notavel doutor em direito civil pela Universidade de Coimbra e desembargador do Paço. A oração referida foi impressa em Lisboa, nas officinas de Antonio Alvares, em 1641 [V. d'Almeida: Descrição geral e historica, etc., IV, vol. II]

⁽²⁾ Portugal antigo e moderno — IV, 371

dia e acclamava o novo messianha. A alegria era grande.

O rei então desceu ao Terreiro e montou a cavallo, e de laizo do Gollis e seguido de grande requito encaminhou-se para a Sé onde o esperava o arcebispo D. Rodrigo de Cuncto.

Houve festa de igreja fúida a qual o rei, acclamado já, com a alta presença da Igreja catholica, voltou ao Paço, terminando a cerimonia que officialmente lhe deu a zona definitiva d'um throno antes d'elle glorioso.⁽¹⁾

Começou portanto a reinar e reinou dezeses annos.

Felizes dezeses annos!... E a historia não chamou venturoso a este homem a quem um peyso habem á porta, a quem um

(1)
O que são as opiniões dos homens!... Veja-se: «Essa cerimonia de coroação e acclamação foi o grande laço de legitimidade, que ligou o rei á nação, e esta ao rei. Se não havia no Terreiro do Paço um cavallo como o da

trono se offereceu a a quem uma corôa ca-
 lida do céu, e não foi capaz de lançar mão
 do sceptro, da corôa ou subir ao trono, sem
 a mulher o augurar, sem os senhores o de-
 fendereem!

A Listeria chama-se restaurador. Não
 faz bem. Por estas e por outras dizia o fallecido
 Rodrigues Bandeira que a Listeria é muitas
 vezes o membro. ⁽¹⁾

=====

{6-12-905}

"Guernica, á pomba do qual os biscainhos são
 verdadeiros panheros e soberanos, lava o manto
 do céu, queo ceu o juramento que el-rei que-
 sou, e ao qual nunca faltou.» {Lancina de Luel-
 lo: obr. cit.º - p 19} -

⁽¹⁾ Serões d'Listeria - ?

Bibliographia: P. Braga: Listeria de Portugal,
 V, cap. X - F. d'Almeida: Descrição geral, etc., II,
 p 5 - Pinho Leal: Portugal antigo e moderno,
 4º, p 320 - Museu Listerico e recreativo, Jornal
mensal, n.º 7 (maio de 1862) - Vithena Barbosa:
Cerimonias de aclamação de el-rei D. João IV,

1 de março de 1476 = Batalha de Toro.

Desta arte foi vencido Octaviano
 e Antonio vencedor, seu conjujanteiro
Luzadas = canto II, 59

Lançado na aventura cavallheiresca da conquista de Castella, defendendo a Península ginecra D. Joana, o rei Affonso V terminou na batalha de Toro o seu anacronico reinado, mercê de mãos conselhos e ingluftas ambições.

Convençido que a união da coroa castelhana e da coroa gartiguesa era uma causa realivel e facil; convencido, no seu bandada antiga do que a politica — ja nesse tempo a havia como hoje — era um modelo de st

no Panorama, vol. XI, p. 2 e seq. ¹⁰⁰

lealdade e de cavalheirismo, causas de que era formado o seu caracter; convencido de que os perigos que lhe existissem para ajuda da gente de tal corõa eram poucos e angustiosos e não por interesse; Affonso V, o ultimo rei cavalleiro abalançou-se negligentemente á guerra, com aquelle desprezimento e incogitacão que caracterisavam quasi sempre os seus actos. (1)

A união de Portugal com Castella volta-se a ser gêmeo de discordia e Affonso V se attende ao seu pensamento, lançou-se á aventura que não deu resultado, assim como outras que levaram Garcia de Resende a dizer bastante dezois

«Portuguezes, castelhanos, (2)
 Não os quis deus juntos nem.»

Mas, o testamento de Henrique IV de Cas

(1) Ver N. Anno Historico - III, pag. XVIII

(2) Miscellanea - p. 341

Yello, em que encarnegava Affonso V de gover-
nar o seu reino e em que se dizia para que casar-
se com D. Joana, grinceja a quem os casto-
lhãos chamavam a Beltraneja, pois agui-
rar a ambição — mais talvez vaidade de ca-
valleiro — do rei português.⁽¹⁾

Em Castella formáram-se dois partidos:
o da Beltraneja e o de Fernando e Isabel
também com direitos ao throno; e Affonso V
mandou saber, indagar pelo seu camareiro
que depois foi conde de Penafiel, o que gos-
tára, o que se dizia...

E assim começou a guerra.

A grinceja Beltraneja era filha de Henri-
que IV; Isabel irmã do mesmo. Ambas
queriam o throno e se uma se resignou co-
mo excellente rainha — nome que lhe
deram em Portugal — a outra, d'acordo

⁽¹⁾ Já depois de escrito este artigo appareceu
na Illustração Portuguesa (n.º 21 de 16 de julho
de 1866) um artigo novamente de Sr. Ju-
lio Dantas com o título de O delirio do uni-

varavil e forte, d'uma actividade prodigiosa
 nunca me lembro por mais arriscado ou
 mais infeliz que fosse o lance em que se
 ria.

Do facto, quando Affonso V, reunindo um
 exercito de quinhentos mil homens de pé e cav.
 e mil e quinhentos de cavallo — pegando no

fiscal iberico, artigo de commercio, como pad
 quasi todos os daquelle revista illustrada.

O artigo e' quasi fundado sobre o capitulo ibe
rico do 2.º volume de obra magistral de Oli-
 veira Martins: Portugal e a Europa e ge-
 tende prova mais forte que o notavel
 historiar que esse « pensamento natural de
 uniao {Port. e Europa, II, 367} foi constante e
 persistente em todos os monarchas portuguezes
 « desde Affonso V ate ao actual rei D. Carlos I,
 desde o padre Henrique Vieira ate ao ministro
 Oliveira Martins, desde o marechal Saldanha
 ate auctor do Gueral, reis e estadistas, gou-
 vernaes e diplomatas... » {art. cit.} Seria; a criti-
 ca e a interpretação dos factos, pad a meu ver, li-
 vres; e exactamente sobre o pad, o alludido e
 pretendido autor, firmando-se no fallecido
 Oliveira Martins deixou correr a pena ao pa-
 lar do seu especial modo de escrever e nunca

o Rey de Sina⁽¹⁾ — entrou por Castella em paz de guerra para obrigar a las forças das armas a reconhecer a legitimidade da infantá D. Joana.

Isabel, a varonil esposa de Fernando de Aragón, a futura conquistadora de Granada correu num galope pelas suas terras, chamando á guerra, levantando aldeias, submettendo fortalezas.

Uma prodigiosa actividade conseguiu reunir em pouco tempo a Affonso V sem-

reverencia galiciana terminou seguindo do se esse «paucho magnifico da unificação ibérica, resurgirá no espirito verdadeiramente regenerador do príncipe D. Luis Felippe?» O antigo é de commercio (como elle próprio o confessa ao meu amigo Sr. Pedro Rodriguez de quem cothi esta informação) e além d'isso o lugar de commissario regio junto do theatro real estava, nesse altura vago... O espirito verdadeiramente regenerador de seu Alteza tem alguma razão de ser... [nota escrita a 24-jan.º-207]

⁽¹⁾ Chronica de D. Affonso V — cap. 177.

que sem cogitade para grandes cousas,
 não aproveitou essa excelente occasião de
 entrar por Castella ainda dividida pelos par-
 tidos, ainda sem um plano de defesa que só
 o varuvel esforço da rainha conseguiu de-
 gois.

Não: Affonso V a quem um francez es-
 criptor chamau « prince tres éclairé »⁽¹⁾ e
 com muito mais verdade chamamos, o as-
 sado conselheiro de Luis XI, chamau « ce
 gaure roi... »⁽²⁾ tendo reunido em Bru-
 ches o seu exercito, abaleu para Castella au-
 de entrou por ~~em~~ um lugar chamado Bodi-
 ceira e d'ahi foi para Placencia onde o esfe-
 rava a gravottida ergosa, onde os ergasso-
 rios se realisaram solemnemente e onde
 « por alguns dias houve grandes festas e

⁽¹⁾ R. Francisque - Michel: Les Portugais en France, les Français en Portugal - (Paris, 1882)

- p. 12

⁽²⁾ Memoires, livre V, chap. 7^o - (cid.^o em Anal. do Gama: A última d'ama de S. Nicolau, 378)

"graseras." (1) Affonso V foi então proclamado rei de Castella e de Leão; os reis d'armas assim o fizeram saber com o ceremonial d'estyle, mas o casamento, com a rainha Tera de Pina, não se consumou porque faltava uma diageuse de Igreja... (2)

A Igreja! A Igreja!...

No entretanto, enquanto Affonso V se congratia em ordenar a diageuse e em receber os emphymentos dos seus vassallos castellanos, Fernando V, empenhado qdo se fosse dirigir-se-lhe com um exercito mais numeroso.

O rei portuguez, com a esposa, passou ao castello de Toro; e perdendo tempo com feitos insignificantes deu tempo de se-lhe a que Isabel revolvesse os seus reinos todos. De facto, assim foi.

O principe D. João, que depois foi D. João II

(1) Pina: Chronica cit.º - cap. 178

(2) Pina: Chronica cit.º - cap. 178

levantou em Portugal novo socorro e quando os reis castelhanos se acharam frente a frente com Affonso V, este já tinha ao lado seu filho, na ala esquerda, eudo ia com batten valerosamente.

No dia 1 de março de 1476, nas planícies de Toro ⁽¹⁾ os dois exercitos encontraram-se depois de tristes zuzidias para gloria de qualquer dos combatentes.

Quasi ao pol gosto e que vieram as mãos. A tarde escureceu e cahiu chuva; combatentes com valor de gente a gente; a artilheria, no seu inicio ⁽²⁾ teve um certo papel no combate e o rei de Castella, quasi ao fincicio, vendo a investida dos ginetes do ginecego D. Joan, fugio.

(1)

«... planuras de Delaio Gonzalez, do castro Queimado ou de Toro...» (M. Gomes: A Historia de D. S. Nicolau, p. 378)

(2) Era então usado - não das artilherias de ferro Álvaro de Brito (Bolla Lobo: Primeiras bocas de fogo portuguesas, art.º no Travista de

Travou-se o combate mais esforçada-
mente ao cair da noite e se Affonso V te-
ve de ceder perante a arremetida dos castel-
hanos « muy grossa gente d'armas, e mu-
ltos acobertados »⁽¹⁾, o príncipe D. João já en-
tão mostrando o que devia ser o que depois
foi levado adiante de si toda a direita dos
castelhanos.

Affonso V perdeu-se a vista do filho; este
não sabia do que; o rei de Castella fugira á
redea pelta; e a noite caíu chuvosa. Foi
assim a batalha!...

Os vencedores d'Affonso V ficaram pe-
rnhores do campo; o príncipe português,
julgando-se vencedor, com todo o seu
exercito, ficou tambem perhor do campo;
e enquanto o rei retirava para Toro jul-
gando o filho derrotado, este accendia fo-
gueiras e mandava tocar lousinas para

art. Heris (1904), n.º 1 e 2.

(1) Baseado: Cronica de D. João II, cap. XLII.

chamar os portugueses fugitivos e perdidos
e no firme tenção de ficar como vencedor
os tres dias que mandavam os costumes de
eschoa.

Esta batalla, disse Ferdinand Denis « qd.
" de por comparação á dos campos philizicos em
" que Octavio galejando contra Bruto e Cassio
" foi por elles derrotado, ao gesso que Marco
" Antonio triumphou dos dois vencedores. »

Assim a coroa de Castella se desfej como
se desfej sempre o pauho que ~~se~~ a ambi-
ção formou em frente da crua realidade.

Pobre rei que ainda por fim da vida
imaginou que os impulsos da nobreza d'

(1) Portugal Pitagorico - I, p 183 - Esta compara-
ção não é mais, de resto, do que a copia da
comparação feita por Bannier:

« Desta arte foi vencido Octaviano
E Antonio vencedor, seu compareteiro,
Quando daquelles que besaõ mataram
Nos Philizicos campos se viuzaram. »

aluna se tornam factos ao simples pozo
d'uma imaginação ambiciosa!

Toro não foi uma batalha, foi uma li-
cã. ⁽¹⁾ E quem tiver na historia uma serie
d'exemplos gero a vida conscienciosa e

na estância 59: de canto IV dos Lusíadas. A ori-
ginalidade e' pois consuetudo...

Nada como a erudição!...

⁽¹⁾ Dig' ainda o este resgisto o fallecido ro-
mancista Arnaldo Gomes: «... foi a ultima
" scena, digue de menção deste mau sabido
" drama de astucias, de maldades, de trações
" de inconveniencias e de raudices... » (A
ultima scena de S. Nicolau, 278)

Bibliographia: Rey de Fina: Chronica de D.
Affonso V, cap. 173 e seq.^{tes} — Garcia de Resende:
Chronica de D. João II, cap.^{os} VIII - XIII — Pinhei-
ro Chagas: Historia de Portugal, II, cap. 38-39.
— N. X. Rodrigues Cardozo: Serões d'Historia
I, 244 — Arnaldo Gomes: A ultima scena de
S. Nicolau, nota I, p. 275 — Batalha chamada
de Toro, artigo anexo ao Panorama,
vol. IV, p. 175 — Ferdinand Dauis: Portugal Pi-
tareses, I, p. 183-85 — Toro, artigo no Revista
de Exercito e de Armada, p. 257, vol. IX —
Toro, no Revista militar, p. 161, vol. de 1900.

lingua, lembre-se do que a respeito da uni-
ficacão da *geniuscula*, diz o Sr. Garcia
de Resende:

«Paraguenses, Castelhãos,
Não os quer Deus juntos ver.»

=====

{22-II-906}

— Oliveira Martins: Cartas geniusculares, p.
198, 202, 214.

IX

7 de março de 1809 = Nominação de Beresford para comandante em chefe do exercito português.

Agora, que a imprensa tem trazido a campo com uma certa insistencia a necessidade de termos um exercito, não só para uma questão de regularidade interna mas para que, na sua sequencia seja respeitado e olhado para coisa de estrangeiros, vem de certo a grato commemorar — como um exemplo — o aniversario da nomeação do inglez Beresford para comandante em chefe do exercito português.

Commemorar esta nomeação é sem duvida commemorar o resurgimento do nosso exercito em 1809 e trazer aos olhos do publico — sempre benevolente para

com este modesto peccado — um exemplo de quanto góde uma vontade disciplinadora á frente de instituição militar.

É sabido a desorganização que havia no exercito, quando Magalhães lançou sobre nós o exercito de Junot; o gais todo, de modo a ser tremia da invasão como uma criança a quem mettém medo com almas do outro mundo; a familia real fugio⁽¹⁾ a Junot e trou como gar sua propria casa, invencido, victorioso, triumphante.⁽²⁾

O melhor das nossas tropas foi mandado ao gais France⁽³⁾ e Portugal ficou entregue ao unico auxilio — ainda que de véras valioso — de Inglaterra aliada.

Combater-se ainda, de mistura com

⁽¹⁾ Ver o Embarque de d. João VI, no 1º volume d'este N. Anno Historico, p. 62

⁽²⁾ Ver neste volume o cap.º IV: Embarque de Junot em Lisboa, p. 25

⁽³⁾ Ver A Legião Portuguesa no vol.º 2º d'este N. Anno Historico, p. 15.

ingleses no Tólimo e no Vinheiro; os francezes foram obrigados a retirar e lá dentro, o Gobre Luiz via-se a braços com uma completa desorganização em todos os serviços, com o pau rei no Brasil e com os ingleses senhores de tudo.

Estes, porém, agarrá ambições e greguências muito e muito auxiliáram.

O nosso exercito era uma lastima; as maximas e regulamentos do caindo de Lippe Kirchau passado á historia d'evolta com o Gó de meio século e a organização de 1806 embora fundada, segundo o Sr. coronel Taveira « em bases solidas muito semelhantes ás que hoje estão em moda nos grandes exercitos da Europa, e muito adequada para aproveitarem todas as forças vivas da nação »⁽¹⁾ a organização de 1806 dizia-mos estava por assim dizer no papel.

⁽¹⁾ N. P. Taveira: Estado historico sobre a campanha do marechal Soult em Portugal - p. 23

Tal e qual como hoje! Tudo no papel!
 Os ingleses queriam, com o seu espirito practico e com a necessidade de fortalecer esta baluarte onde elles esgráavam ter tanto de garbida para derrubar o gigante francez, vi-
 ram a necessidade d'uma forte organisação militar em Portugal. O governo portuguez assim tambem o intendeu e quando Soult ameaçava invadir o gais zelo norte, deu-
 pou-se periaamente no assumpto: armar a
 flebe era dar-lhe armas para «cometter
 "toda a especie de desatinos;»⁽¹⁾ só uma forte
 organisação militar podia pôr a nação em
 estado de, ao lado dos ingleses, obrigar a
 um certo respeito o grande invador fran-
 cez.

Attedido do governo foi pois nomeado
 Beresford a 7 de março de 1809, comman-
 dando em chefe do exercito portuguez.

Como este estava dil-o o gais Beres-

(1) A.P. Taveira: obs. cit.º - p. 25.

forô meu extenso officio o D. Miguel Pereira
na Torre no qual conto tudo o que fez para
melhorar a sua situação e organização e as
operações que contra Soult realison com o
mesmo exercito. ⁽¹⁾

Notavel documento! Tirando alguma
gota de vaidade do official inglez, vaidade
nem justa glos menos desculpavel, elle co-
meça por se querer escusar de contar o es-
tado em que encontrou as tropas « não pô-
zer por desagradavel o contar o que a mi-
guem agradava, mas sempre terá gido fare-
cer invejoso... » ⁽²⁾

Em todo o documento abundam exem-
plos que bem se poderiam apontar a quem
como hoje deiza ir a instituições militar

(1)

Este officio vem nos Subsidios para o His-
torio militar de Portugal, publicados na Revis-
ta do Exercito e da Armada. Vem no vol. 21 a p.
225 e no vol. 22 a p. 96.

(2) Officio citado. E continua: «... foram os

desejos de S. S. E. (os Governadores do Reino) me

ao saber da politica, dos gaudriolos e dos afilhados.

Mas Beresford — heuro the rejs! — com mãos firmes e disciplinadora, como sempre ha ao antigo heroe das sangrias contra Tip-foo-Saib, na India começou por cortar para a direita e para a esquerda os abusos, a reprimir a indisciplina.

Logo no principio reformou 108 officios que elle julgou incapazes para o serviço,⁽²⁾ e por aqui, sempre disciplinador, sempre severissimo — algumas vezes até ao exagero — de melhora em melhora, o nosso exercito appareceu de novo, reorganizado, augmentado e quasi completo nos seus effectivos, disciplinado, valente, digno dos antigos combatentes d'Aljubarota, dos velhos batalhadores

" fazem esquecer de toda outra consideração, e
 " sendo para informações do Principe Regente Nos.
 " so Senhor he do meu dever enger a queo meado.
 " de . . .

⁽²⁾ P. Chagas: Historia de Portugal - VII, p. 586

da Índia. Baresford, como o espirito inglez que tão elevado é para os seus interesses e para a sua regeneridade, não referiu a causa alguma; Baresford seguiu o que estava regulamentado.

Escreve-se quanto geral á organização de 1806; não fez como hoje em um, de quatro em quatro annos se desfaz o que o antecessor fez; modificou aqui e ali, como quem gosta deixar de ver as causas antigas para as novas com as necessidades da occasião, mas em tudo seguiu o caminho traçado como na parte Inglaterra, onde os governos successivos têm os olhos fixos no ideal grandioso de poder dominar o mundo.

Muitos officiaes ingleses foram dados mortos no exercito portuguez e ainda que fosse, como disse o Marquez de Sá de Bandeira ⁽¹⁾ « um remedio amargo para os brios

(1) Memoria sobre a fortificação de Lisboa, citada em Chagas: Hist. de Portugal, VII, 586

"nacionais, no occorria em que foi tomada
 "era indigensavel para se poder disciplinar
 "grandemente a força militar.»

Foi pauero, como dissemos; foi mesmo
 reverissimo, mas dessa fereza disciplina
 nasceram os leuros que os nossos bisauhos
 regimentos ganharam no Bussaco, na pe-
 rie de combates desde a linha de Torres Ve-
 dras, e no serie d'elles q'os Sersgantes deuteo
 até ao fim da guerra.⁽¹⁾

Wellington, ao g'ando as nossas troças
 referir-se em geral, não tanto á bravura
 mas á firmeza. Bravos tinham sido pen-
 que os nossos homens; firmes é que nem
 remegre e só a disciplina conseguiu a verda-
 deira firmeza.

Por isso os officiaes portuguezes, no fim
 da guerra, vendo que da accão disciplinadã
 de Buresford nascera a gloria das nossas ar-

⁽¹⁾ Ver neste o. Anno Historico, vol. I, o artigo
A Jucã de Redinha - a p. 18.

mas, diziam-me mesma mensagem, quando
 He offereceram-me uma esquadra d'houtra, que
 «ao seu incansavel zelo pela organizaçã
 e disciplina do mesmo exercito e elle deve-
 dar da gloria com que firmou a liberdade da
 sua patria agredida e tyrannisada.»⁽¹⁾

A ambicã, genero, gerden o notavel
 marechal, feito conde de Trancoso e marquez
 de Campo-Maior⁽²⁾; quiz mandar dezois e
 se no principio elle foi querido e recebido
 o seu nome ficou mais gria diante com
 o ignobil labeo de assassino de Gomes Frei

⁽¹⁾ Tem transcrita no Commando em
chefe do exercito desde 1815 a 1820 (capitulo do
 obra Summario historico de N.P. Taveira) no
 n.º 4 de Revista militar (2.ª serie, 1905)

⁽²⁾ A rejeicã do marechal Beresford encon-
 tramos o seguinte na obra de Theophilo Bra-
 ga: Garrett e o romancismo: «... um memo-
 ro de ingrãtão que deusado tudo quanto e
 a Portugal e o maior e mais sanguinario
 inimigo de Portugal. Este homem generoso,
 irritado de que em 1820 a Naçã portuguesa o
 não quizesse aceitar por vice-rei e Bachã.

re de Andrade e dos seus condezes de
conjuracao.

Inutilitavelmente, a organizacao de Be-
resford é um exemplo.

É hoje que tanto se agredia contra a In-
glaterra, quando o cumprimento de um dever
regulamentar provoca censuras que os jor-
naes immediatamente exploram á falta de

" absoluto, cujos poderes subrepticiamente di-
" nha extinguido é similis do animo do Sm.
" D. João VI — estimulado de que em 1824 o ge-
" rido leal e amante do rei o não deixasse com-
" plicitar a ~~seu~~ traiçao garricida em que di-
" nha conjurado com o Infante D. Miguel — ve-
" rado enfim de que em 1827 apesar das intri-
" gas do bispo de Vizeu e de outro ministro de ho-
" norosa e desfloravel memoria, he não deixas-
" sem tomar o commando do exercito e destruiu
" com elle a Carta e a autoridade do Sm. D. Pedro
" IV, a quem tem irreconciliavel odio; este ho-
" mem indigno do honrado nome de inglez,
" tem sugareado constantemente o ministé-
" rio britannico... » [Debates no Parlamento
britannico sobre o negocio de Portugal, na ob-
" cit.º, pp 418-20.]

outro aspecto, para chamar a attenção dos
congradosos, devamos todos gir os olhos ni
esse homem que dominado unica e sim-
plesmente pelo noção do dever sabe cum-
prir o seu cargo com a inflexibilidade da
lei e com a rectidão da justiça.

É uma verdade incontestavel e' que a
inquebrantavel disciplina é a base de to-
das as victorias.

=====

{ 2 - III - 906 }

Bibliographia: P. Chagas: Historia de Portu-
gal, VII, cap. XXIX — N. P. Taveira: Summaria
Historica sobre a defesa de Portugal, cap.º trans.
cripto na Revista Militar, 2.ª serie, 1905, n.º 4 —
N. P. Taveira: Estudo Historico sobre a cam-
panha do marechal Sault em Portugal, introdu-
ção — Subsidios para a Historia Militar de
Portugal, na Revista do Exercito e do Armado,
vol. 21, p. 225 e vol. 22 p. 96.

X

14 de março de 1319 = II Ordem de
Bristol.

«... Ordem, cujos claustros
foram quartéis e fortalezas, e
as trincheiras e canchais tem-
plos de oração...»

Castilho: Quadros Histo-
ricos - I, p 45

Em 1311, em plena Idade Média, o con-
cílio ecumênico: vicenense que fora con-
vocado pelo papa Clemente V, extinguiu
a poderosa e riquíssima ordem dos Tem-
plários.

Causas terríveis se disseram contra
os cavalleiros do Templo; formáram-se
processos; levou-se á fogueira o ultimo
grão-mestre Jacques Molay e mandaram
liquidar de vez essa poderosa ordem que

contava gente de dois seculos ⁽¹⁾ e que fôra fundada no meio da efervescencia religiosa da primeira cruzada.

Tudo se fez e tudo se conseguiu; e quando a decisao irrevogavel e tremenda do concilio de trescentos cardeaos, arcebispos, bispos e mais gente da igreja ⁽²⁾ se fez ouvir, o papa, vigário de Christo na terra, successor de S. Pedro na cadeira pontifical, immediatamente se declarou « legitimo e forçado herdeiro dos bens immensos do Temporario. » ⁽³⁾

Non l'autra forma gadia per ... A cu-

⁽¹⁾ Foi fundada em 1118 {N. Baumgärtner: Peabros: Manual d'Historia universal, 251}

⁽²⁾ «Foi o concilio ecumenico viennense convocado por Clemente V, em 1311 (e ao qual assistiram 300 cardeaos, arcebispos, bispos e mais ecclesiasticos, e os reis de France, Inglaterra e Portugal) que extinguiu esta ordem godesosissima. » {Reino Leal: Portugal Antigo e Moderno, I, 104}

⁽³⁾ «... em toda a Europa valiam muitos milhares de cruzados, meos m'aquele tempo... » {Reino Leal: obr. cit., I, 104}

ria que se gora que era desinteressada na
 execução do orden; que mostrar o Santo
 Padre Clemente V que nada ganhava com
 tal causa...

Em Portugal, gorem, a ordem do Tem-
 plo tinha avultados bens e d. Diniz a quem
 Hercules chamava avaro⁽¹⁾ devia ter fraudi-
 o sobroto quando tal causa lhe disseram.

Façamos logo meus, em justiça, ao aju-
 lado monarcha.

Francamente, d. Diniz não gorden d'as
 as heranças forçada e legítima que farias des-
 vir do seu reino, em via de prosperidades,
 riquezas enormes e sem a menor van-
 dade.

De si gora si, dize, talvez, essa frase le-
 gitimamente gorgueza

— Nada! isto não tem jeito!...

(1) No Alcanceamento gora = Historia dos
bens da corôa e dos farras, VI (nos Ofusclos,
Tomu VI) — a frase é: «d. Diniz foi um avaro...»

E como de facto não tinha jeito tratem
de fazer com que as riquezas dos cavalleiros
valerosos do Templo ficassem dentro do Reij.

D. Diniz, segundo um escriptor era «un
Prince eclaire»⁽¹⁾ e segundo outro era um
«maestreiro...»⁽²⁾ E na verdade, de tudo in-
to: da sua avareza, da sua illustração e da
sua meitadeira, nasceu aquelle ditado que
o povo criou para lembrar a sua memo-
ria querida: El-rey D. Diniz fez tudo quan-
to veij.

E dentro muy arisco foi; e tanto andou
com o Reij — nessa altura já outro rei
nome João XXII — que fez com que este
creasse uma ordem militar portugueza
para a qual transferiu os bens que pertenciam
a ordem extinta e — segundo re-
gras de fideicomisso e substituição — «fundou

⁽¹⁾ A. N. Teixeira de Vasconcellos: Las Cortes
portuguesas — 220

⁽²⁾ «... o bom meitadeiro rei D. Diniz...»
[Ribeiro Leal: obs. cit. — I, 104.]

" autoridade apostolica esta nova ordem mili-
 " tar para honra de Deus, exaltação da fé catho-
 " lica, auxilio de christãos, abastimento e ojes-
 " sad dos infieis. »⁽¹⁾

O documento apostolico que fundou es-
 ta Ordem de Milicia de Nosso Senhor Jesus
 Christo, sahio a 14 de março de 1319.⁽²⁾

D. Diniz era no verdade um bom políti-
 co...

Os bens arrebatados dos Templarios vieram
 gerar a nova ordem de Christo e essas rique-
 zas que o monarca não deixou ir desper-
 sar o dinheiro da Curia ficaram dentro de
 fronteiras para exaltação da fé catholica, ge-
 ra auxilio de christãos, para honra de Deus...

Porfim, quer como facto, quer como in-
 ventão, a medida foi boa. Indubitavelmente

(1) Definições e estatutos... da ordem de
Christo — transcritos nas notas do Saudades do Ter-
ra de Gargal Francisco, p 317

(2) Leu Picheiro Chagas: Historia de Portu-
gal, I vol. p 281 e em La Gléide: Historia de

o juizo de D. Diniz como administrador re-
velou-se mais uma vez e a nova milicia
de Christo, a respeito d'effectivamente em
Portugal⁽¹⁾, tinha de prestar para o futuro ser-
vicos relevantes ao pais e á civilisaçãõ.

A cruz vermelha quasi quadrada « feu-
" dida no meio com outro branca »⁽²⁾ era a
sua divisa em breve gloriosa; Castro l'um
reiu foi a sua primeira residencia⁽³⁾ que de-
pois foi transferida para Thomar, a velha
~~cidade~~ villa do valeroso Templario Gual-
dim Paes e agerar de Paço, querendo des-
viar de si a responsabilidade dissesse que

Portugal, I, 585, a data da bulla é 15 de
março e não 14, como deve ser.

"⁽¹⁾ A Bulla referida « recebeu-a jubileosa-
mente D. Diniz em Santarem, sendo lida
em 5 de maio de 1319 com toda a solemnidade
de sua grandeza d'El-rey... [La Bulla: Historia
cit.: I, 587]

"⁽²⁾ Figueira: Ordem de Christo, no Paro-
quiano, IV, 101.

"⁽³⁾ «... e que a casa principal d'ella fosse

a ordem era uma nova ordem, o rei D. Di-
 mig, matreiramente, mandava escrever:
 « que a ordem de Christo se tenha feito em
 " reformação da ordem do Templo que se des-
 " fez... »⁽¹⁾

Deu-lhe mais, o Papa, um novo grad-
 meo que não era templario, D. Gil Mar-
 tins, cavalleiro professo e mestre da ordem
 de S. Bento d'Aviz⁽²⁾; deu-lhe como visitador
 e Surgeon o abbade d'Alcobaca⁽³⁾; e deu-lhe
 « todos os privilegios, liberdades e indulgen-
 " cias »⁽⁴⁾ da ordem de Calatrava de Hergandi.

em Castro-Marim e de unio a Igreja paro-
 " quial daquelle villa com todos os seus direitos »
 { Definições e estatutos ... cit.⁵ }

⁽¹⁾ Cit.^o em Pinheiro Chagas: Historia de Por-
 tugal, I, 281

⁽²⁾ Definições e estatutos ... — « Et inven-
 " dero polemicamente ... veio a realisar-se a 18 de
 " novembro do referido anno (1319) no sagella
 " real da dita villa (Santarém) ... assistido ao
 " acto el-rey... » [La Cleda: Historia cit.^o, I, 587]

⁽³⁾ Definições e estatutos ... cit.^o

⁽⁴⁾ Definições e estatutos ... cit.^o

O bom rei D. Diniz ria-se naturalmente de isto tudo; o papa João XXII queria naturalmente adogar o escândalo (já antes os havia!...) e o rei cá dentro de fraudes ia-lhes dando tudo que os Templários tinham, inclusive os rendimentos que os bens tinham dado desde 1311 a 1319⁽¹⁾ e dizem de que Roma que piou, que era uma nova ardem, que era tudo novo...

E o avarante do D. Diniz foi-lhes acrescentando Castello Branco, Thomar, Almeirim « e todos os outros castellos, fortalezas, bens moveis e de raiz, todos em geral e em particular, assim ecclesiasticos como seculares, direitos e accões, jurisdicções, mero e mixto imperio, honras e vapalos, com as Igrejas, capellas e oratórios e pees direitos, hermos e todas suas

⁽¹⁾ «... el-rei publicou — a 26 do mesmo mes de novembro (1319) — uma groniam em que ordenava a entrega... dos respectivos bens e rendimentos.» [Leblade: Historia

"... ordenanças que ficaram de Ordem do Tem-
plo... »⁽¹⁾

Assim nasceu e cresceu a ordem de
Christo⁽²⁾ que hoje se confere com uma madu-
ralidade espartana.

Assim nasceu essa ordem, milícia re-
ligiosa valente e temerária e cujo insi-
gnia devia ser depois o symbolo da mesma
audacia quando este povo se lançou a
descoberta do mundo descoberto e segun-
rado pelo mar forte e impetuoso do Infan-
te que foi um dos seus mestres mais illus-
tres.

D. Diniz, fundando a ordem de Christo
e lançando indubitavelmente a base á
mossa marinha, foi o impulso circumsci-
ente da mesma actividade maritima; a or-

cit.^o - I, 589]

(1) Definições e estatutos... cit.^o

(2) «... tinha a ser um pequeno reino mes-
tra da Ordem) de toda a Monarchia Lusita-
na... » [P.^o Antonio Cardozo: Historia Lu-



deu dava o dinheiro porque tudo era ge-
ra augmento da febre da cristandade; e
a marinha dava o meio de transgôrta...

Lembrar a ordem de Christo e' lembrar
a origem do mono febril actividade mariti-
ma; lembrar-a e' lembrar tambem que
essa gloriosa milicia e d'essa gloriosa e
symbolica cruz vermelha, hoje nada nos
resta...

Não ingorta. Essa maranhosa escultu-
ra de Thomar, esse rendimento de gado au-
grecido pelo tempo diz muito ainda.

relevar, liv. II, cap. I, 4. — « Leurs greviliges
et leurs lieux s'accroissent au point de gar-
der ambrage à la couronne. » [Nouveau
Larousse illustré, II, 821].

Bibliographia = Definições e esboços...
da ordem de Christo, nas notas (a III) de Pedro
gues d'Almeida ás Saudades de Terra do doutor
Gargal Fervido — Figurativa: A Ordem de
Christo, no Campana, IV, p. 100. — N. N. V.
de Vasconcellos: Os Bandeirantes, p. 289-
294 — Picho Leal: Portugal antigo e moderno,
I, p. 104-105 — P. Blagos: Historia de Portugal,

E isto é se não tivermos memoria para lembrar que essa cruz vermelha decorreu, de lado a lado, nas velas brancas dos navios, o mundo todo, na inconsciente abertura do descoberto do que havia que fazer...

... Porque, sem devida alguma, essa cruz vermelha nada tem de semelhante com uma outra que hoje vemos em collares, em crachás ao gosto de qualquer que ganhou algum dinheiro no Brasil, ou arranjou votos para eleições.

==

[8-3-906]

I, cap. 18 — Vieira Guimarães: A Ordem de
Bleisdo — La Bléde: Historia de Portugal, liv.
VII, IV, 1.º vol.º

XI

13 de março de 1828 = Uma Dissolu-
ção de cãdés.

« Ah! uma esgoda purgiva
da voragem da anarquia que
tudo ha-de regenerar e ger-
minar... »

D. Miguel I — Obras a
mais canglêdo e canglê-
deada ... sobre a legitimi-
dade ... do reinado D. Mi-
guel I ... [Lisboa, 1828] -
p. 61.

Alguns de chegarmos atrasados uma se-
mana, ainda vimos a profecia... ⁽¹⁾

A Listeria vem sempre a profecia, de-
za sempre a banga.

E pensa-se : a dissolução de cãdés

⁽¹⁾ Este artigo, comemorando um facto

Não é de certo uma causa nova. Dissolver as câmaras contra a opinião publica, contra o voto do conselho d'Estado, não é legal, mas entrou nos hábitos. Não é um abuso: é um uso.

Não é pois para admirar que Sua Magestade ha pouco ainda tivesse dissolvido a camara dos deputados.

Eles faziam lá tanto barulho!...

Foi um acto despotico? Não: foi um acto liberal. Hoje não ha mais liberdade.

É como diz o Sr. João Chagas no seu recente livro: «hoje só se governa com a

como o da dissolução de câmaras em 1828, viuha a proposito da dissolução violenta das câmaras feita pelo ministerio progressista do Sr. José Luciano, nos primeiros dias de Janeiro, de 1805, do creto que o monarcha assignou contra o voto do conselho d'Estado. Debatia-se então a magna questão dos tabacos que tanto emocionou o pais durante algum tempo e que deitou a terra o mesmo ministerio, e que provocou as sentenças parlamentares mais ven-

"liberdade e em seu nome — mesmo
"quando se governa contra ella...»⁽¹⁾

Mas não fugamos do assunto; queria-
mos fallar do Sr. D. Miguel e vamos a es-
carregar estas causas d'agora com que a
Lisboa ainda nada tem.

Vamos pois ao infante D. Miguel de-
pois que elle entrou em Lisboa triumphal-
mente, a 22 de Janeiro de 1828⁽²⁾ tendo
feito d'outra Alliança para governar Portu-
gal e gol-o de novo afastado dos turbu-
lentos honores de 1820 que ha quasi oito

seculos, de certo, que se fizeram no gabo-
namento portuguez. Uma facção do partido
progressista com o conselheiro Frei d'Algoim
á frente, acudados pela realeza, no apparencia
symmetrica, de assignarem o contracto dos
doteiros, foram a cause de tão agitada ques-
tão. O presidente do conselho não dá ao Sr.
Algoim a parte do reino, como queria: d'
aqui a questão. {N. escrita a 12-III-907}

⁽¹⁾ Religio e um amigo das instituições,
no vol. Fora restauração, p. 128.

⁽²⁾ Ver neste volume, o cap.º VI: O Rei che-

anos traziam o grito mesma continua re-
volta.

O grito cantava o

Rei chegou
Rei chegou...

no entusiasmo quasi sincero pelo volta
do novo Messias; os aguçados do Lu-
fante corriam as ruas em busca dos ma-
lhados que fugiam esgaravidos.

— Morram os mescomicos!

E os escaqueiros, moedilha desenfreada,
corria, aculada dizem uns que pelo Rainha
outro que pelo Lufante.

Essa o que dizia o padre José Agostinho:

— « Vacillam os thronos enquanto não
gemerem na forca os pedreiros! »⁽¹⁾

O Lufante, gorem, gorem que não se

gore, a pp 51-59.

⁽¹⁾ O Desenganado, periodico politico e mo-
ral [Lisboa, 1830] - n.º 6; « Ah! malvados, se
vosses conhecissem o verdadeiro arrependi-

esquencia do seu papel de rei absoluto, mas ao mesmo tempo tinha as suas deudas: as causas não se faziam de gr' para a mão, era preciso fingir, illudir, representar bem o papel que lhe destináram.

Assim, com os conselhos púbtis d'aquelles que o rodeavam, e que viam nelle um esplendido instrumento das suas ideias, e chegado precisamente na occasião, o Infante de castela começou por jurar a linda madre dias depois de ter chegado; «goreme não? os

" mundo, o Reis do terra, assim como não a
 " imagem do Altissimo para quem, assim o pe-
 " riam com mais auge verdade para ger-
 " dar... Com innocencia e ingenuidade, tu-
 " do é o mesmo; nós queremos morrer ingenui-
 " tantes, e is morrer... » (16)

Bom tempo, entes!...

" (1) «Pelo meio hora da tarde do dia 26 do mes-
 " mo mez de Janeiro deste anno... reuni-
 " das no salão d' Ajuda, na sala das sessões reais,
 " as duas camaras legislativas, com assisten-
 " cia do cargo diplomatico, da corte, e officiaes-mi-
 " nes de casa real, appareceu o Senhor D. Miguel

" fins justificavam os meios... »⁽¹⁾

Reunidas na Ajuda as duas camaras, o
 Infante - regente entregou - lhe solennemen-
 te, com um discurso a regencia do reino;
 D. Miguel accitou - a com outro discurso
 regendo Oliveira Martins,⁽²⁾ calado regem-
 do o Sen. Trigueira⁽³⁾; e com discurso em
 que elle estendeu dezois as mãos sobre os

"
 " com as senhoras Infantes... Com requi-
 " simento á allocucao do ex-regente, tomou o lo-
 " gar de S.A. a Senhora Infante D. Isabel Maria,
 " o senhor D. Miguel a jurou juramento regem-
 " do a formula q̄uescripta no carta constitucional
 " de 1826, e o hergado pelo Imperador do Brasil
 " mas com a expressa determinacao de ser gre-
 " vamente occida pelos Tres Estados do Reino... »

{Pina Manique: Portugal desde 1828 e 1834, p. 12}

⁽¹⁾ O. Martins: Portugal Contemporaneo, I,

p. 87.

"
 " ⁽²⁾ « O Infante entregou - lhe a regencia com
 " um discurso; elle recebeu - a com outro. » {Por-
 " tugal Contemporaneo, I, 87}

"
 " ⁽³⁾ « O Infante não se regendou; não pôde
 " de porque não estava acostumado a estes
 " actos publicos e era branco e ignorante mas

Evangelhos e disse friamente a fórmula obrigatória.

Lá fora estalaram os foguetes em girândolas; os rios regicavam em festa; as fortalezas e navios salvavam e o povo aclamava...

Aclamava, o quê? O Imperador regente? Não: aclamava o seu rei natural, o rei absoluto, o grande D. Miguel I, rei de Portugal! A rainha Carlota Joaquina exultava.

De facto, o ministério que estava então foi nesse mesmo dia dimittido como gerizoso por liberal de mais⁽¹⁾ e nomeou-se o duque de Cadaval, o dezan. Cargado Leite de Barros, futuro conde de Basto, Rio

"João não ligava nenhuma importância ao juramento..." [História da Revolução de Setembro, I, 191]

⁽¹⁾ «Um geral e escolha do Senhor D. Miguel mereceu o agrazo publico... [Uma manieira: des. cit., 13]

de Mendança, o conde de Lousã (D. Diogo)
o visconde de Santarém; e como o povo
sempre continuasse a pedir que deixasse
a Barba, que o queria rei absoluto, o Lu-
fante decidiu-se...

Aqui é que nós queríamos chegar...

Batear a Barba, proclamá-lo rei ab-
soluto, trair o irmão D. Pedro IV? Sim,
era isto o que se queria.

Mas... o juramento sobre os Santos
Evangelhos; ao pão de fagueiros e regi-
ques? Era uma!...

Esqueceu-se, porém, que o livro sobre
que foi feito o juramento tinha sido... o
livro Os Burros do padre José Agosti-
nho e que, mesmo assim, o duque de Ca-
stela « encolheira o Lufante á vista da
camara!... »⁽¹⁾

Esta versão, fragmentada com o fim

⁽¹⁾ O. Martins: Portugal Constitucional,
I, 88.

certamente de acabar com escurujelos, —
 se o havia — decidiu a reflexividade...

Com razão dizia o padre nesse mes-
 mo tempo: « zelo maior gado e' um do
 " de malvados, e' umejoso e infame
 " simos indignantes; outro pad' um bebe
 " do... »⁽¹⁾

mas adiante...

O que e' guerra verdade e' que, quer o
 juramento fosse sobre o Evangelho quer
 sobre Os Barros, D. Miguel faltou a qual-
 quer d'elles. A guerra e guerra foi-se cer-
 cando de gente sua; e mae agarrava d'um
 lado; e o ceude de Barros d'outro; e o gov-
 nado cessava de guerra

— Viva D. Miguel absoluto!

Não teve outro remedio... A 13 de
 março (ha oitenta annos!) sahio um
 decreto assignado por José Antonio de
 Oliveira Leite de Barros, com a rubrica

(1)

Os Barros - prefazad, p. XII

do parecerem os senhores deputados, em requi-
 da e em outro que dissolvia a camara do
 segundado.

O primeiro dissolvia em nome da Car-
 ta Constitucional; o segundo explicava
 em nome da mesma carta.

A Carta! Sempre a Carta! Em no-
 me da Carta se annullava a camara para
 que a outra fosse « mais gôfria de uma
 monarchia e isenta quanto possível de per-
 illudida... facilitando-se por este meio a
 real missão portugueza em meio de ser digna-
 mente representada... »⁽¹⁾

Este acto, diz Oliveira Martins, im-

⁽¹⁾ E continha assim o decreto: «... e
 deitando objecto de tão alta transcendencia
 ser encarregado e gosoas deventes a deus,
 fizeis ao throno e amadas da patria, hei outro.
 sim por bem, em nome d'el-rei, nomear
 para este afado nomeada como juredo... » etc,
 etc, requirido-se os nomes do membro d'el-
 la. Ver transcripto em P. Chagas: Historia
de Portugal, 8.^o, 332.

gostava a abolição da barba;⁽¹⁾ e com effeito tratou-se d'isso, e conseguiram realisar-o pouco depois.

E tudo isto se fez no meio de aclamações, no meio de vivérios, de gritos, de foguetes, de regatas!

Comos são natural dissolver as castas!

Já se via ha oitenta annos!

Se isto se fazia ha oitenta annos, por que se não ha-de fazer hoje? Comos bem piungles, no fim de contas.

O Porto revoltou-se, o inquieto Porto? Que tacha! Lá se acomodou depois!

Não ha nada como uma revolução! Quê se vá de leis rabejar um loi ou gansar de camuagem,⁽²⁾ o que caubudo ficou dissolvido foi a camuagem...

(1) Portugal Contemporaneo - I, 91

(2) Este "gansar de camuagem" refere-se ao facto do monarcha, depois de assignar o decreto a que me referi no note do p. 105, sahír immediatamente de Paço das Necess.

Ah bem José Agostinho de Macedo! Tu
 é que dizes bem, quando dizes a respeito
 da revolução: « em todas as monarchias há
 " de ser o que a França está sendo, em a Fran-
 " ca ha-de acabar de vez de inquietar o
 " mundo ». ⁽¹⁾

cidades, e in ganniar de carruagem para a
 Avenida, e quando gouvavelmente para
 os numerosos jogos que havia zelos suas,
 engrandecendo as grimeiras modicias de que se
 resolvera no Conselho d'Estado. Este facto
 indignou toda a gente, tanto mais que gane-
 cia haver gogozido, e is que o monarcha dei-
 xou o Pazo, grimeiro que algeus mem-
 bros do Conselho que ainda lá ficaram discu-
 tindo. [A. escrita a 27-III-1837]

(1) O Desempenho, 1.^o ed.^o - n.^o 2, p. 8.

Bibliographia: Picheiro Chagas: Historia
de Portugal, vol. VIII, cap. XIV — Jac. d'Arrago:
Historia da Revolução de Setembro, I vol., liv.
 II, cap. I — Oliveira Martins: Portugal Car-
thagoriano, I vol., liv. I, cap. IV, 2.^o — Pina Lu-
 migue: Portugal desde 1828 a 1834, cap. II —
 Theophile Braga: Garrett e o romantismo, p.
 409 — J. Agostinho de Macedo: O Desempenho
 juridico politico e moral.

Oh bom philosopho! Eras malandro
de mais para fallares assim, com uma
gosta de sinceridade...

Oh entanto... revoluções...

Não ha nada como o juizo e a can.

Sello...

==

{16-III-906}

XII

29 de março de 1809 = Entrada de meu
rechal Sault no Paro.

Já aqui fallámos do valor que tem a disciplina quando nos referimos ao regly Baresford mostrando que elle é a base das victorias. ⁽¹⁾

Hoje commemoramos um facto que mais o vem commprovar.

E quem julga que esses artigos incendiarios que vemos constantemente contra a brutalidade da disciplina militar não o exprimam de verdade, deixe conscienciosamente neste facto da entrada do general Sault no Paro la noventa e

(1) Neste volume, cap: IX: Baresford e no-
meado, commandante em chefe, etc. p. 82

para annos; e verá quando seria melhor que a cidade veloz que proclamou a revolução de 1820 tivesse uma defesa disciplinada, methodica e seria.

A entrada do general francez Sault, duque de Dalmeacia, pelas fronteiras do Minho e Traz-os-Montes, meio-anno depois da saída de Junot demotado pelo exercito anglo-luzo, veio agarrar as provincias do norte. A defesa destas provincias era o que hoje seria, infelizmente: o mesmo que nada...

Sault entrou com facilidade, sem encontrar nenhuma resistencia como seria facil; em Chaves houve uma vergonha na comedia que terminou por se entregar a guarnição; no caso de Salamanca

⁽¹⁾ Acerca deste invasão, o melhor trabalho que conheço é o do coronel de estado-maior Affonso Pereira Taveira, de Vaz de Azevedo: Estudo historico sobre a campanha do marechal Sault em Portugal considerado nas suas

«com admiracão minha» — dizia depois Beresford⁽¹⁾ — gannou igualmente incolumna; em Braga entrou na mesma, depois do golpe assassinar o notavel e infeliz general Bernardim Freire d'Albuquerque; e por toda a parte gannou o duque de Dalmeida, vencedor sem combata, encontrando sem que no seu frente a gente amotivada.

Daram armas ao povo para se defender; mas este, como succede sempre nos momentos de terror quer encontrar traidores em toda a parte e sem accitar a menor ordem vira contra os proprios as armas que só devia empregar no defeza da patria. Essa gente desvairada «para

relações com a defeza do Porto. (Lec, 1 vol.º, 1898)

⁽¹⁾ Relação das operações do Exército de Sua Magestade Real desde a defeza do Marochal Beresford feita segundo os desejos de S.S. Lec os Governadores do Reino, feita por Beresford, com data de 21 de setembro de 1809. (Os Revisões do Exército e do Armado, vol. 22,

" quem he. de raizar a aurosa da civilisa-
 " ção quando se descolerirem arcos de po-
 " gzar Tigres fere da iguila » como disse
 Camille ⁽¹⁾, cometta toda a serie de atten-
 tados e Saull avancava sobre o Porto, co-
 mo homem que patria que o Porto se lhe
 abriria como as outras cidades.

De facto o Porto estava em condições
 de defesa; a sua linha de fortificações en-
 toa « de natureza garrageira » ⁽²⁾ podia of-
 zer alguma resistencia; o effectivo dos
 seus homens de guarnição patria ao nu-
 mero de 24:000 ⁽³⁾, numero que os escripto-
 res francezes elevam desde 40 a 70:000 ⁽⁴⁾;

H 150.) e' um notavel documento.

⁽¹⁾ O Demonio do ouro - vol. II, 80

⁽²⁾ Taveira: obs. cit. - 84

⁽³⁾ Taveira: obs. cit. - 85

⁽⁴⁾ « Le Noble dá 40 a 70:000 homens! »

[Taveira: obs. cit., p 85, nota 7:] - «... une
 armée de quinze mil hommes... »

[Tissot: Précis de l'histoire abrégée des guer-
 res... p 551]

gno não desmerecer a fama; as bocas
de fogo periam 200 com alguns obuses,⁽¹⁾
mas... Dizia com muita razão o mare-
chal inglez: «a insubordinação tornava
"tudo a despeza impossível."⁽²⁾

Assim era. Dentro da cidade os com-
mandantes não se entendiam porque o bis-
go, «dotado de um caracter profundamente
"de Lygocrita e ambicioso tinha a mania de
"querer dirigir tudo por si só."⁽³⁾ O povo am-
parava-se e o bisgo deixava-o ás voltas,
deixava meter, roubar, fazer o que
queria com a boa vontade naturalmente
de se tornar popular, de se tornar querido,
de ser visto como o unico salvador.

(1) Taveira: *ob. cit.*: - 85

(2) *Relação cit.*

(3) Taveira: *ob. cit.*, 83 — Benesford, *na cit.*
Relação chama-lhe «um excellenté bisgo.»
E' que á data do officio do inglez o bisgo gerden-
cia ao conselho e era governador desde 6 d'abril
{*Blagas: Hist. de Portugal, VII, 596*}. Era neces-
sario cuidado...

O govo arrebatou a 22 de março as ca-
deias e trouxe para a rua o brigadeiro Luis
de Oliveira com mais quatorze camarguei-
ros e outros presos dos jacobinos; e como
traidores matou-os e mutilou-os como
em Braga tinham feito ao infeliz Freire
d'Almeida.

O bispo via isto e... deixava! O go-
vernador militar, o brigadeiro Parnaíba
«agenciado sagacidade como general e d'
uma deslocação resumida»⁽¹⁾ também
via isto, mas... tinha medo do bispo e
não queria levantar «brictos»!...

O govo fazia gois o que queria; o govo
mandava.

E o exercito? Eras 24:000 homens de
defesa?

⁽¹⁾ Parnaíba: obs. cit. - 83 - Beresford Dig:
«... o brigadeiro Parnaíba patia tão pouco
mesmo da notícia militar...» [Relatório de
cit.º] - E parece não haver exagero da par-
te do. inglyz.

A este respeito diz o Sr. coronel Taveira: «é preciso não confundir um homem com um soldado.»⁽¹⁾ E realmente, dezes 24:000 homens só 4:500 eram de tropas regulares; o mais era: 1600 homens de milicias com armas e 800 sem armas; 7:000 ardeanças e 10:000 armados de fuzis, varas, machadões, instrumentos de lavoura, etc,⁽²⁾ uma multidão de gente que sob seus disciplina rigorosa podia fazer muito, mas que assim era, mais do que prejudicial, era nefasta.

O Porto estava pois condemnado a ter a parte de Braga. E, ao apparecer em frente das linhas de Defeza no dia 27, o marechal Sault notou logo a fraqueza das mesmas linhas, a turba multa que nellas andava, a pouca ardeam que havia em

⁽¹⁾ Taveira: *ob. cit.* - 85

⁽²⁾ Estas indicações meem meem curiosas e interessantes quadro a p. 86 de *ob. cit.* de Taveira.

tiado, e ficou logo com a certeza de que no dia seguinte o Porto estaria em poder dos francezes.

No entanto, as posições tinham sido tomadas pelos defensores: a esquerda da linha era commandada pelo brigadeiro Barretto; o centro (entre a Pareda e Aguardente) pelo brigadeiro Parreiras; e a direita (Bomfim) pelo brigadeiro Victoria mas Soult vendo bem que não valia a pena combater logo no dia 28 fez uma capitulação.

« Sereis vencidos — disse elle ao governador e generaes no carta que escreveu — e os rios de sangue que será derramado recalarão sobre vossas cabeças.»⁽¹⁾

O bispo governou, que era o verdadeiro governador, ou mesmo « generalissimo

⁽¹⁾ Carta do marechal Soult ao governo, officiaes generaes e commandantes das tropas que defendiam o Porto. (Nos doc.^{os} de Almeida, ob.^o cit.^o, p. XXXIX.)

"de mitra e baculo" ⁽¹⁾ não accediam q'ue-
 da alguma, mas á cautella, na noite de
 28 para 29 foi atravessando o Douro e refu-
 giando-se na parte do Pilar.

O que foi o combate nas linhas dil-o o
 resultado vergulhoso. Não havia ordem,
 ninguém recatava nos regulares algu-
 ma autoridade; todos mandavam e cada
 um fazia o que muito bem de Garcia. D'
 aqui o resultado seguinte: na tarde de 28
 o tiro de canhão começou; na noite de 28 para
 29, nos pontos, os canhões berravam d'um
 lado os outros tocados pelo terror; os canhões
 tocavam a rebata e por toda a linha os de-
 fensores lançavam uma doída fusilaria
 num modo incrível d'um assalto... E
 na madrugada de 29 quando as divisões
 francezas de Merle e Delaborde começa-
 ram o ataque, os defensores começaram
 a recuar.

(1) Taveira: obit. cit. - 91

Dois recuar nasceram as ordens de
Sault para outros assaltos e em breve
toda a linha fugia esgarçada para a ci-
dade, açoitada pelos franceses!

Assim o brio dirigia o defesa...

Toda a multidão corria; e cavallaria
francesa varria as ruas; a população dei-
damente descia a Ribeira confluindo
no caos como torrentes caudalosas de
troncadas descendo dos fazendas das man-
tañas; as baterias da parte do Pilar tro-
vejavam zumbidos ininterruptos; e
gelo gente de barcas sobre o Douro corria
a multidão aglomerada.

Nisto, uns alcaçães da gente quebra-
ram-se e foram tirados; a multidão
conheendo não viu e precipitau-se na cor-
rente rapida do rio; os que viriam não
iriam e cahiam tambem... Uma confu-
são horrivel levantou-se então e quan-
do, com muitos esforços se foi regressando
a corrente humana as guardas de gente

absteram e de novo a agua escura do Douro
recolheu dezenas e dezenas de victimas.

Os francezes perthores da cidade variavam
as ruas; no caos acrobatauam mesmo fu-
ria o goro que fugia mas por fim o espe-
taculo era tao amocismante, tao terrivel-
mente triste que os vencedores, embain-
hando as espadas e deitando as espingar-
das, lançaram-se a salvar os desgracados
que a corrente levava ás cunetas.⁽¹⁾

Os francezes estavam perthores da cida-
de. O bispo-general fugio para Aveiro; o
barão de Ebber retirou para Coimbra;⁽²⁾ e

⁽¹⁾ «Alguns os calculáram em 4.000, ou-
tros em 8.000; algunos até em 20.000. Neste
ultimo calculo ha exaggeração evidente.»
{Blagos: Hist. de Portugal - VII, 535}

⁽²⁾ O resgido do barão d'Ebber diz Beres-
ford o seguinte no je cidade Relação: «...
o barão d'Ebber tomou o commando de huma
multidão sem ordem nem subordinação...
e nos devemos admirar, não de elle não
goder mais mas de haver tanto tempo go-
vernado uma multidão...»

Berensford dizia depois sarcasticamente e
 certo mas com justiça quando mais eu me
 mo & indirectamente o accusaram de
 não socorrer os sitiados da cidade unido:
 « Se eu tivesse mandado todo o exercito
 " ao Porto, todos teriam entrado em uma
 " abarba insubordinação e todos teriam de-
 " mado o esgripto que então reinava no
 " Porto e teriamos infallivelmente perdi-
 " do o fundo sobre que eu gaguei quinci-
 " gias a formar um exercito... »⁽¹⁾

Quem venceu pois o Porto? ⁽²⁾ Os france-
 ses? Não: o insubordinação que havia, a

(1)

Relação cit.²

(2)
 « At gerda dos portugueses durante os tres
 " dias foi calculada de 8 a 10:000 homens
 " não incluindo os afogados no Douro... »
 [Taveira: ob. cit., 93]

Bibliographie: Taveira: Estudo Historico
sobre o saqueado do marochal Sault em
Portugal, cap. 12 — P. Blazes: Historie de
Portugal, vol. 7^o, cap. 221 — Vinot: Précis
ou Lictaire abrégé des guerres de la revolu-

falta de disciplina, essa causa que muito
conduziam a uma linha que mas que con-
segue tudo.

Quelera-se, o facto, com a maior facilidade
de mas com elle se faz o mais forte tec-
do.

==

{22-III-906}

Vian, p. 550 a pag.^{ra} — Relação das operações
do Exército de Sua Alteza Real ... cit.^o a p. 119
deste artigo.

7 de junho de 1494 = A Divisão do
Mundo - [Tratado de Tordesillas]

« Este he o marco d'entre
castella e portugal... »
Legenda da carta geographi-
ca de Cantino (1502)

Ninguém — desde que ha gente pelo
mundo — se lembrou de certo, em dividir
imaginariamente o globo terrestre em
dois e dizer categoricamente:

— Esta parte e' para estes e esta outra
para aquelles...

Pela guerra, pelo conquista das armas,
povos sobre povos se foram agoderado de
continentes, de ilhas e de mares; invenções
colossaes se foram feito em que a alluvião
irresistivel de gente se foram agoderado de

vastos territórios; mas que um homem
dentro d'um gabinete, um recanto lu-
goso d'um enorme edificio tentá dividir
o mundo ao meio e dizer:

— Tomem lá!...

isso só gasta o zelo ambiciosa do que
quifico o rei Alexandre VI.

O successor do Lumilde S. Pedro, de alto
de polio poderoso, dispenha assim, a seu ta-
lante, do mundo, como se elle fosse domi-
nio legal; dava uma especie de penitencia
de doação para acabar com contendas.

Fára o caso que Vintem nascido deuri-
das sobre a quem pertenciam os terrenos
descubertos pelos navegadores portugue-
lleses, quando a febre das descobertas
chegára ao seu ponto culminante com
o encontro do continente americano⁽¹⁾ e

⁽¹⁾ Merece ler-se a obra de Taubman de
Fonseca: A Descoberta do Brasil, no cap. XII
em que trata com certo desenvolvimento
a questão de grande importancia para d.

com a da extremidade sul da Africa Zaire
Tora.

Os viagens de Bartholomeu Dias e Co-
lombo marcaram o periodo aureo das via-
gens descobridoras dos seculos aureos
dos; d'ahi para o futuro seria apenas ne-
cessario ir na estada do que estava feito.

Nesse periodo, diz Oliveira Martins, « a
" Europa curva a cabeça e a natureza e' obri-
" gada a revelar os seus segredos. »⁽¹⁾

Portuguezes e hespanhoes percorreram e
descobriram o mundo num abraço colossal;
as suas bandeiras encontraram-se em
mares longinquos; os seus navios cru-
zaram-se em afastadas paragens.

E com isto, o circo começou; ou

João II, da grandiosidade da descoberta do Bra-
zil que hoje, mesmo apesar de tudo, não es-
tá definitivamente averiguada. É um li-
vro feito com consciencia e que revela
bastante erudição.

⁽¹⁾ Historia da civilização ibérica — tomo IV,
1º, p. 197.

bem que era d'elles ou bem que era d'outros aquillo que se descobria. Lá de ganancia é que os dois povos visinhos não queriam; e rivalidade secular subsistia porque e agora muito mais desde que Portugal deixou fugir a gloria da descoberta da America.

Foi preciso, pois, regulamentar as descobertas; foi preciso estabelecer uma regra no leuco espirito aventureiro de Portugal!

Em 1436, já o papa Eugenio IV concedera ao rei D. Duarte, por uma bolla⁽¹⁾, a posse das terras que os navegadores portugueses descobrissem, pois que já nesse anno as descobertas portuguesas tinham tomado um certo incremento; mas Castella acudia logo quando se vi a posse das Bavarías que — diziam de lá — foram sempre castelhanas mas que de cá diziam

⁽¹⁾ P. Chagas: Historia de Portugal - III, 87

— e com mais penão completa rasão —
 que tinham sido descobertas por marinhei-
 ros de Affonso IV. Lo mais d'um seculo.⁽¹⁾

Illewa questão que, se fosse hoje, dava
 com um ministerio em terra; mas lá
 se arranjou tudo conforme se foyde e
 os navegadores continuáram por esses
 mares, ensadadamente, deusando o desco-
 nhecido.

A viagem feliz de Colombo veio, go-
 rem, modificar tudo e o rei D. João II viu
 bem o resultado. O Henrique, peulora
 do riquissimo continente ia equalar-se a
 Portugal em terras conquistadas e quem
 sabe se intrametter-se com os navega-
 dores portuguezes disputando a mão ar-
 mada a posse de novas terras.

Assim, sem uma marinha fixe, não
 se podia ser.

⁽¹⁾
 Ver neste Novo Reino Historico, no I vol.
D. Affonso IV e as ilhas Canarias - p. 95

Recorreu-se ao Papa, então o summo e-
 labro Alexandre VI. Este chefe supremo
 da christandade e por consequencia senhor
 do mundo todo (segundo a vaidade e orgu-
 lho do christianismo) resolveu a questao
 como delemos em outros tempos.

E como — segundo Fr. Francisco de S.^a
 Maria — « sempre foi facil a qualquer
 "homem dar o que não góde haver" ⁽¹⁾ o am-
 bicioso Alexandre VI dividiu o mundo
 por uma linha imaginaria do polo norte
 ao polo sul e que passava precisamente
 a meio do Atlantico e disse: para o gran-
 te é para os hespanhoes, para o nascente
 é para os portuguezes!

Esta divisao do mundo, fundada numa
 logica curiosa e tortuosa ⁽²⁾ teve lugar a 4 de

(1) Annos Historico - I, 198

(2) Curioso achamos transcrever o seguinte
 do boacado da Historia de Pideiro Braga, que
 se findo num trabalho de Andrade Corvo
 publicado no Jornal das Sciencias Mathe-

mais de 1493, por meio de duas bulhas.

O mundo estava pois dividido pelo pui-
gões e aiguthores vaudade do representante
de Christo na Terra...

Passado um anno, reuniram-se em
Vandecillas os representantes de Portugal

tiros da Academia Real: « Havia... uma
" teoria para explicar essa intervenção gou-
" rificia e essa teoria exfol-a de seguinte for-
" ma o bacharel Enciso:

" « A Abraham e a seus descendentes deu
" Deus a terra de Promissão habitada e possuida
" por idolatras que adoravam o Diabo e blasphe-
" mavam de Deus. Nesta terra viveram
" Abraham, Isaac seu filho e seu neto Jacob, e
" Jacob suas mulheres e seus doze filhos e seus
" netos iram para o Egipto. Estiveram os des-
" cendentes de Jacob setenta annos no Egipto
" donde os tirou Moyses, conduzindo-os a ter-
" ra de Promissão, que conquistaram a ferro
" e fogo, levando no cativeiro quantos esca-
" zaram á morte. E sendo isto se fez zelo vauda-
" de de Deus porque eram idolatras. » E sobre
" esta allegação, prosegue Enciso, direi que
" « sendo nós o Povo em lugar de Deus, e el-
" le, como senhor universal, havendo dado

e Iheronimo « para realisarem as concessões daquelle. »⁽¹⁾

De cá foram Thomaz de Sousa e seu filho D. João de Sousa; o licenciado Nuno d'Almeida, corregedor da corte e o seu secretario Estevão Var « pessoas no reino de muito bom saber grande confiança e muito caridade »⁽²⁾

No anno que as negociações requiriam

« as terras das Indias que possuíam idolatras ao rei catholico para que se fizesse nelle o nome de Deus e a nossa fé, o rei muito justamente podia mandar requerer a estes indios idolatras que se entregassem a terra, pois o rei se lh'a dava e se a não quisessem dar se podia fazer a guerra a terra. Th'á o fôrça e ajuda de seus cavalheiros e grandes e dar como escravos os que fossem presos, como fosse feito aos de terra de Promissão. » Tais eram as doutrinas correntes por esse tempo... » (Blazer: Hist. cit. - III, p. 88)

⁽¹⁾ P. Blazer: História de Portugal, III, 89

⁽²⁾ Garcia de Resende: Chronica de D. João II, pag. 167 — «... e com elles muito honrada companhia... »

D. João II não se esquecia de ter em cons-
tante consideração a embaixada, ao
mesmo tempo que com dadas e laudas
conseguiu que « todos os conselhos e regedores
" He era de descobrir os quinceiros que mandam.
" ma causa se fizesse... »⁽¹⁾

O grande quinceiro era na verdade um
quinceiro perfeito!

E os embaixadores abriam a bocca de
admiração quando nas recomenda-
ções de D. João II apparecia d'isto: « tal dia
" vos hão-de dizer El-rei e a Rainha tal e tal
" causa a que responderais tal e tal... »⁽²⁾

Assim se fizeram as negociações; e a

(1)

Resumo: Chronica, cap. 168 — « Também
" tinha tido no conselho d'El-rei e da Rainha
" de Castella que tudo he era logo revelado antes
" de se fazer, e tinha maneira que ao Duque do
" Brabantado e a outros senhores mandava da-
" dadas e mercês publicas... e aos que mais
" se faziam dava mercês tão grandes e tão re-
" credas que todos os regedores, etc... »

(2)

Resumo: Chronica, idem — E accresceu

7 de junho de 1494 se assignou em Torde-
 villas o celebre tratado jurado pelos dois
 reis «com grande reverencia...»⁽¹⁾

Por este tratado a linha divisoria ficou
 mais grossa o nascente 370 leguas do que a
 linha estabelecida⁽²⁾ e isto com o fim de com-
 preender na parte portugueza, o Brasil, já
 então conhecido pelos nossos navegadores

da: «... e vindo o proprio dia lho diziam sem
 "faltar palavra. De que os Embaixadores eram
 "muito agradados...»

⁽¹⁾ Resende: Chronica, pag. 167 — «... de que
 "tudo mostravam receber descanço e contenta-
 "mento...»

⁽²⁾ Commentario a tal respeito, d'um je-
 "suita: «... aquella linha imaginaria, lançada
 "de norte a sul... é o fundamento da divisã
 "e demarcaçã do Brasil... Mas como nesta
 "linha transversal os caminhos de uns andá-
 "ram mais e menos livres os de outros, ou
 "de gregos, ou levados das diversas arri-
 "mações das cartas geographicas, veio a occasio
 "nar-se nesta materia variedade:...» Padre
 Simão de Vasconcellos: Chronica do Caminho
 de Jesus no Estado do Brasil, Introduct^{ão}, 14-15.

mas incertamente e que deu lugar á descoberta de Colombo⁽¹⁾ que quando partiu para a aventura levava a certeza de que ia fazer.

Por isso os nossos embaixadores protestaram e a linha foi collocada onde devia, no fim de contas, ser.

Para lá da linha, a Espanha; para cá, Portugal. O mundo era do Princípio!

O mundo era coisa de Portugal e de Espanha! O mundo era nosso, de nós e de nossos que levávamos a cruz á frente para ascendo da guerra commercial!

(1) Ver sobre o assunto o já citado livro de François de Saussure: Do Descoberto do Brasil, cap. XII.

Bibliographia: P. Braga: Historia de Portugal, III, cap. XIII — F. de Saussure: Do Descoberto do Brasil, cap. XII — Garcia de Resende: Chronica de D. João II, cap. 167 e 168 — Beltrame: Descobrimientos, guerras e conquistas dos portuguezes, liv. I, cap. XIV — F. de Saussure: Portugal Pitoresco, I v. ff. 258 — Simão de Vasconcellos: Chronica do Conde de Gues no Estado do Brasil, introd. —

É ironicamente, mas com alguma
penhora de desajuste, Francisco I de França
ao saber do tratado, dizia, sorrindo:

— Sempre queria saber qual foi o artigo
do Testamento de Abdão que legava a Por-
tugal e o Algarve a olhos do mundo por
desembair!

==

{31-V-906}

XIV

22 de setembro de 1772 = O Marquês de Pombal e a Universidade.

Entre as reformas que o Marquês de Pombal introduziu no nosso desorganizado país durante o seu tempo de ministro, a da Universidade de Coimbra é sem dúvida das mais notáveis.

Nada esqueceu ao notável ministro; e a instrução que estava entregue aos jesuítas, viu-a o país — que também estava sob a enorme pressão da intolerância religiosa — que ia surgir sob um aspecto novo, moderno, a par dos países adiantados da Europa. Por a instrução é moderna, impedia-se expulsar os jesuítas dos estabelecimentos de ensino; era necessário isso para a obra do Marquês?

O Marquês não conhecia dificuldades;

e os jesuitas foram expulsos do ensino pú-
blico com alauso de todos.⁽¹⁾

Bem via elle que a instrucção, polida
base da grandidade d'um povo, era coisa que
o Portugal faltava, como de resto ainda ho-
je; e accrescenta um seu agologista que era
sobre a instrucção « que elle esperava assen-
" tar os alicerces sobre que nemme egocha futu-
" ra poderia ser erigido o edificio d'um gover-
" no livre. »⁽²⁾

Previsse ou não o futuro o que é certo
é que a medida gombalina foi uma medi-
da de alcance consideravel. Que importa-
na a instrucção se a obra era admiravel e
se d'elle se tirava afinal os mais esplendi-
dos resultados?

O marquez antevia a revolução egre-
-

(1)

«... foi dispendida (a Gombardia) em um
" aumento de direcção dos estudos no anno de
" 1759. » [alvará de 28 de junho, 1759] - [D. Thom. de
Corta: Historia da instrucção, 104]

(2)

Smith: Memorias do marquez de Pombal.

tendo no horizonte? Não me metterei a
 resolver o problema; o que é certo é que o
 jesuíta deve de largar o domínio do cathedra
 e não mais — durante muito tempo
 — amoldar as intelligencias juvenis aos
 acanhados limites dos seus processos de
 ensino. « Foi o primeiro passo — diz Pi-
 " rreiros Chagas — dado pelo Marquez no seu
 " obra regeneradora. »⁽¹⁾

E assim foi.

Ora a Universidade tinha sido um
 foco onde se reuniam fortes os filhos de
 Bourquand e o Marquez bem viu a ne-
 cessidade de dar uma remodelação aquel-
 le antigo e celebre estabelecimento de ins-
 trução, tiral-o do chão que lhe caíra em ci-
 ma, levantá-lo ao nível em que devia es-
 tar, dar-lhe enfim uma feição moderna
 e liberal.

bal - p. 236

⁽¹⁾ Historia de Portugal - VII, 62.

Os jesuitas já lo iam, mundo feia, curvados ao feroz jugo do ministro; mas era necessário destruir tambem a feicção que elles deixáram e as raizes que crearam por toda a parte.

Em 1770, uma carta de lei, de 23 de novembro criou a chamada Junta de Providencia litteraria composta de Frei Manuel do Bemaculo (bispo de Beja); doutor José Ricalda Pereira de Castro e José de Seabra da Silva, desembargadores; doutor Francisco Theobaldo Marques Geraldes; doutor Francisco de Lemos Pereira Cantúcho, reitor da Universidade; doutor Manuel Pereira da Silva e João Pereira Ramos de Azevedo, desembargadores, — sob a inspecção do cardeal de Bragança e do Marquez de Pombal.⁽¹⁾ O fim da junta era «elaborar um relatório sobre o estado da Universidade, causas do seu decadencia e remedios a propôr para o sal.

⁽¹⁾ Manuel Gago: et Universidade de Coimbra.

"van e agradecer."⁽¹⁾ O relatório veio provar que a boingardia era o principal factor da decadencia da Universidade; foi apresentado em agosto do anno seguinte e mostrava a urgente necessidade de remodelação, porque o seu estado de abruço era «verdadeiramente verganhoso»⁽²⁾

A mesma junta, então, foi encarregada de redigir os estatutos, agregando-se para as sciencias medicas o Dr. Antonio Ribeiro Sanchez e para as mathematicas e philosophia natural o celebre José Anastasio de Cunha.

Lançou-se com verdade mãos á obra e a 28 de agosto de 1772 foram sancionados por elle e a real regia os estatutos que iam reformar o nosso estabelecimento de ensino, os celebres estatutos a que um

(ere, nos Serões, [2ª serie] - I vol. 246

⁽¹⁾ Mr. Gayo: A Universidade de Coimbra, na mesma revista, I, 246

⁽²⁾ Mr. Gayo: ibidem, I, 247

erudito escriptor contemporaneo chama
 «o mais judicioso e vasto regulamento
 d'estudos que viram othos humanos» ⁽¹⁾ e
 que regendo outro «paiz em momento
 de pavidaria que ainda hoje derrogam a
 admiraçãõ do mundo inteiro.» ⁽²⁾

A Universidade tinha pois aberto adian-
 te de si um futuro grande, estimulando
 as gerações modernas a serem mais las-
 gos horizontes; e o jesuita tinha de ceder
 em frente da grande figura esgloriosa do
derrota. Mais uma vez a fenece voutada
 do ministro fazia vergar o espirito audizo
 para dar uma nova forma e moderna a
 este fraco e velho pais.

(1) D. M. Simões de Castro: Guia historico do
viajante em Coimbra - p. 159.

(2) Tropeiros illustrado do viajante em Coimbra
 1756. [8' autor Theobaldo Augusto Gonçalves]

A respeito dos estudos diz John Smith, nas
Memorias do Marquez de Pombal [p. 239]:
 «Tão subito regulacãõ grandearam na Euro-
 pa os estudos e regulamentos de Coimbra

Publicados os estatutos o rei D. José enviou o seu ministro a Coimbra para generalmente os fazer cumprir. Dizia na carta regia: «em meu nome fareis tudo pois do meu real agrado e gratificação»⁽¹⁾ e na verdade o Marquês de Pombal garantiu para Coimbra em setembro de 1772 para dar cumprimento ás ordens do seu real amo com jurisdicção privativa, exclusiva e ilimitada.⁽²⁾

Era na verdade um poder absoluto!

No dia 22 de setembro, a cidade de Coimbra, em festa, recebia com extraordinarias ~~festas~~ honras o Plenipotenciário do Marquês. Desde Coimbra foi acompanhado d'um grande requido e ao chegar á porta sobre o Mondego um barco

que os acompanharam outros governos no intuito de melhorarem as suas universidades.»

(1) Citado em P. Braga: História de Portugal
VII, 70

(2) Simões de Castro: Guia cit., 159.

d'ordenanças, fazendo a guarda d'honra
salvou com tres descargas e os raios de to-
da a cidade regicaram fortissimamente.

A Universidade veio receber-o e até o
grande Marquez se allegar á porta do Paço
episcopal — depois de passar pelas ruas
« que estavam todas arçadas e armadas »
como diz um Diario da epocha ⁽¹⁾ — a cida-
de gregia que recubria nos seus muros o
maior penhor de Portugal.

~~em~~ A Universidade decretou como se
devia ir esgrair suas Excellencias num re-
gulamento curioso: á frente os chara-
melleiros, os estudantes « per modum
" universi porque em raras não goza ha
" ua formalidade; » ⁽²⁾ depois os membros em
artes, a seguir os leões de medicina, os
legistas, os canonicos e os theologos; em

⁽¹⁾ Ver transcripto no Panorama photogra-
fico de Portugal, I. v. p. 45

⁽²⁾ Regulamento referido que vem tambem
transcripto no mesmo Panorama photographi.

seguido os bedais e no fim o reitor, todos
 « com as insígnias de barlas e capellos
 " que não tiraram sem acabar o acto »⁽¹⁾ e o
 do lado direito recebido e nomeado como em-
 gria ao homem que vinha como « logar-
 tenente » do rei de Portugal.

No dia 26, um questionário polemico de todo
 o corpo academico foi buscar o marquez ao
 Paço e acompanhá-lo á Universidade, onde
 de lhe estava reservada, na sala dos ca-
 pellos, « uma cadeira ricamente armada
 " debaixo de um docel de velludo; »⁽²⁾ e com
 todo o ceremonial foi lido o decreto no
 qual D. José dava plenos poderes ao mar-
 quez para reformar a Universidade.

Passados tres dias, com o mesmo ceri-
 monial e a mesma solemnidade foram
 lidos os estatutos.

De então for deante, até ao dia 24 de

co, I v. p. 31

(1) Regulamento, citado

(2) Simões de Castro: Quis cit.°, 160

amburo, o marquez empregou o seu tempo em dirigir pelo caminho que he tinha aberto, o caduco estabelecimento que d'ahi se viu fundado naquella collina elevada que é hoje a linda cidade de Coimbra.

O marquez empregou na sua obra os homens mais illustres que havia « escolhidos pois pela sua gravidade e cultura, » empregou o seu tempo activamente na reforma que he devia ser bem querida, e tambem se viu elevar o grande edificio onde hoje esta o Museu de Historia natural e o Gabinete de Physica, o laboratorio chimico, apparecer o jardim botanico e o observatorio astronomico (que se nao chegou a concluir); tambem se viu conservar dos antigos professores uns poucos que he mereciam confiança, e para as vagas que ficaram mandava nomear de autoritate regia e outros mandava vir do ex-

(1) Notas illustradas, cit.º - 66

frangeiro, dentre os mais distintos.

Foi no curso mes que esteve em Coimbra, uma verdadeira revolução.

A degeidre - ne oficialmente na palle dos cagellos teve sobas amaveis palavras: «em Coimbra achei muito que louvar e nada que advertir...»⁽¹⁾ E quando, dahi a dois dias palle de Coimbra, deixou nas mãos do muito conhecido D. Francisco de Lemos, o reformatador-reitor - reitor desde maio de 1770 e reformatador por decreto de 11 de setembro de 1772 - o encargo lauroso e d'alta responsabilidade da continuacão da obra memoravel que empreendera.

E a respeito deste ultimo disse degois Fr. Antonio José de Rocha que «nao houve causa que fosse exceder a fartura das letras deixasse de fazer o seu génio nesto,

⁽¹⁾ Smith: Memorias, 241.

Glória de ser hoje!...

" Jacundo e agradecido, »⁽¹⁾ e realmente o ministro de D. José não podia collocar em melhores mãos o cumprimento dos seus planos.

Voltou porém o jesuíta com D. Maria I e a reforma grandiosa do marquez estava em risco de cair; não caiu porém o valor da reforma era dos que sobreviveram ao tempo; não caiu porém os professores nomeados ainda lá estavam quasi todos; e porém o benemerito D. Francisco de Lemos consagrou sustentar dedicadamente o que elle ajudára a crear com almas e coraçãõs.

Mas o que certamente não caiu foi a affirmacão de todos, de que os estatutos da Universidade de 1772 são uma obra ex-
glandida e que a reforma pode-se aguentar como uma das melhores obras do minist.

⁽¹⁾ Oracão fúnebre de D. Francisco de Lemos, cit.º em Simões de Castro: Quis cit.º, 162

do que parece elevar um reino decaído e moribundo a dar vida ainda o mais da vida, a por alguma causa até e cujo valor e o mesmo vulgar e glabro « é recebido com admiração pelas nações do mundo. »⁽¹⁾

x

Mas — o que é o mundo! — volvido um século e pouco mais, a Universidade em vez de acampear-se perfeitamente o progresso, deu causa a que, ainda não há muito, o jornalista João Braga disse: « se ha na sociedade portuguesa um mal que discutido apesar de por talvez o que mais interessamente ~~se~~ se ⁽²⁾ tem de lutar, esse mal é — a Universidade » e deu origem o conflito cuja resolução se espera ha dois meses e meio!⁽³⁾

⁽¹⁾ D. Antonio de Costa: Historia da Lusitania capitulum de regibus - 127

⁽²⁾ Os meios nações - I vol., p. 56

⁽³⁾ Esta nota final foi escrita a 25 de maio

A Universidade teve mecha grãve — a
 emm e' licito affirmar-o — o ann 89; de
 toda a parte os ataques caheem-Ne sobre o
 dogmatismo cathedraico como as achas de
 madeira brasejadas pelo fogo em revolta
 na gorta da Basilha; o velho edificio uni-
 versitario desmorona-se em presença da
 revolta intellectual da mocidade; e o go-
 verno fazendo politica, esgatha aos quatro
 ventos que se está em presença d'um caso
 de ardeur publica.

de 1807, quando estava ainda accesa a grãve
 academica. A este respeito ver as memórias me-
 morias, I vol.: A questã academica de 1807.

Bibliographia: Pinheiro Braga: Historia de
Portugal, VII, cap. VI — Augusto Mendes Si-
 mees de Castro: Guia historico do viajante
em Coimbra, p. 154-164 — D. Antonio de Co-
 sta: Historia da instrucçã popular, cap. V —
Panorama phoetographico de Portugal n.º 2 e 3.
 — Porto illustrado do viajante em Coim-
 bra, p. 62-66. — O Coimbricense, n.º 5369 —
 Manuel Gago: A Universidade de Coimbra,
 nos Sensões, 1805, 2.ª serie, I vol. p. 345 — Smith:

Oxalá desta guerra nasça o resurgimen-
to d'uma Universidade nova, como das
cinzas da Basílica nasceu a liberdade!

=====

{ 15-IX-904; re-
fundido a 25-V-
907 }

Memorias do Marquez de Combal {trad.^o},
vol. XX.

XV

21 de abril de 1749 = O título de "Fidelis-
simo."

D. João V foi o primeiro monarca português que teve o título de fidelissimo.

O que quer dizer este título que ficou depois d'elle para todos os successores?

Na nossa opinião o título, seu rei, não quer dizer coisa alguma ou quando muito quer dizer pouco...

É vulgar o fallar-se do fausto e da magnificencia do cêrte do rei D. João V; alguns factos até ficaram proverbias e hoje contam-se com orgulho. Ora este de que tratamos não é dos mais fallados e sem duvida um dos que custou mais dinheiro.

Foi certamente uma questão de vaidade e as minas do Brazil chegavam bem para

se poder ser vaidoso e ainda para mais do que isso.

Esta curia o ouro corria abundante; havia diplomatas de propósito para se conseguir que os beneficiados usassem hábitos prelaticios...⁽¹⁾ e outras frivolidades puerilhantes! Uma atmosfera de beatidão e devassidão reinava em toda a parte e o ouro vinha acabar de corromper a raça degenerada que dera tanto valor e tanto lreoe! E o jesuita, autor desta obra terrivel, via impassivel o acaso das ruinas do Brazil que vinha como um auxilio providencial na sua obra de destruição e aviltamento duma grande raça.

O jesuita era peuhar do povo; e o rei só queria saber das suas igrejas, das inunda-

(1)

«... fez nin involuntariamente ver Alexandre de Gusmão numa requisição que dirige a el-rei... lembrar que foi elle que conseguiu que o Patriarcha usasse pulgar-luneral e os beneficiados hábitos prelaticios.» [P. Chagas: Historia de Portugal, VI, 274]

des e do seu ponto predilecto, S. Francisco d' Assis.⁽¹⁾

Sentia-se feliz quando ouvia tocar o cântico de Maria que era a sua obra principal, que era a sua gloria; e o povo, com fome, emigrando, abandonando as aldeias, ia comer de camião o caldo ás gortarias dos conventos, como unico recurso e mais commo- do...

Mas, a vaidade estimulou-o sempre; a vaidade nelle era tudo. Luiz XIV foi um grande rei: porque não havia elle de o ser tambem? Por isso o pretendem imitar em tudo, amedantando-o sempre.

Maria era uma basilica «maior que o reino»⁽²⁾; a capella de S. Roque, uma preciosidade; o aqueducto, uma obra monumental

⁽¹⁾ «...o fraco por S. Francisco era de tal grão que assignava ao logar de auctor da sua Ordem Terceira.» {Oliv. Martins: História de Portugal, II, 152}.

⁽²⁾ O. Martins: Ob. cit. - II, 154.

e a Academia de Historia iria lançal-o á for-
 titude em enfeitados volumes encaderna-
 dos, de bom papel de linho com gravuras em
 aço. ⁽¹⁾

Era verdadeiramente um grande rei, um
 rei magnifico, glorioso, de obra de grande
 espectáculo...

A embaixada que mandou a Vienna d'
 Austria para tratar do seu casamento com
 a filha do imperador Leopoldo, foi uma causa
 esganeada que admirou toda a gente.

O titulo de Fidelissimo, foi, imputado-lhe
 á sua vaidade, para, como confessa Alexan-
 dre de Gusmão «que lhe não levassem van-
 tagem os monarchas de France e Hespanha.» ⁽²⁾

⁽¹⁾ «Estava-se ainda longe do critério de histó-
 ria, gastando-se uma estéril erudição em mi-
 nucias, confundindo principalmente os factos com
 os individuos; as narrativas eram também greju-
 dicadas pelas amplificações rhetoricas do mais
 lygibolico gongorico. Mas, era o estado dos es-
 critos...» [Fr. Braga: Alexandre Lusitano, 02-03]

⁽²⁾ Fr. P. Chagas: Obra. cit., VI, 275.

E assim foi; o Gregório Gusmão foi o intermediário e quem escolheu o título. Conheciam as negociações e chegou a haver dúvidas se a concessão devia ser feita por breve ou por bulla...⁽¹⁾

O ouro correu, como sempre correu quando se queria alguma coisa: um cardeal recebeu um riquíssimo anel; outro um riquíssima bainella... e assim sucessivamente e de tal modo que em Roma aguçava-se o rei D. João V como mesencho modelo em toda a christandade!⁽²⁾

O que é verdade é que Benedicto XIV, a 21 de abril de 1749 concedeu finalmente ao rei de Portugal o direito de usar o título de Fidelissimus direito que ficaria para os seus sucessores, como realmente ficou.

⁽¹⁾ Ag. P. Chagas: *Obr. cit.*, VI, 275

⁽²⁾ Lady Jackson, na sua descrição da "Garouza Lusitana" diz: «... em paga dos serviços prestados á igreja, recebeu D. João, do Papa Benedicto XIV o título de Fidelissimus...» [D. Garouza Lusitana]

Jose' Liberato chama - the «título estéril»⁽¹⁾;
 nós, chamar - the - hevos, com mais razão «tí-
 tulo muito caro.»

O monarcha sentiu - se então feliz: tinha
 tudo!

Os Anonymous e Ignorantes demonstra-
 ram a evidência os nomes das suas academias
 com as loas estufadas, sem graça; o rei, no fau-
 to de que se ~~se~~ cercava sentiu - se feliz.

A igreja dominava; a igreja mandava; o
 Grego D. Luis da Cunha o declara: «Portugal
 é propriedade da Igreja»⁽²⁾; mas o rei, ouvindo
 tocar os seus bellos carrinhos de Mapa, dentro
 da igreja pungente do grande monumento

[p. 251, trad.^{da} de Camillo Castello-Branco] - Era gago
 dos serviços e que para jogos históricos; será talvez
 mais verdadeiro dizer que foi um gago do mu-
 to ouro que correu por aquella fabrica que é
 quasi um túnel de Davaides...

Assim ficará mais certo.

⁽¹⁾ J. L. Freire de Carvalho: Essay histórico-politi-
co, 126

⁽²⁾ Agud. O. Marbini: Hist.^o de Portugal, II, 171.

no meio da clerezia garrambada com um luxo enorme⁽¹⁾ (que ainda hoje se lá vê) cercado de frades giedosos, sentia-se immensamente feliz, orava ao seu S. Francisco de Assis e no seu bellissimo forte, quem sabe se esqueceria o retiro voludtoso de Odivellas!

Os carrithões, lá fora, tocavam alegremente; os órgãos rebocavam zelas abobadas de marmores ricos; o sol, entrando pela central ia fazer brilhar os riquissimos bordados dos garramentos; e o zovo babava-se perante tanto luxo!

Que era preciso mais para a felicidade do rei a quem, ha pouco, tinha sido dado o titulo de Fidelissimo?

(1) « O valor destes objectos (os garramentos) tão preciosos é desconhecido. Diz-se que D. João V ao entregar-os declarára que as alfaias lhe haviam custado tanto dinheiro como todo o edificio. Não sei; mas não duvido... » [J. da Conceição Gomes: O Monumento do Luafra, 113, (6ª ed^{ta})]. — « Nunca se vira objectos tão estrondosos de murricas, tão brilhante de ouros, zedranias, lizes, zurgunas, zendas,

Do cirado do convento avistavam-se ao
 longe as mãos do Brazil que vinham carrega-
 das de ouro, demandando tanto de segurancas;
 e o jesuita, humilde, via chegar nessas mãos
 o pau collaborador de força na derrocada em
 que ia o exglorioso throno erguido á custa
 do heroico mantimento do paulo beneditavel.

====

{15-IV-204}

Acda! » {O. Martins: Hist.ª de Portugal, II, 155}

Bibliographia: P. Chagas: História de Portugal, VI
 cap. XV. — Oliveira Martins: História de Portugal, II
 liv. VI, cap. IV. — J. L. Freire de Carvalho: Essay históri-
 co-politico, VI. — Panorama, IV, 156.

XVI

18 de agosto de 1812 = Smolensko.

Hoje, que nada valemos, que somos um povo enfraquecido e inútil, consolamos-nos em geral, lembrando as nossas passadas glórias. Seja assim...

Neste momento lembramos uma que é já mui to desconhecida mas que mostra quanto eramos capazes de fazer e quanto o nosso soldado foi sempre valeroso e audaz.

No exercito de Napoleão entrava como se sabe um grupo de regimentos Jartigueros que Junot mandára de cá para nos enfraquecer mais e que no grande exercito napoleónico foi conhecido pelo nome de legião Jartiguera — legião que soube levantar o nome do seu líder e tanto do próprio infame rador lhe confiar sempre missões espinho-

sas como aquella de que vamos tratar hoje.

x Embora em varias campanhas e desfe-
nidas legiões; e quando Bonaparte decidin-
do ariquilar a Russia juntou um poderoso
nel exercito de 640:000 homens, no meio d'
elles, obscuramente, marchavam os tres
regimentos de infantaria e um de cavalla-
ria de que elle se compozi, na força apro-
ximada de 6:000 homens.

O regimento n.º 1 era chamado d'élite e
commandado pelo celebre coronel Francisco
Freire Pêgo; o n.º 2 e n.º 3 eram respectivamente
commandados por Candido José Xavier e
Manuel de Castro Pereira do Mesquita; e a ca-
vallaria estava sob as ordens do marechal de
Loulé. Era um pequeno mas valioso auxi-
liar do grande imperador, esse conjunto de
homens.

Malgrado bem o patria: a título de os hon-
rar, empregue-os nas situações difficeis das
suas batallas, na certeza de que elles cumpri-
riam leiosamente o seu dever; e mesmo

acrescenta Pinheiro Chagas: « as mães por-
" tuguezas, sabia elle que lhe não pediriam con-
" tas do sangue dos seus filhos. »⁽¹⁾

O grande exercito aproximou-se de Truo-
sia durante o mez de junho de 1812; comie-
çaram os combates em que os russos mostra-
ram defender-se obstinadamente até que,
nos meados de agosto, de no dia 17, o grande
cuidador foy em frente de Smolensko,
a famosa cidade russa que precisava captio-
tar para continuar a campanha.

O rio Dniezer estava de jureis, ester-
vando a passagem e não havia ponte. Para
se lançar uma ponte era preciso fazer calar
a artilheria inimiga e para se fazer calar a
artilheria era necessario um grande sacrifi-
cio.

Mas a coragem não via obstáculos. O pen-
querer não admittia reflexos e deu ordem a
cley, o grande marechal, o brave do bravos

⁽¹⁾ A Legião Portuguesa - cap. VII

que commandava o 3º corpo d'exercito, para lançar uma flotilla de barcos.

Esta foi a ordem, laconica, simples, pingula... Faltava cumprir-a e cumprir-se.

Ney tinha no seu corpo d'exercito os dois regimentos d'infanteria n.º 1 e 2 da nossa legião e para cumprir a ordem do Imperador lembrou-se de nós; « tinha pelos dois regimentos — diz uma testemunha ocular — a mais decidida estíma »⁽¹⁾ e como ali a gloria mostrava mais uma vez deu ordem ao 2º batalhão do 2º regimento para atravessar o Dnieper a nado e proteger o lançamento de flotilla de barcos.

O commandante do batalhão era o bravo Bernardino Antonio Moniz e a empresa era mais do que arriscada; mas cumprir-se val-o ao fim sem desvantagem. Aquella jornada de honras do occidente foi entre que se assim dizer a decisão do grande

⁽¹⁾ Theodoris Banha: Agoutamentos para a his-

combate que o invaderador queria travar no dia seguinte.

Consciente do bem no seu papel, o valente e temerário batallão lançou-se a mão sob a fuzilaria dos russos; chegou á outra margem e ali occultou o ponto onde devia agir a extremidade de Zenté.

Em frente estavam as fortificações dos russos do onde vinha um chuveiro continuo de balas; do outro lado o grande exercito imperial e de Zenté a corrente do Dnieper.

A situação era desesperada; eley tinha-os enviados á morte infalivel...

Bernardino Antonio Moniz conheceu bem o risco; mas, não desanimando, falou ao batallão na querida lingua portugueza; e á bayoneta, cargo a cargo, desferia de morte, num ataque louco e formidavel, lançou-se contra as firmezas fortificações dos russos, forçou os arrabaldes da formosa cidade.

Loria de Legião Portugueza ... - 57.

de de Smolensko, lançou-lhes fogo e sob a admiração enorme do grande exercito fez recuar os defensores para dentro das suas fortissimas muralhas e torres « de 4:000 toesas de circumferencia! »⁽¹⁾

Depois, serenamente, gostou-se reunir quinhentos á beira do rio e mandou dizer a Uey que a gente godia per lançada: os 30:000 defensores⁽²⁾ de Smolensko não se abateriam a accommodar o Zygwen...

Esta accção de Bernardino Antonio Menin é memoravel. Um simples batalhão arrojar-se de encontro á guarnição de uma cidade bem defendida e sem ter a retirada bem organizada é um acto verdadeiramente temerario e heroico que gode per considerado de loucura. Diz um historiadór francez:⁽³⁾ « o marechal Uey declarou no seu relatório que

⁽¹⁾ Ph. Barthe: *Obr. cit.* - 58

⁽²⁾ Ph. Barthe: *Obr. cit.* - 58

⁽³⁾ Gissot: *Précis ou histoire abrégée des guerres de la révolution*... - II, 714.

" este ataque audacioso foi o feito d'armas de
 " mais valor que elle vira em toda a sua vida
 " de militar. »⁽¹⁾

Depois, o exercito atravessou e no dia se-
 quinte, 18 de agosto, entrou triumphante na ci-
 dade que os russos tinham abandonado de-
 pois de pouca resistencia.

Foram grandes as perdas que teve o batalhão
 mas o que nunca devemos esquecer foi esse
 heroico sacrificio que um grupo de homens

" (1) Este mesmo escriptor diz ainda: « Des notre
 " affaire, l'un des faubourgs fut enlevé de vive
 " force par un bataillon qui, s'étant élancé au
 " pas de charge, rejeta dans leur retranchement
 " quatre mil hommes protégés par des travaux et
 " de l'artillerie. » [Obr. cit.: p. 714]

Bibliographia: Theodorico Baltho: Memórias
do Rego e Historia da Legião Portuguesa ao serviço
de Napoleão — P. Chagas: A Legião Portuguesa, vol.
 VII, nas "Memórias da Historia Portuguesa" — Sezi-
 puando Ribeiro Arthur: A Legião Portuguesa ao
serviço de Napoleão, p. 72-74 — Simot: Précis sur
l'histoire abrégée des guerres de la révolution fran-
çaise, II, 714 e seg.^{tes} — Camillo Juncion: A Filho do
Polaco, romances. —

fez perante o grande e poderoso exercito do
Imperador omnipotente para que em o mun-
do inteiro era conhecido de mais.

=====

{10 - VIII - 904}

XVII

25 de agosto de 1580 = A Ponte de Alcau-
tara.

« Seria ridiculo capitular de
veteris a parafusca do jun-
ta de Alcautara... »

Bruno: Portugal e a guerra
das nações, 324

A dynastia de Aviz tão gloriosa e nobre
firmada em Aljubarrota pelo montante do he-
roico condestavel, terminou ingloriosamente
na pessoa desse cardeal que foi um rei efhe-
mero, um rei miáo e um vendido.

O monarca esgarhol espreitava a occasião:
o ouro correu e em Portugal a honra mes-
se tempo era uma coisa barata. A desordem
reinau pelo paiz; a desgraça enfiára os
animos daquelles que ainda ha pouco tinham
sido os heroes de Deus e obrigava-os a esten-
der a mão á esmola de Castella.

O prior do Brato, o filho do Infante D. Luiz, appareceu então, novo pueris para defender o reino, para subir ao throno e lançar para longe o poder de Castella, tal como, — ha uns dois seculos — o tinha feito um outro bardo. Luiz organizou um exercito que afinal veio a ser composto de fides armados, d'escravos libertos, de gente constrangida, d'aventureiros — e com elles resistiu ao duque d'Alba, velho soldado da Flandres, que tinha erigido pelo reino dentro e fortificado a villa de Satal. Mas a desordem, a confusão em que tudo estava, e a grossa loucura do Prior, nada deram de seguro, de estável.

Era tudo uma tolice; queria-se repetir a scena heroica do mestre d'Aviz que resistiu a Castella invadida; mas não se via a desgraça em que o prior estava, a pobreza, a falta de gente, a falta de sangue, a falta de honra, a falta de não haver «força bastante»⁽¹⁾

⁽¹⁾ O. Martins: Hist.ª de Portugal, II, 70

"nem para robar!" O mais que poderia haver
era « uma garodia » como disse Camillo ⁽¹⁾
é pena de 1385, como de facto foi.

" Afirma Oliveira Martins que « o grito do
brato não valia nem mais nem menos que o
" Mestre d'Aviz » ⁽²⁾ e embora assim seja — no
que não concordamos plenamente — as cir-
cunstâncias é que eram outras.

Tramou em seu condestável o conde de
Vimioso, « o folgazão D. Francisco de Portugal » ⁽³⁾
e tinha junto de si alguns outros fidalgos que
pinceramente ou não, o acompanhavam.
Com o seu indisciplinado exército de dez ou
onse mil homens ⁽⁴⁾ tomou posição na man-
gema esquerda do rio d'Alcântara, bem gen-
to de Lisboa.

Venha de per! Ali se devia decidir quem
ficaria ao leme deste golpe feliz!

⁽¹⁾ Camillo: D. Luis de Portugal, 117

⁽²⁾ O. Martins: Hist. cit. - II, 71

⁽³⁾ Camillo: ob. cit. 117

⁽⁴⁾ P. Braga: Hist. de Portugal, IV, 376

O duque d'Alba avançava de Cascaes depois da travessia desde Setúbal, com segurança « como os enfermeiros quando rodeiam em círculo o louco varrido »⁽¹⁾ e vindo na sua frente, do outro lado do rio a hoste audaciosa do Prior, járou, tomou as suas disposições e esgerou pelo dia seguinte, o dia 25 d'agosto, que lhe devia assegurar, em nome do rei das Hespanhas, a posse da formosa capital.

O mesmo duque viu a resistência que podia offerir um exercito como aquelle; e, por quem experimentado, fez durante a noite estar pendre em sobressalto a hoste de D. Antonio o que lhe causou grande fadiga.

E quando rompeu a manhã, o Tejo foi testemunha de quanto pode descer um zoro aviltado e corrompido: não se deu « gregamente uma batalha, foi o encontro d'uma onda fatal com um rioeiro de formigas tantas » — como confirma Oliveira Mar-

⁽¹⁾ O. Marquis: Hist. cit. — II, 74

teus.⁽¹⁾ A visão do Prior, querendo restaurar o throno glorioso do Mestre d'Aviz, desfez-se como a nevoa do Tejo com o estrondo dos tiros d'artilleria — «seu fregues desgracado e ridiculo!»⁽²⁾

O duque d'Alba, simulando um ataque á fozte d'Alcantara que era a fozte mais bem defendida das linhas de defeza, mandou tomar a direita enquanto que a esquadra que agiava a esquerda, jumbo á fozte, se lhe entregava á traição, abandonando a defeza de fozte contra o estrangeiro.

Combateram-se então; na fozte, a fozteja foi rija e forte. Ainda houve quem pousasse das duas esquadras suas em breve o movimento envolvente produziu o efeito e em pouco tudo fugia, desordenadamente, com fozte, com medo!

- D. Antonio ainda se batia á fozte d'um

⁽¹⁾ Bliss: cit.º - II, 75

⁽²⁾ Camillo: obr. cit.º, 118.

grupo de cavalleiros⁽¹⁾, matando, nenhuma esde-
rança, talvez...

Mas em volta tudo fugia, nenhuma desordem
louca; a esquadra cedera ás feitas que o duque
profizer e foi só quando viu tudo isto que o
Prinç, nenhum desespero, voltou o cavallo e num
galope fugiu, seguido do seu eschevêro con-
destavel e d'ouros que se lhe conserváram
fieis. Portugal, o velho Portugal que fôra á
Índia e que venceu em Dien, ia ali, levado
pelo pouco galopar daquelle cancel de batáha!

O duque entrou portanto em Lisboa e Fe-
lige foi aclamado rei no ruído d'allegria de
todos.

Portugal morrera. Ha pouco mais de
dois meses tinha morrido tambem Luis de

⁽¹⁾
Vide P. Chagas: Hist. de Portugal, IV, 401
Bibliographia: P. Chagas: Historia de Portugal
IV, cap. 30 — Oliv. Martins: Historia de Portugal —
liv. V, cap. IV — Gasparillo Castello Branco: D. Luis
de Portugal (nota final) — Archivo Pittagorico,
vol. V, nenhum artigo de Rebello de Silva: A batáha
de Jante d'Alcantara, a pp. 41.

Camões miseravelmente; e os dois — a glo-
 ria e o cantor — moveram juntos, como a
 aventura audaz d'um desequilibrado, dois
 seculos de gois de uma outra aventura de um
 heroe. E Portugal, no zolgar furioso do car-
 cel do Prior, desapareceu de vez, escolto
 pela nevoa daquella formosa manhã d'agos-
 to...

==

{19-VIII-904}

XVIII

8 de setembro de 1895 = Magul.

« O combate de Magul parece-
rá antes um feito cavalleiroso
do que uma operação strategi-
ca. »

M. Gomes: A guerra d'Alrica
em 1895 - 1948

O combate de Magul veio, ha uns singlos
nove annos, afirmar brilhantemente quan-
to podemos, quanto poucos ainda cabezos
de fazer, embora para ali foleu esses jessi-
nistas sem tero nem pombras de dignidade.

Mettidos puma jomosa indiferença por
tudo, sem animo para se par alguma jere-
na causa, achamos que é melhor deixar cor-
rer e realmente assim se tem feito.

Mas se for acaso algum paha desta afa-
thia enorme, esse algum é logo agontado

como um acaso com grandes defeitos, como
um doente e — sei lá! — como liebedo tal-
vez!...

A nossa opinião publica é assim... Já
não acreditamos em cousas boas!

Contudo, Magalhães veio provar o que pode-
mos e o que podemos esperar de fazer. O faleci-
do conselheiro Antonio Ennes dizia que « o
"combate pareceu antes um feito cavalleiroso
"do que uma operação estratègica » ⁽¹⁾ e na ver-
dade feitos feitos d'armas brancas tido tão
gloriosos em terras africanas como este.

A guerra contra o celebre potentado Guay-
quahama é muito conhecida de todos ainda
que nas suas linhas gerais. O combate de
Marragueue — caso curioso na historia da
guerra — começára a dar no sentido africano
a certeza de que as forças brancas para algu-
mas cousas valiam e que a victoria não era cer-
ta para o lado d'ellas. O celebre regulo tinha

⁽¹⁾ A guerra d'África em 1895 — Memorias — 438

um enorme poderio: «do Zambeze para o sul
"falava-se do Gungunhana como de um deus»⁽¹⁾
Diz o citado escriptor nas suas Memoorias; o
seu exercito era de muitas dezenas de mil ho-
meus, valentes ainda assim, e possuidores de
muitas espingardas modernas; tinha a fama
moral d'um homem invencivel e invulne-
ravel.

É contra este verdadeiro potentado, mar-
chou do posto de Chieftain uma pequena
colunna d'homens adontados, vingando ao
furo do esquiamento, loucos de pede — que de-
ria ir dar um combate glorioso e mostrar a
foder dos brancos perante a rebelião enorme
da provincia.

No dia 7 de setembro foi que sahio a colun-
na sob o commando do illustre official d'en-
genharia capitão France d'Audrade, e como
immediato, o brioso e valente official d'artilleria
o capitão Paiva Goncalves.

⁽¹⁾ D. Lames: Obra cit. — 569

Era uma pequena columna: 221 praças d' infantaria, 8 de cavallaria, 30 d'artillaria que com algumas outras praças d'ouros perriços e com onze officios dava um total de 271 bravos!

De madrugada lá foi a columna para a sua marcha: atravessou o Jacomati e dirigio-se para um outro posto, o de Incoluane que defendia a passagem dum rio do mesmo nome; e no dia seguinte, de manhã cedo, partiu novamente a columna cuja marcha era alguma protegida pelos soldados de cavallaria.

A região é glauca toda; Paiva Couceiro descreve-a bem⁽¹⁾ e termina por dizer: « a região presta-se. » E quando todos extenuados pelo calor enorme, abastidos pela sede, julgaram ver agua a certa distancia, a cavallaria certificou-se de que na orla dum grande bosque em frente, uma grande « massa inerte »⁽²⁾ os esgaria e que a agua era dum enorme pantano.

⁽¹⁾ Campainha das tropas portuguezas em Lourenço Marques e Inhambane em 1894-95. - Pg. 86

⁽²⁾ Campainha cit. - 86

O combate tinha de se dar, mas o inimigo manteve-se em frente, silenciosamente, e sentou-se tranquillo, á espera.

O sol era ardente, a sede cada vez maior; a demora tornava-se insuportavel; e Freire d'Andrade para resolver a situação mandou a cavallaria em frente á frente e cercando umas arvores isoladas e com arame farjado, deu alguma segurança á nossa gente que, formada em quadrado com 3 fileiras e uma metralhadora em cada angulo, esperava firme e valerosamente o ataque.

Por fim resolveram-se; aproximaram-se... o ataque pronunciou-se!

Treze ruangas, isto é, cerca de 6000 homens atacaram o pequeno quadrado que no meio da planície, brilhante pelas bayonetadas «faria a vista de um jumento aflorando no angulo do mar.»⁽¹⁾

Aproximaram-se muito; queriam d'um

⁽¹⁾ J. Gomes: Obs. cit.º, 430

avanzo cahir sobre o quadrado e esmagal-o, dobral-o á força curvada do regulo de Giza; mas o tiro feito com firmeza e correccão obrigava-os a escauder-se, a abrigar-se e a não se exporem em terreno aberto. (1)

O fumo encubria de quando a quando tudo, em frente; mandava-se tocar a cessar-fogo para se ver o que ia na frente de cada foz e então o inimigo, valentemente, arrojava-se com força d'encontro aos nossos honras, com muita furia. Mas o fogo continuava e elles cahiam successivamente.

Assim foi o combate; a multidão d'inimigos viu que se não podia aproximar e a fozco e fozco começou a abandonar o campo, levando os cadaveres dos seus.

No pequeno reduto d'honras, jaziam os

(1)
 « Os primeiros tiros cahiram exantanos,
 " com uma crispada nervosa do dedo sobre o gatilho.
 " Mas logo a voz serena de Freire d'Audrade, ordenou:
 " — Deixem-nos chegar mais perto. » { Eduardo

cadáveres de cinco valentes: um pargento e quatro soldados. Havia muitos feridos e entre elles o bravo capitão Couceiro.

Esta victoria foi adregada aos quatro cantos das terras do Gungunhana; e se lhe mostram que nós o sabemos e todavia vencer, mostram tambem aos indifferentes de cá que essa esplendida victoria é uma prova de que nós podemos fazer mais alguma coisa alem de jogar no Chiado e escrever asueiras nos jornaes...

[14-VIII-904]

Waronha: Recordações do campaigno contra o Gungunhana, II: Um desafio cavalheiresco, no n.º 19 dos Serões (1907). } É um artigo muito interessante sobre o combate de Maguel. [Nota em jan.º 911].

Bibliographia: Antonio Couras: A Guerra d'África em 1895, Memorias, vol. X - A Campaigno das Tropas Portuguezas em Lourenço Marques e Sabauane, vol.º Maguel, feito pelo official d'artillaria Faires Couceiro, a pag. 48 e seq.º - Antonio Augusto J.º: Victorias d'África, vol.º XII - E. Waronha: art.º no n.º 19 dos Serões (1907), a pag. 24.

XIX

4 de fevereiro de 1844 = A revolta de
Terras Novas.

« Enquanto todo o corpo de
Portugal se agitava convulsivo,
somente a cabeça parecia mor-
ta. Nem um signal de colera... »

Edgard Quinet: Revolutiones
en Espagne, 243

Desde que em Porto, em agosto de 1820, um
grupo de liberais levantou o grito de revolta
contra o absolutismo, seguiu-se um periodo
agitado de revoluções maiores ou menores, de
pronunciamentos militares, que veio a acabar
tarde. Entre essas revoltas, aparece-nos na his-
tória, a revolta de Terras Novas, em 1844, contra
o governo de Costa Cabral, então no poder.

Depois de varios acontecimentos que se re-
quiram á convenção de Évora Moura, era pro-

clausura em 10 de Janeiro de 1842 a restauração da Carta com a formação do ministério em que entrava o duque da Terceira, Mouzinho d'Albuquerque, e José Jorge Loureiro e para o qual entraram, passados dias, Costa Cabral, Camargo, o barão do Tojal e Mello e Carvalho.

A política, porém, deste ministério não agradou. O seu característico era «a energia levada a extremos de despotismo» diz Pinheiro Chagas⁽¹⁾ e atribue-se esta feição ao facto de pertencer a elle o celebre ministro Antonio Bernardo de Costa Cabral, depois cede de Thomas e que se tornou muito ambiguo ao rei.

Costa Cabral era um velho; honroso talento, viu bem que a espora era para o rei. Da aldeia em que nasceu, na Beira, ambio ao mais alto cargo a que se pode chegar. A ambição foi o seu constante estimulo.

Energico, forte, mostrando a rudeza natural da sua aldeia, não reunia grandes recursos

⁽¹⁾ Historia de Portugal, VIII, 548

quando amiguiava completamente um adversário que tivesse a desgraça de se lhe ofender. O seu olhar turvo, denotava bem a sua índole violenta.

O seu José d'Arriaga, retratando-o, diz:
 «realizou-se em Costa-Cabral o anexim Jofular: quem quer conhecer o vilão e Jof-lhe a na
 " na na mão ... »⁽¹⁾

O ministério tinha de receber, portanto, a sua influencia; e assim se começou a formar uma grande opposição que o combaterá fortemente.

Quando D. Maria II fez uma viagem ao Alentejo, em outubro de 1843, as camaras de Évora e Faro representaram energicamente contra o caminho que as cousas iam tomando. No parlamento lucbou-se; no jornalismo tambem. As camaras d'Évora chegaram a dizer á rainha na representação: «vem submissa e
 " regeitosa mente publicar a Vossa Magestade,

⁽¹⁾ Hist. da Revolução de setembro, III, 352

" haja por bem demittir o actual ministerio, fa-
 " zendo-o substituir por honreiros que mereçam
 " a confiança de Vossa Magestade, mas que sejam
 " igualmente dignos da estima e consideração
 " do Sr. D. D. » ⁽¹⁾

Mas os protestos de nada valeram; os meus
 legaes não perhiram.

Recorreu-se portanto ao das armas que d'
 esta vez não foi dos de mais sorte. ⁽²⁾

O que é verdade é que a 4 de fevereiro de
 1844 levantou-se o grito de revolta nesta villa
 de Torres Novas. Antonio Cesar de Vasconcel-
 los e o grande orador José Estevam collocaram-
 se á frente do movimento que foi começado
 pelo regimento de cavalleria & então aquartil-
 lado aqui. ⁽³⁾

⁽¹⁾ No Commemorative, 5212

⁽²⁾ « Educado desde largos annos na tradição dos
 " pronunciamentos, o exercito era, portanto, como
 " que uma colação dos partidos: uns parte, armados,
 " das clienelas. » [O. Martins: Portugal contemporá-
 naneo, liv. V, II, 2.]

⁽³⁾ Isto era publicado no Jornal Torrejano.

Desta villa dirigiram-se para Castello Branco; o regimento d'infanteria 12 uniu-se-lhes; e no dia 9, esquadras 1, na Guarda, revoltou-se e veio juntar-se aos rebelvados.

Juntos, os tres regimentos marcharam sobre o Alentejo, mas voltaram de novo para o norte; e depois do conde de Bonfim ter tomado o seu commando, foram para a Alcaims onde este general fez uma proclamação.

De Alcaims passaram á Guarda; da Guarda á Almeida onde chegaram a 21, formou-se a revolta pelo fazendeiro; e assim foi tomando a revolta umas certas profecções que era necessario, para segurança do governo, aniquilar com força.

José Estevam, com a sua extraordinaria energia, era o alma da insurreição que ia tomando: o seu alvoroço militar, a sua figura insinuante, induziam-se; e se a revolução não vence, foi certamente por sua base.

De Lisboa foi mandado organizar um cor-

ço de operações, com mandado pelo marechal de campo visconde da Fonte Nova; conjunção de 3 brigadas de infantaria, 1 brigada de cavallaria e duas baterias de artilharia.

Em Jacuê tendo, a maior parte das forças fôr cerco a Almeida; lá dentro a resistência foi enorme e José Estevam conseguiu fugir da praça, para cá fôr organizar o levantamento de guerrilhas com o fim não só de auxiliar os rebeldes mas de fazer alastrar o movimento insurreccional.⁽¹⁾

Mas a verdade é que o Jacuê não carregou deus ao desejo do grande tribuno.

Dentro da praça estava o conde de Baux-
fium que, quer como politico, quer como mi-
litar, não era um auxiliar seguro. « Era um
" gasteleiro com muitas insiguias e galões
" militares » diz o sr. Arriaga;⁽²⁾ e tudo junto

⁽¹⁾ Ver A Coalizão, de 1844, no num.º 62 de julho, no 4.º tomo.

⁽²⁾ Na obr. cit.º - III, 354. É talvez uma das frases exageradas deste escriptor.

fez com que a revolução que principiára com
força, em terras novas, fosse acabar em menos
de tres meses, como a agitação d'Almeida
em 28 de abril.⁽¹⁾

Os soldados entregaram as armas dentro
da praça e desfilaram de joelhos perante as forças
vencedoras; e o conde de Balthazar e os officiaes
regriram emigrados para Hespanha.

O mau-estar do rei, porém, continuou;
a ideia de uma revolução ficou latente e em

⁽¹⁾
Em 23 de junho de 1844, José Estevam, refugiado
em Cadiz, escreveu a Garrett o seguinte: «os
homens que mandaram em Almeida eram muito
inferiores á situação em que se viram — e muito
inferiores aos seus concitadãos d'outras partes.
Estes farto de andar a todo o cadáveres» (Alfred
Phoogh. Braga: Garrett e os dramas românticos,
407) [coto em 15-II-911].

Bibliographia: P. Chagas: Historia de Portugal,
VIII, cap. .. — Barbosa Coler: Historia de Portugal,
III, cap. 2.º no seg.º — Mariaga: Historia da revolução
de setembro, III, cap. II do liv. 13. — Pinho Leal: Portugal
antigo e moderno, I, 146 — Comunicacao,
n.º 5212 e 5213 — O. Martins: Portugal Constitucional,
II, 176. — Ph. Braga: Garrett e os dramas ro-

breve, dentro de dois annos, a revolta levantou-se então mais poderosa e mais forte — a de Maria da Fonte — estendendo-se por todo o Portugal.

==

{ 29 - I - 904 }

manuscritos, 403, 407, 435, 451, 507 (nota) — Silva Antunes:
Consolidação da legislação geral militar, 185 e mg.

XX

2 de junho de 1823 = A campanha da
Joazeira.

«Muitas intrigas, muitas au-
bições, muitas traições, jogos tí-
picos e muitos deliquidos: eis as
causas que produziram a fuga de
na Villa-Franca...»

Alzotamentos para a vida de
um homem obscuro. - 60

É vulgarmente conhecido pelo nome de
campanha ou jornada do Joazeiro, o movimen-
to que deu lugar á queda do regime liberal de
1820, para de novo se proclamar o governo abso-
luto do D. João VI, em Villa-Franca de Xira.

A generosa iniciativa e boa vontade dos libe-
raes campanheiros de Fernandes Thomaz se
deve a revolução do Porto e o periodo que se
seguiu de reformas e medidas uteis para o

foi que chegara á maior das decadências. Ao seu entusiasmo sincero se deve aquelle período de vida e animação que ainda conseguiu ter o Jovo Jantuguez, cansado de tanta lucta, quasi morto por tantos trabalhos.

A liberdade abriu novos horisontes e regava esses generosos liberais que ingenuamente talvez quizessem ver « um novo Portugal ou uma segunda convenção. »⁽¹⁾

Mas a reacção egaricana em pouco tempo; o partido contrario tinha muita força e não podia deixar de combatter.

Além disto, a constituição de 1822 não agradou; o clero via o seu poder anulado e a nobreza os seus privilegios por terra; era necessario pois restaurar o antigo regime...

Fernandes Thomaz morreu em novembro de 1822 e a sua morte foi uma grande perda para o partido; « era, diz Pinheiro Chagas⁽²⁾

(1)

O. Marquês: Hist. de Portugal, II, 252

(2)

História de Portugal - VIII, 222

de todos os chefes do partido exaltado, o que tinha
 " mais bom senso, e o que se mostrava mais ho-
 " nreem do governo. »

Tudo isto junto contribuiu para a queda do
 regime liberal e o conde d'Alvaranque começou
 em Trás-os-Montes a tarefa da restauração do
 absolutismo. Em maio de 1823, em Villa-Real,
 levantou elle o estandarte da revolta e fez uma
 proclamação áquelles que se lhe vieram unir
 para combater «os monstros e peccilejos despo-
 " tas » como elle proprio dizia.

Vencido Jacem, no ponto d'Alvaranque por
 Luis do Rego refugiou-se em Blesganhos; e Do-
 drigo da Fonseca foi mandado pacificar a provin-
 cia apesar do partido realista in mostrando es-
 da vez mais força e influencia.

D. João VI em Lisboa, observava os aconteci-
 mentos, tremendo, esperando a cada momento
 a sorte que cabia ao desgraçado Luiz XVI. Os

(1) Proclamação do conde d'Alvaranque, cit. em P.
 Chagas: Historia cit. 2, VIII, 226.

revoltas não eram o seu forte... e para conter
 Garibaldi na sua seduzente palácio, chegou a vestir
 o uniforme de paragona de guarda nacional! ⁽¹⁾

Quando o garbido realista trabalhava e no
 dia 26 de maio, em Villa-Franca, o regimento
 de infantaria n.º 23 que tinha sido mandado
 para Almeida por causa da sua inclinação à
 causa realista, tomou a resolução de fazer e
 declarar-se abertamente, dando vivas ao rei
 absoluto.

Foi o começo da villa-francada.

D. Miguel Garibaldi logo em segredo, de Lis-
 boa, e foi para Villa-Franca colocar-se à frente
 dos revoltosos; em Lisboa as câmaras não se en-
 tendiam e no dia 30, quasi toda a guar-
 ção de Lisboa Garibaldi para se apresentar ao Im-
 perador.

D. João VI proclamou ao povo ⁽²⁾ que «pale-
 rio Junier seu filho como rei, assim como o

⁽¹⁾ P. Chagas: Hist. de Portugal, VIII, 227

⁽²⁾ Proclamação de 30 de maio, atribuída a José

tuha abandonado como Jac » mas no dia seguinte, assustado com os vivas do 18^o de infanteria, que guardava o Jaco, mettem-se no peccoeche e lá foi Jaco Villa-Franca ter com o filho, Jaco fazer as Jacas...

Era, coitado, um pobre homem...

Em Lisboa andava tudo polmesaltado. Discutentes reuniram-se no dia 1 de junho mas o medo fez congregar algumas pessoas e um dejetados. Discutiu-se se se devia prosseguir os trabalhos ou mudar a sede da assembleia; mas como já ninguém se entendia e o medo ganhava sobre todos, no dia seguinte — 2 de junho — as cortes dissolveram-se, como diz Oliveira Martins « com um protesto inocente que ninguém començou com uma inourecão. »⁽¹⁾

« O villa-francado venceu; no dia seguinte

Antonio Guerreiro, cit.^o em D. Chagas: Historia cit.^o, VIII, 230. « Eu já o abandonei como Jac e polmei x
rei humil-o como rei. »

⁽¹⁾ Historia de Portugal, II, 259

sabiu uma outra proclamação de D. João VI em que promete fazer a felicidade do seu povo;⁽¹⁾ e no dia 5 o rei partiu para Lisboa triunphante...

O que tinha havido, afinal?

Nada: tinha havido apenas «uma joia...»⁽²⁾

A chegada de D. João VI a Lisboa foi uma coisa folada; á entrada da cidade os fidalgos e officiaes realistas tiravam as rédeas do coche real e juravam-no até ao joço da Bem-zosta. Foi um delirio.

Todos queriam essa honra; e quando de joio os juramentos omitiam alguma dos nomes, havia reclamações, zandencias, o diabo!⁽³⁾

⁽¹⁾ «Portuguezes! o vosso rei, collocado em liberdade no throno dos seus predecessores, vai fazer a vossa felicidade!» Proclamação de 3 de junho, assignada em Villa-Franca. (J. Pich. Chagas: Hist.ª de Portugal, VIII, 235)

⁽²⁾ O. Martins: Hist.ª de Portugal, II, 258

⁽³⁾ Veja-se o Conimbricense, n.º 5380. Lá vem algumas dessas declarações, documentos da maior vilozia humana.

Creou-se uma medalha, a medalha da
Joazeira,⁽¹⁾ para commemorar a revolta e a vol-

"⁽¹⁾ « Em 1823, andava pelas ruas de Lisboa com ho-
 " meu de calça branca fodiendo esmola para um
 " menino Jesus que trazia ao pescoço um habito de
 " Christo e ao peito uma medalha da Joazeira. Este meu
 " gen. deu muito ~~o~~ no vista e o alferes de vo-
 " luntarios Joao Eduardo d'Almeida Tavares publi-
 " cou por essa occasião o seguinte soneto:

« Já vi e zombar quando misto Jesus,
 Santa Agolonia mostrando ao povo um dente;
 Já vi deitado numas gralhas ardente
 Sual tostado leitão, e S. Lourenço;

« Com a lança em Junho, calçete inuenso,
 Vi S. Jorge a cortar fira serpente;
 E a S. Sebastião, grego tenente,
 Vi mi, tendo por tanga um fino lenço;

« Vi Santo Antonio feito peregrino,
 Santa Clara em trajo de Joazeira,
 E S. Bento, ralado ao modo chinês;

« Tenho visto no mundo muita asneira;
 Só me faltava ver o Deus menino
 Cavalleiro da ordem da Joazeira.

ta ao velho regime. Nomeou-se um ministério moderado e aboliu-se a constituição de 1822.

E assim cahiu o ideal que levára á revolução os vultos pythagóricos dos honras de Senta que decerto imagináram mais fácil a realisação dos seus glaus e dos seus sonhos de liberdade.

Contudo, o que ficou — e para sempre — foi o engraçado annuncio que alguém conseguiu publicar na Gazeta de Lisboa⁽¹⁾ d'ahi a

“ O pometo correu impresso e a intendencia geral da policia tratou de procurar o seu autor; se o binesse encalhado dava cabo do humorístico gazeta. Não chegou mesmo a saber o nome d'elle.”
 (Alguém Teóphilo Brandão: Monumentos e lendas de Santarém, 108

⁽¹⁾ Veja-se O Correio Mercantil, no numero numero 5380. Lá vem o annuncio curioso que justifica a baixa gente que se publicitava ás muitas reaes.

Bibliographia = Picheiro Chagas: Historia de Portugal, VIII, cap. XI — Oliveira Martins: Historia de Portugal, livro VIII, cap. III — O Correio Mercantil, n.º 5380.

uno dias : « ha-de-se ~~ceder~~ arrematar em
" hasta publica umas jarellas de bestas que ju-
" xaram o carro d'El-rey quando pender de
" bestas a Arroyos. »

=====

{27-V-904}

19 de maio de 1870 = D "revolta de meia noite". (Saldanha).

« Conta-se que a emboscada de 19 de maio fôra combinada entre o rei D. Luiz e o marechal Saldanha. Ambos precisavam de dinheiro. »

Th. Braga: Modernas ideias na litterat. portug. - I, 173

Com este nome é conhecida vulgarmente a revolta que o grande marechal Saldanha fez na madrugada do dia 19 de maio de 1870, em Lisboa.

Longo era já a sua vida. Nasceu em 1780,⁽¹⁾ mas o seu genio inquieto, o seu temperamento de soldado desberrado, não o deixá-

⁽¹⁾ Ver nesta coll.^{ta}, o vol. III, 13 e o vol. I, 171

vam muito tempo sosegado e tranquilo. Era
 então octagenário, mas o seu prestigio era
 grande, era ouvida ainda, o seu nome in-
 gume-se á admiração de todos.

« Tinha, diz o Sr. Thomaz Orbizão, todas
 as qualidades que distinguem o homem privi-
 legiado para os triumphos das ruas e das pal-
 las; era valente e além disso, bello, ingenho
 e bom. »⁽¹⁾

Por isso elle levava os regimentos a traz de
 si com facilidade; por isso elle se ingume aos
 governos quando queria alguma coisa boa au-
 tua...

E foi ainda devido ao seu prestigio que el-
 le conseguiu esta revolta a que deram por ino-
 mia o nome de meia-noite.

Na madrugada do dia 19 de maio de 1870,
 o falecido rei D. Luiz acordava ao estouro
 de alguns tiros: ⁽²⁾ Zela calçada da Ajuda pulsa

(1)

Os Fuzas, III, 19

(2) Por leituras posteriores conclui que a revol-

o marechal Saldanha, igualmente na sua
 Linda figura de velho militar, á frente do Co-
 esdres 5 e de Infantaria⁽¹⁾ revoltados; e em
 defesa estava uma bateria de artilharia 3, guar-
 dando o Jalisco real.⁽²⁾

À aproximação dos revoltosos, a artilharia
 quiz fazer fogo; desfogáram-se uns tiros do
 batalhão de caçadores; e o marechal, corren-
 do á redea volta, como um raio, pelo calce-
 da acima, obrigou o official que commanda-
 va a bateria, a entregar-se.⁽³⁾

ta não foi uma surpresa por ahí elle, pelo o rei
 D. Luiz. Ver por exemplo o I vol. das Modernas
ideias no litterat. portug. (p. 173) de Theophilo Braga.

⁽¹⁾ Além destas havia mais forças e entre ellas uma
 bateria d'artilharia. (Luz 23-III-911)

⁽²⁾ Estava uma brigada composta de Infantaria 1,
 de um esquadrão de lanceiros e da bateria referi-
 da. (Luz 23-III-911)

⁽³⁾ e de regente, o Commandante de artilharia do Go-
 vernio, deu voz de fogo. Os tres jocos não descarre-
 gáram, mas os artilheiros fizeram fogo de clarina
 sobre caçadores 5 e este batalhão respondeu sobre os
 artilheiros, tomando-lhes a bateria. À esse tempo ou-
 viu-se o voz de cessar fogo, com gritos de adhação

Flouve algum zarico ; dentro do zarço , o fal-
lecido rei estava zar tudo ; mas o duque de Lau-
té , então presidente do concelho , não queria
zar modo algum a demissão do ministerio que
Saldanha exigia.

Declaram que o « ministerio tinha força sufi-
ciente zar debelar os revoltosos e que em breve
seriam esmagados. »⁽¹⁾

D. Luiz receava derramamento de sangue ;
não queria zar fazer alguma guerra , atenuari-
rado ainda com os tiros que entraram no zabo-
cio zelas janelas da face sul. Queris demittir o
ministerio , mas este recusava-se a isto e reu-
niu-se zar dar ordens convenientes contra
a revolta.

« a revolta , do centro das forças do governo e tudo fi-
cou em zar. » { Dr. Costa Simões : Algarbiamentos,
particulares do reinado de D. João VI, num extracto publicado
zelo Dr. Eduardo d'Almeida , no Diario de Noticias, n.º 15.998,
de 29 de maio de 1810 } - { Em 23-III-1811 }

(1) P. Leal : Portugal antigo e moderno, VIII, 737

(2) « Aquellas descargas deram cinco soldados muer-
tos e algunos feridos » { Dr. Costa Simões , in loc. cit.º }

Saldanha esgrava. O general de 1.^o divisão, o visconde de S. Thiago, veio em auxilio do governo com as forças fiéis, mas o rei mandou-o voltar para traz porque não queria sangue. O seu caracter bondoso negava-se a todos os processos violentos; queria fazer tudo serenamente, cedendo á força. ⁽¹⁾

E assim foi. Em Lisboa, quando se soube da revolta, o povo tumultuou.

O nome de Saldanha corria de bocca em bocca; e quando poubaram que caçadores 5 deixára no só o castello de S. Jorge, e com munições, o povo correu a armar-se e a querer combatter pelo marechal.

No Terreiro do Paço as forças leaes guardavam as secretarias com medo de desactos; e o rei, assigrou, por fim, o decreto de demissão do duque de Loulé e do seu ministerio.

⁽¹⁾ Tenho hoje a minha opinião modificada. A bondade de D. Luiz devia, até certo ponto, ser uma leuda, assim como o seu alheamento dos negocios publicos. A bondade dos reis... (Luz 23-3-911)

Saldanha triunfava. Começou então o governo chamado dos cem dias.

O ministério organizado em 25 de maio ficou com José Góes Saldanha — presidente, guerra e estrangeiros; José Dias Ferreira — farsas; António Rodrigues Sampaio — reino; Marquez d'Almeida — obras publicas; e D. António da Costa — marinha.

Pinho Leal chama a este ministério um « ministério híbrido e heterogeneo »⁽¹⁾, mas D. Luiz accitou-o para acalmar a agitação que reinava.

Saldanha, o velho heroe da celebre carga das Quellas de Paiz, era senhor da situação. As forças recotheram, os ariuos pererariam e comeceou a ditadura dos cem dias.

Mas, se Saldanha era um valente como soldado, como ministro era inferior. Quem o tirasse da guerra, tirava-lhe tudo.

« Com a espada na bainha, todos os seus dias

⁽¹⁾ Portugal aut.^o e mod.^o — VIII, 338

"
 sos eram vacilantes e para rirnos » diz o Sr.
 Orbigo⁽¹⁾; e o que é facto é que o ministerio não
 agradou.

As cêntes foram adiadas; as inscrições publi-
 caram; e tudo começava a ir a mau fim de
 tal governo, chegando a tener-se uma bancar-
 rota.

Passados os seis dias, o rei demittiu o minist-
 terio, aconselhado por varios; a 29 d'agosto sahio
 o decreto e Saldanha cahiu novamente, para
 não mais chegar áquelle alto cargo, cedendo-o
 ao seu successôr, o Marquez de Sá de Bandeira.

Passado pouco tempo foi mandado para Lon-
 dres, como embaixador; não o consentiam cá,
 queriam longe aquelle glorioso velho que se lhes
 indyca simplesmente com o seu nome presti-
 gioso.

Custou muito dinheiro ao theouro, mas ain-
 da hoje vive na memoria desses melhos soldados
 que com elle combateram e que são hoje um tes-

⁽¹⁾ Os Fardeas - III, 22

terminos do que elle foi e do que elle valia.

Assim se passou essa revolta da mais-noite; foi a ultima aventura do velho duque, aventura que ouvimos contar juvenilmente, em phrase ruda, a um velho reformado que conta ja cincoenta e tantos annos de perigo e á qual elle chamava gítoneseamente, «a ultima careta do Saldanha.»

=====

[13-V-206]

Bibliographia: Pêcho Leal: Portugal antigo e moderno, vol. VIII, 337 - Thomaz D'Albuquerque: Os Saldanha, vol. III, cap. II.

9 de abril de 1662 = A entrega de Bombaim.

« O conde de Ponte, alcaideiro di-
plomático . . . ia despiando as ten-
tações.

.

— Real Senhor, Bombaim . . .

— Adeus, adeus! Bombaim é
um fantasma.

. »

Bruno: Portugal e a guerra
das nações - 360

Quando o desgraçado rei D. Afonso VI tomou
conta do governo depois da regencia de sua mãe,
Portugal « via-se um jouco atrojado pelas jou-
cas forças com que se achava e pelas muitas com
que se agrestava Hespanha para a conquista. »⁽¹⁾

⁽¹⁾ Anti-catastrope - Part. I, cap. VI, § III

As victorias custavam caro; querria gente e ás vezes muito boa gente; vendia-se muito dinheiro com que Portugal não podia.

Estavamos muito fracos; sem dinheiro, sem gente e até sem consideração; estavamos, como hoje se diz, numa grande encrevasca.

Embora o Padre Vieira dissesse no Julgito⁽¹⁾ que « os nossos soldados eram todos portugueses » não o devemos acreditar; andávamos a pedir auxilio e protecção no estrangeiro e muito — ainda assim — no reino.

Não era amizade nem respeito. Não: era o interesse.

Mas, fosse como fosse, a Inglaterra foi um dos países a que nós dirigimos as nossas supplicas. Esquecemos facilmente o insulto que ella nos fez na pessoa dum nosso embaixador, pouco tempo antes, e inflorámos o seu grande e poderoso auxilio contra o poder do Slesfahna.

⁽¹⁾ Sermão II de João de Castro almeida em o caso das armas,

Francisco de Melles e Torres, conde de Pôrto, foi à corte de Carlos II d'Inglaterra; o tratado firme e consistorio no casamento deste rei com D. Catharina, irmã de Affonso VI, na entrega de Tanger e Bombaim, no pagamento de dois milhões em dinheiro e outros dois em joias,⁽¹⁾ e no abatinamento de 50% nos direitos das mercaderias inglesas que se vendessem em Portugal — além d'outras concessões.

« Foi uma grande perdicao » diz um escritor da epocha; ⁽²⁾ foi uma grande baixosa, dizemos nós.

Curvamos-nos á Inglaterra e elle era a primeira a despregar-nos quando devia cumprir o contracto. O haure do beruo uma infantã no throno inglez custou-nos immenso; e não só custou dinheiro, custou tambem vergonha — o que foi mais caro...

Os ingleses disputavam entre o Oriente

nos Serunas (ed^{ta} 1878), vol. V, 226

⁽¹⁾ Anti-catastrofo — idem, idem.

⁽²⁾ Ibidem. — idem, idem.

com os holandeses; e Bombaim era uma importante cidade. Com Lisboa não se atendia a nada e mesmo não se sabia ver as causas como ellas eram.

O conde de Castello-Melhor era um bom cabeça, mas era um só homem contra tanta gente e o conde não tinha a força de Pombal.

Por isso, aterrados com o poder de Sersauba, davam tudo ás mãos cheias com uma prodigalidade estúpida.

Bombaim entrou pois no dote da rainha; com ella, entregámos por assim dizer, a India toda. « Foi a mais importante lavoura de quantas fizemos na India. »⁽¹⁾

De Lisboa mandou-se em 1662, como governador, Antonio de Mello e Castro, para fazer o entrega da ilha e cidade, como era do tratado.

Foi o governador e algumas semanas depois que os holandeses sitiavam Cochim. Pediu auxilio aos ingleses em Arjoane; mas o general, com-

⁽¹⁾ Thomaz Ribeiro: Janusadas - 2ª Parte, XXII, 108.

de de Malabourgo não rezendeu; em Bacaim tornou a pedir o mesmo em nome do tratado assignado he jouco, ao general Shipman; e este não rezendeu tambem!

A Inglaterra cumpria assim o estipulado. A Inglaterra affirmava assim a sua lealdade para com o governo jaiz que se lhe entregava sem condições. E em vista disto, Mello e Castro recusou-se a entregar a ilha,⁽¹⁾ e escrevendo para o reino mostrava os inconvenientes que havia em tal entrega; «acabou-se a India no dia em que a nação inglesa fizer assento em Bacaim» dizia elle.⁽²⁾

O inglez, jorreu, queria a ilha; instou, pediu, e como o governador não th'a desse, retirou com as esquadras altivamente na bahia.

⁽¹⁾ Mello e Castro trazia a authorisação assignada em 9 d'abril de 1662, data que serviu para collocar este artigo neste "anno historico". E' sem duvida um dos mais importantes da questao da entrega da cidade.

⁽²⁾ Carta ao rei escripta em 5 de janeiro de 1665, no

Mello e Castro fôra, felizmente, ferido e a artilharia de terra fez com que se retirassem na melhor ordem.

Mas, feridos pela resistencia, mandáram uma mão a Portugal; e como o medo era o que reinava em Lisboa, de mistura com as inbrigas e as invejas, a côrte curvou-se momentaneamente numa profunda reverencia e enviou ordem immediata para Mello e Castro entregar sem demoras a ilha e a cidade.

Mello e Castro teimou ainda assim; quando a ordem chegou á India, nos principios de 1664, tinha elle enviado por terra a Portugal o padre Manuel Godinho e tinha a grande esperanza de ver chegar uma ordem em contrario.

Esperou, porém, de balde.

Todos os esforços que fez para evitar a entrega foram vão; a 14 de janeiro de 1665, já do ainda assim um anno, arrendeu-se em Paugini a ordem da entrega, e a 18 do mes se

quinta a Inglaterra tomou posse da ilha e da cidade que era uma das chaves do commercio d'aquelles mares.

Passado pouco tempo, Jorem, o governador recebeu uma carta de Affonso VI, rogando a entrega da cidade aos ingleses e que tratasse de tudo como lhe parecesse.

As infernações e conselhos de Mello e Castro fizeram alguma cousa em Lisboa; e no cōnte, pensando-se melhor no facto, viram que se tinha exorbitado e quizeram emendar o erro. Pera, Jorem, tarde. Só uma remissão é que remedearia o mal.

E isto mandava dizer o rei ao governador; mas o rei de Inglaterra queria muito. O príncipe Affonso VI diz «quer tão grandes quantias que cheguem a milhoões...»⁽¹⁾ e Portugal não podia já com cousas algumas.

Bombaim ficou, pois, sendo inglesa e até

⁽¹⁾ Carta a Mello e Castro, de 15 d'abril de 1665, transcrita em *Veix. d'Alagoas: Descrição geral e historica das ruínas até*, III, 246

hoje o tem rido. Fômos de uma prodigalidade es-
tendida; o medo fazia dar tudo quanto nos pe-
diessem.

É no cômto, o pobre rei — com maneirinho
cansado — victima das intrigas e vilanias
dos cortesãos e de quem mais o rodeava, ficou
em pouco tempo rei sem reino e — o que é
mais duro — marido sem mulher...

É de então para cá, quantas vezes, scenes
idênticas á entrega de Bombaim se não tem
dado!...

=====

(12 - II - 904)

Bibliographia: Thomaz Ribeiro: Jornadas, 2.ª par-
te, cap.º XXII e XXVI — Pinheiro Chagas: Historia de
Portugal, VI, cap. I — Oliv.º Martins: Historia de Por-
tugal — A. A. Teixeira de Vasconcellos: Les Contende-
raires, I, 2.ª parte, VI — Teixeira d'Alcântara: Descrição
geral e historica, II, 9 e III, 245 — Anticatastropha,
liv. I, cap.º VI, § III — J. L. Freire de Carvalho: Essay
historico-politico, 96.

31 de março de 1821 = A extinção do Santo
Officio.

« O motivo de tão respeitável
Tribunal ter humas innumeráveis
de de avessos he a todos muito bem
gostoso, por quanto jamais se vio
que um ladrão, hum facinoroso,
hum réo de nefandos crimes,
jamais pelo lugar da força lhe
fizesse elogios ... »

Ant.° Pimentel Soares: Desen-
gano ao povo, n.º 3, § 16 [1820]

Entre as muitas medidas que as cortes de
1820 tomaram e entre as resoluções acertadas
que tiveram, apparece, sem duvida, a extinção
do terrivel tribunal do Santo Officio que ha re-
ultos offusca o desgraçado juiz, fazendo-o en-
trar á sua intolerancia feroz e á sua desumida
crueldade.

Foi esta uma das medidas acolhidas mais entusiasticamente pelos liberais de 1820; e de certo, no meio daquelas cortes celebres em que havia muito boa vontade, muita sinceridade e cremos que alguma ingenuidade, e segundo Pinheiro Chagas « muita talento e muita inexperiencia »⁽¹⁾, jovens propositos deviam agradecer tanto para aquellos animos generosos como esta em que o deputado Margiottiedia para que se acabasse de vez com o terrivel tribunal que era, alem de tudo, uma vergonha para um paiz civilizado.

Discursos vehementes se ouviram tambem, os aradores tomaram a palavra e atacam com do meu piedade essa horrivel instituiçao que de ha poucos attestava o faustismo de um rei leito que a crasa e a decadencia abjecta d'um paiz que a intolerancia clerical ia reduzindo a nada, a jouco e jouco.

O povo ainda tremou de certo, ao ouvir

⁽¹⁾ Hist. de Portugal - VIII, 180.

aquelas palavras, receiando, quem sabe, o
 maior êxito da revolta; mas na revolução de
 vinte, se não houve muita base, houve posi-
 tivamente muito boar vontade e esta boar vontade
 de vencer nos primeiros tempos.

Os discursos dos revolucionários echoaram
 no coração de todos e um frémito sincero cor-
 reu de pul a morte, quando as portas dos tene-
 rosos edificios se abriram para se mostrar a
 todos, o que lá havia, naquelles terriveis aulos
 e subterraneos mysteriosos.

Um dos oradores que mais altamente fa-
 lou, foi sem duvida, Borges Carneiro; o seu
 discurso altivo e entusiasta produziu profun-
 da emoção: e' que estava na memoria de to-
 dos os tormentos recentes, as prisões subitas,
 as denuncias torpes, as difamações infames.

Bem recente estava na memoria de todos
 as atrocidades que lá dentro se cometiam em
 nome de Christo que nunca perdoou atro-
 cidades; eram conhecidos de todos os negros
 edificios por cuja porta se entrava para se

não mais pair. Por isso as suas glórias calaradas, filhas de uma fé sincera de liberal e de justiça foram para todos os corações, uma consolação e um bem.

Terminou elle dizendo: — «afirmemos-nos, senhores, em lavar de tamanho tabé, o nosso invicto Portugal!»⁽¹⁾ —

E de facto, as cortes accediam e a Inquisição foi abolida. A 31 de março de 1821 (no anno I, como então pretenciosamente se dizia) foi publicado o decreto.

Foi abolida o tribunal do Santo Officio em Portugal e seus domínios.

Em todas as cidades se patenteou ao publico os edificios em que elle funcionava. O povo entrava atterrado, ainda com medo e ia ver os instrumentos de tortura — a roda, a forca, o joelho, o cavalete e uma infinidade de causas para obrigar os condemnados a dizerem, em geral, mentiras...

⁽¹⁾ Ju. Anriago: Hist. do revol. de 1820 — III, 81

Em Coimbra, o povo, num justo movimento de indignação arrastou tudo para a rua, quebrando, derretendo, e o que encontrava; foi um dia de grande satisfação e de engraçada vingança. O povo torturava uns pedaços de madeira e ferro que antes da revolução lhe rasgava as carnes e o fazia pôr gemidos dolorosos; e no fim, para completar o novo auto de fé reunio tudo e lançou-lhe fogo!

O povo estava tão fraco e tão decaído que só assistiu ao vinganças; só reunia forças contra coisas como estas...

Em Lisboa, o povo também tumultuou em delirio de vinganças, arrastando o que encontrava lá dentro; a estatua de Fé foi arrancada também...

Foi um gaudío para os ofendidos; lá dentro troféjavam nos ossos das victimas, fixavam o sangue tálvez de parentes; por isso cá fora, ao ar livre, o delirio de vinganças foi grande, mas só chegou a fracos e caremichos nos meados...

Estava acabado de vez esse terrível tribunal
 que tão laboriosamente D. João III conseguira.
 Esse documento de fatalismo e do poder ab-
 soluto, acabou por fim vencido pela Ideia mo-
 ra, que vinha agoreando desde que em Paris a
 Bastilha formidável foi arrasada pelo povo;
 vencida pela Ideia nova que vinha alumiaando
 sucessivamente os espíritos de todos nuns
 compreensão justa do progresso e de liberdade;
 vencida pela Ideia nova que triunfou, que
 tem triunfado e que ha-de triunfhar porque
 a justiça e liberdade não desapparecerão de cer-
 to, deste mundo.

== {22-III-904}

Bibliographia: José d'Almeida: Historia da revolu-
ção de 1820, III — P. Chagas: Historia de Portugal,
 VIII, cap. IX — O Comin. Lericusse, 5160-5173 — N. M. Si-
 meões de Castro: Quis historico do rei João em Coimbra.

7 d'abril de 1533 = A bula de Jerdão.

« Declarava (Clemente VII) —
 aliás com bem pouca verdade —
 que procedia assim de recu-
 sados e egotística vontade,
 sem que nisto intervissem suf-
 ficientes dos christãos-novos, nem
 instancias de ninguém. »

A. Hesclano: História da origem
 e estabelecimento do Inquisição
 II, 7.

Sempre foi uma preocupação constante do fanatismo christão, o eterno odio a que se vol-
 tava a laboriosa e intelligente raça proscrita dos
 judeus. Filho de preconceitos para raras e do fa-
 natismo estúpido, esse odio foi subsistindo atrá-
 vez dos seculos motivando constantemente in-
 justas perseguições e innumeros vexames.

Em Portugal o odio e o despreso voltado á
 raça israelita, foi sempre como em toda a parte;

a sua riqueza, a sua inteligência, o seu saber, eram suficientes estímulos para a estultícia fanática do povo. Os padres animavam a sua índole de multos e sempre ficará como eterna vergonha para a nossa história, aquella celebre resistência em Lisboa, nos tempos de D. Manuel em que padres, de cruz alçada, instigavam o povo a uma crueldade sem nome.

Depois, com D. João III — fanático com a grande qualidade de ser sincero — viu-se a necessidade de ceder...

A Inquisição tinha de vir para Portugal: em Espanha dava os melhores resultados... e assim começaram as negociações com a Santa Sé.

Quem poubes o que foram estas negociações está habilitado a dizer que a sociedade portuguesa estava numa enorme corrupção, correndo a pressa a uma funda decadência e que na Santa Sé lavrava igual podridão.

Com as cousas assim, se fundou essa instituição tremenda que Borges Carneiro disse

tres seculos de mais nos « filha da yenuernidade
e do calculo. »⁽¹⁾

Da parte do rei, o fauorismo era sincero,
diz-o Placulano⁽²⁾; mas a correção era tal que
a sinceridade dos fedidos do monarca algu-
raram-se no meio da gaurancia de todos.

Em Roma, um meio evidentemente in-
teligente e culto, viu-no bem quanto odio nos
der uma causa assim: D. João III, por um lado,
com o seu zelo religioso deu tudo para que
viesse uma autorização para se instalar o tri-
bunal; os judeus, por outro lado, com o inte-
resse a estimulal-os iam egualmente dando
quanto odiam para que essa autorização
ficasse apenas num simples desejo.

E assim se negociou, assim se explorou
um rei e uma raça desgraçada, em nome
de Christo; assim se tiraram milharas e mi-

⁽¹⁾ Discurso na Camera, in Arriago: Hist.ª da
revolucao de 1820, III, 81

⁽²⁾ Historie da origem e estabelecimento do Ju-
risdicao em Portugal, ... , ...

thares de cruzados aos Jheres christãos-novos, que os largáram na esperança que o successor de S. Pedro não seria vulneravel ás fraquezas humanas...

As negociações foram longas e conflituadas; Herculano deu-nos um esplendido quadro dessa corrupção enorme e nelle se vê o que há de avaricia, a ganancia duma classe que não segue o caminho altamente pyrrulico que lhe é imposto pela sua Lei, e que se deixa arrastar na corrente das baixezas e das vilanias.

Em Roma havia embaixadores do rei e dos christãos-novos; ambos negociavam os interesses dos seus e quem sabe se os seus proprios interesses!

O dinheiro corria a rodo; a India dava muito e os judeus eram tambem muito ricos: e no curia afagava-se a esperança de que as suas riquezas não se acabariam cedo...

E infelizmente assim foi: a 17 de dezembro de 1531, o papa Clemente VII, expediu uma

bullas pela qual a Inquisição ficava fundada em Portugal para se evitar que os christãos-novos voltassem aos seus antigos ritos, para castigar como cunheiras as bruxas, as feiticeiras, etc, etc.

Mas não era tudo: D. João III queria mais. A corte não estava satisfeita porque o poder da Inquisição era pequeno e receiava a influencia perigosa da riqueza dos judeus no commercio marítimo. Por isso as negociações continuaram.

Os judeus, contudo, levaram a melhor durante algum tempo contra esse rei que os queria exterminar de vez no seu odio rancoroso de christãos estúpidos. O celebre cardinal Santiquatro disse mesmo, vendo tanta insistência, « que parecia que se desejava a Inquisição para provelto proprio e adquirir as fazendas dos judeus. »⁽¹⁾

E o que é facto é que o mesmo papa publicou a bulla de 7 d'abril de 1533 — a bull

⁽¹⁾ Hist. de origem e estabelecimento, I, 227.

de Yerdão — em que se purgou o estabelecimento do Tribunal do Santo Officio em Portugal, mas em que declarava que «dadas certas circunstancias a anterior concessão se renovaria.»⁽¹⁾

Desceu a Hercules: «a espeda de Danno-
eles ficara yudente sobre a raça yoscripta.»⁽²⁾

Os judeus talvez se julgassem salvos, mas a corte não podia tolerar tal coisa; as instancias renovaram-se e o dinheiro correu com mais força.

A curia fazia uma politica esdrá; e quando vio que era a occasião, concedeu eubão de rey, o almejado tribunal que ia nocian o famosissimo bronco do mesario portuguez, em bulha de 23 de maio de 1536.

Estava satisfeito o rei D. João III: a raça d'Israel tinha de se curvar perante a esbulhada

⁽¹⁾ Hist.^o da origem etc, II, 4

⁽²⁾ Ibidem, II, 4

Bibliographia: N. Hercules: Hist.^o da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.

intolerancia clerical. As suas fortunas color-
 paes iam enfim, paciar a estúrgides dos con-
 rultos; as vingancas iam exercer-se ineligi-
 navelmente; e em breve, por todo o paiz, se ia
 estender um nuanto de tristezza e de luto, il-
 luminado escassamente, de quando a quan-
 do, pelas fogueiras dum ou outro auto-de-
 fé.

==

{ 31 - III - 204 }

XXV

17 de março de 1909 = Assassinato do
general Bernardino Freire.

«... dilacerado nas garras da
gentilha Java quem ha-de cair
a aurora da civilização, quando
se descobrirem artes de polgar
tigres fora do jaulo...»

Camillo: O Demônio do
ouro, II, cap. IX.

Depois da convenção de Cintra Jela qual os
ingleses enviaram para França, com todas as
honras dum vencedor, o vencido general Ju-
not (agosto - 1808) Portugal ficou por algum
tempo livre de franceses.

As Joleas consentirem que descausassemos
um Jauco, mas Jauco, Jereque o seu objetivo
era domar a Península e expulsar de cá as
forças britânicas.

Como fôra mal sucedido na primeira tentativa, pois que a segunda vez não houve as dificuldades e nesse sentido mandou as suas instruções nos princípios de 1809 a Berthier que era o chefe do Estado-maior na Península.

Errata, ad
fin. —

Sault, na Galizia, em virtude dessas instruções, devia com o seu corpo d'exercito de 24:000 homens entrar em Portugal pela Galizia e assestarear-se do Porto nos primeiros dias de fevereiro e no meado do mez (a 16) devia entrar em Lisboa.

Napoléon chegou a marcar os dias! Os seus marchas, Jorem, e que foram de pouca gentralidade...

Mas Sault dirige-se do Ferrol onde estava, e tenta atravessar o rio Minho em 15 de fevereiro — e nós estávamos novamente a braços com uma outra invasão.

Portugal estava exaustão; Junot tinha tido do o melhor do nosso exercito; a nossa força moral, abatida; e dinheiro... não havia!

Diz o general austriaco Montecuculli:
 « são essenciaes tres cousas para fazer a guerra: dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. »⁽¹⁾ E era exactamente o que nós não tínhamos.

Contudo jousou-se em organizar resistencia e para isso foi mandado o general Bernardim Freire d'Andrade — muito considerado pelas suas altas qualidades — cubrir com as forças de que dispunha, a cidade do Porto pelo norte, nas fronteiras do Minho e Trás os Montes.

Bernardim Freire era homem d'acção; quando Junot dissolveu o exercito e organizou a celebre Legião, retirou-se do serviço e só voltou ao seu posto quando Wellington veio com forças inglesas auxiliar o movimento insurreccional que depois engulsou aquelle general. Tomou o commando d'uma divisão e a sua conducta foi sempre digna e honrosa.

Por isso agora que Portugal corria um

⁽¹⁾ Jm A. P. Taveira: Campainha do marechal

um Jozigo enorme, foi Bernardino Freire o escolhido para organizar a defesa.

E nada mais espinhoso Jodiam dar ao patriota e Juedomorroo general.

Al Jovincia estava num amombroso estado de desorganisação; o Jovo barrava; as milicias estavam indisciplinadas; e os Jadres faustisavam de tal modo as massas Jofuleiros que estas, num exaltação enorme, no viam traidores em toda a Jarte.

Diz Pinheiro Chagas: « faustisado Jolo sacerdotes, o Jovo tumultuava por toda a Jarte e não attendia nem ás excitações pauguiarias de Jadres indignos do seu ministério. »⁽¹⁾

Contudo, o general não desanimou; e com as forças de que dispunha, Joz em estado de defesa a margem esquerda do rio Minho e de tal modo que Sault não o Jande atravessar co-

Sault em Portugal - 22

⁽¹⁾ História de Portugal, VII, 587 (cap. XXIX)

mo queria e zerdeu no tentativa alguma gente, e assim teve de ir tentar a invasão pela fronteira de Traz-os-Montes.

Realmente, passando por Orense, dirigio-se a Chaves.

Aqui, havia o mesmo desordem; e tanto que o general Silveira, seu commandante, retirou-se e a graça entregou-se sem condições, deixando prisioneiros 3.700 homens que ha pouco atacavam de facto o seu general!

Bernardino Freire, vendo a retirada de Silveira para Villa-Pauca-d'Aguia, foi ganhar os desfiladeiros de Ruivães e Salamanca de fora — pelo menos — ganhar tempo sobre o invasor. Mas o seu fanatismo e cheio de um falso patriotismo e que não queria a defensiva; os generaes que prudentemente iam retirando, para conseguir vantagens com essa retirada, eram traidores, jaculinos, o diabo!

Coutinho Freire ainda tentou o que podia quando Sault, atravessando sem difficulda-

des os desfiladeiros mal defendidos, se dirigio para Braga. Tentou a defesa da linha de montes que ha a nascente desta cidade, mas com o estado da yolluções vio que nada fazia e preparou a retirada para o Porto.

Do saber isto, o Jovo vio claramente a traição do general: Bernardino Freire era um vendido...

Braga amotinou-se então; queria ir ao encontro dos francezes: a anarchia era completa.

E na estrada do Porto, o general foi encontrado pelos ordenanças de Tobosa que o prenderam e o levaram á cidade onde então se deu uma perfeita scena de selvageria. ⁽¹⁾

O barão d'Ebber, official allemão, ainda tentou salvar o illustre militar, mas o Jovo não deu ouvidos a cousa alguma e na sua furia, fez passar pelos maiores insultos aquelle que se sacrificára para o salvar.

⁽¹⁾ Ver o romance de Almeida Garrett "O sargento

Conte o mesmo barão que o povo rodeau
do o general berrava furiosamente:

— Matá-o! matá-o! ⁽¹⁾

Não era uma revolta, era uma tirada!

E com chuzos e com tiros, arrastando o
corço pelas ruas, mataram um homem que
a nossa história pôde agitar com ufania.

x

Depois, uma "ordem do dia" do fim desse
ano, declarava a conducta do general uma
preheursivel, e sua fidelidade superior a to-
da a povo, e sua honra pura e illibada, e
que o seu nome devia ser conservado em res-
peito. ⁽²⁾

« Eis ali — commento o credito e distin-
to official do Estado-maior, N. P. Taveira — e

to-mán de Villar em que as novas vergonhas
deste periodo estão descritas com uma certa cor
dramatica, e com rigor historico — dando um
quadro evocante dos acontecimentos.

⁽¹⁾ Em Taveira: obr. cit. 2, 62

⁽²⁾ Seu transcripto no mesmo obra de Taveira,
doc. ^{to} XIX.

"

" sorte que esgote todos os generaes, os seus esta-

" do-maiores e outras autoridades, se um dia

" Portugal se vir em circumstancias analogas

" pela incuria dos governos.

"

" Euzer dizer: todos os esforços para defender

" o terrao da patria contra invasoes, se durante

" os longos ocios da paz não se fôr cuidando

" periodicamente de organizar o seu exercito, ar-

" mada e fortificações, como fazem todas as na-

" ções previdentes que preparam a sua autono-

" mia. »⁽¹⁾

====

{5-III-904}

⁽¹⁾ Tavares: obs. cit.², 63

Bibliographia: N. P. Tavares: et Campaignas do mar
rechal Soult em Portugal — P. Chagas: Historia
do Portugal, VII, cap. XXIX — Tirrel: Historia
re abregée des guerres de la revolution, 549 — G.
millo: O Demónio do ouro, II, cap. IX.

= Appendice =

I

= Índice A =

- Affonso V (D.) — VIII
 " (D.) conde de Barcellos — II
 Alcacén - Kibir — I
 Alcantara [batêta da Ponte d'], 1580 — XVII
 Aliança - inglesa — XXII
 Andeiro [João Fernandes] — V
 Andrade [Bernardim Freire] — XXV
 Beresford — IX
 Bombaim [Entrega de] — XXII
 Bragança [A casa de] — II
 Bula de Zerdão, 1533 — XXIV
 Cabral [Costa] — XIX
 Castro [Ant.º de Mello e] — XXII
 Christo [A endem de] — X
 Crato. [D. Ant.º, prior do] — XVII
 Diniz [D.] — X
 Estevam [José] — XIX
 Fernando [D.], 2º duque de Bragança — II
 " " , 3º " " " — II
 Fidelissimo [O título de] — XV
 Grêve academica de 1907 — XIV
 Inquirições em Portugal — XXIII, XXIV.

- Invasão francesa (2ª) — XII, XXV.
 Jayme (d.), 4º duque de Bragança — II
 João I (d.) — V
 " II (d.) — XIII
 " III (d.) — XXIV
 " IV (d.) — II, VII
 " " " (Crocção de) — VII
 " V (d.) — XV
 " VI (d.) — XX
 Junot — IV
 " (Entrada de) em Lisboa — IV
 Lemos (d. Franc.º de) — XIV
 Luis I (d.) — XXI
 Magul, combate — XVIII
 Malaca (cerco de) — III
 Miguel (d.) — VI, XI, XX
 Moniz (Bernardim Ant.º) — XVI
 Nun' alvares (ordem de) — III
 Paes (Alvaro) — V
 Pomal (Marques de) — XIV
 Restauração de 1640 — VII
 Revolta de 1383 — V
 Saldanha — XXI
 Sebastião (d.) — I
 Smoleusko — XVI
 Soult — XII
 Teruglo (ordem de) — X
 Tordesillas (Tratado de) — XIII
 Vaino (Batalha de) — VIII

- Torres Novas (Revoltã de) ann 1844 - XIX
 - Universidade - XIV
 - Vasconcelos (Aut.^o Cesar de) - XIX.
 - Veiga (Tristão Vaz de Veiga) - III
 - Villa-francada - XX.
-

II

= Judece B. =

1399		
A Orden de Christo		<u>XIII</u>
1383		
O "alvoroco" de 1383		<u>V</u>
1401		
A Casa de Bragança		<u>II</u>
1476		
Paço		<u>VIII</u>
1494		
A divisão do mundo (Tordesillas)		<u>XIII</u>
1533		
A "bula de yndas"		<u>XXIV</u>
1573		
Uma façanha d'outras eras		<u>III</u>
1578		
Alcaçã Kibir		<u>I</u>
1580		
A Junta d'Alcantara		<u>XVII</u>
1640		
Coroaçã de D. João <u>IV</u>		<u>VII</u>
1662		
Embargo de Bombaim		<u>XXII</u>

	247
1749	
O título de "fidelíssimo"	<u>XV</u>
1772	
O marquez de Pombal e a Universidade	<u>XIV</u>
1807	
Entrada de Junot em Lisboa	<u>IV</u>
1809	
Bonaparte e nomeado comandante em chefe	<u>IX</u>
Assassinato do general Bernardino Freire	<u>XXV</u>
Entrada do marechal Sault no Porto	<u>XII</u>
1812	
Smoleusko	<u>XVI</u>
1821	
A extinção do Santo Officio.	<u>XXIII</u>
1823	
A canção da Joazeira	<u>XX</u>
1828	
O "Reiz chegou"	<u>VI</u>
Uma dissolução de cortês	<u>XI</u>
1844	
A revolta de Torres Novas	<u>XIX</u>
1870	
A "revolta da meia noite"	<u>XXI</u>
1895	
Magul	<u>XVIII</u>

III

= Judece C =

Fevereiro:4 = 1844 = Revolta de Torres Novas XIX22 = 1828 = O "Rei chegou!" VIMarço:1 = 1476 = Tóro VIII7 = 1809 = Baresford e nomeado com.^{te} etc IX13 = 1828 = Uma dissolução de cortes XI14 = 1319 = Fundação do orden de Christo X17 = 1809 = Assassinato do general B. Freire XXV29 = " = Entrada de Soult no Porto XII31 = 1821 = Extinção do Santo Officio XXIIIAbril:7 = 1533 = A bulla de Jendás XXIV9 = 1662 = Entrega de Bombaim XXII21 = 1749 = O título de "fidelissimos" XVMaió:19 = 1870 = A revolta da meia-noite XXIJunho:2 = 1823 = D villos-francada XX7 = 1494 = D divisões do mundo XIIIAgosto:4 = 1578 = Hlescañ - Kibir I

18 = 1812 = Smeleusko	<u>XVI</u>
25 = 1580 = O youte d'Alcantara	<u>XVII</u>
<u>Setembro:</u>	
8 = 1875 = Magul	<u>XVIII</u>
22 = 1772 = O marquez de Pombal e a Universidade	<u>XIV</u>
<u>Novembro</u>	
8 = 1401 = O caso de Braganca	<u>II</u>
16 = 1573 = Ilha feçanha d'outras eras	<u>III</u>
30 = 1807 = Entrada de Junot em Lisboa	<u>IV</u>
<u>Dezembro</u>	
6 = 1383 = O alvaroz de 1383	<u>V</u>
15 = 1640 = Delameçao de D. Joao <u>IV</u>	<u>VII</u>

IV

= Judece D. =

- I = o Journal Torrejano, n.º ...
 II = " " da Louzã, n.º 150
 III = " " " " , n.º 151
 IV = " " Torrejano, n.º 1103
 V = " " " " , n.º 1104
 VI = não foi publicado.
 VII = o Journal Torrejano, n.º 1105
 VIII = " " " " , n.º 1116
 IX = " " " " , n.º 1117
 X = " " " " , n.º 1118
 XI = " " da Louzã, n.º 166
 XII = " " Torrejano, n.º 1120
 XIII = " " " " , n.º 1132
 XIV = " " " " , n.º ..
 XV = " " " " , n.º ..
 XVI = " " " " , n.º ..
 XVII = " " " " , n.º ..
 XVIII = " " " " , n.º ..
 XIX = " " " " , n.º ..
 XX = " " " " , n.º ..
 XXI = " " " " , n.º ..
 XXII = " " " " , n.º ..

Erratas:

Al pag. 23 — onde se lê: ... causa diz o citão do chro-
nista... — ler: ... causa diz o falecido Emilianus
de Batencourt...

Al pag. 234 — onde se lê: Soult, no Dalmezia... —
ler: Soult, duque de Dalmezia...

Indice:

I	Alcaçar Kibir	1
II	O caso de Bragança	9
III	Uma façanha d'outras eras	20
IV	Entrada de Junot em Lisboa	29
V	O "alvaroz" de 1383	40
VI	O "Rei chegou!"	51
VII	Coroação de D. João VI	60
VIII	Toro	70
IX	Beresford e os muros do commandante em chefe do exercito	82
X	O orden de Christo	93
XI	Uma dissolução de cortes	104
XII	Entrada do marechal Soult no Porto	117
XIII	A divisão do mundo (Gardasilas)	120
XIV	O marquez de Pombal e a Universidade	142
XV	O titulo de "fidelissimus"	157
XVI	Combate de Smolensko	165
XVII	O Joute d'Alcantara	173
XVIII	Maguel	180
XIX	A revolta de Torres Novas	187
XX	A campanha de Joeire	195
XXI	A "revolta do meio-noite"	204
XXII	A entrada de Bombaim	212
XXIII	A extinção do Santo Officio	220
XXIV	O leulo de Jendai	226
XXV	Associação do general Bernardino Freire	233

Agenda
Index A
" B
" C
" D

241
243
246
248
250

Este volume foi escrito desde 6 de março de 1866
até 20 de junho de 1866, na cidade de Coimbra, e
na casa n.º 7 da rua de Thomar, até ao caf.º XIV e
do caf.º XV por deante no casa "Jantiguero" de rua
Francisco Rodrigues, bairro de Santa Cruz. =
Coimbra, 4 de julho de 1866 = Belizario Pi-
nenta, F. =



کتابخانه
مکتبہ اسلامیہ
لاہور

